



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Danielly Pierre Procopio da Rocha

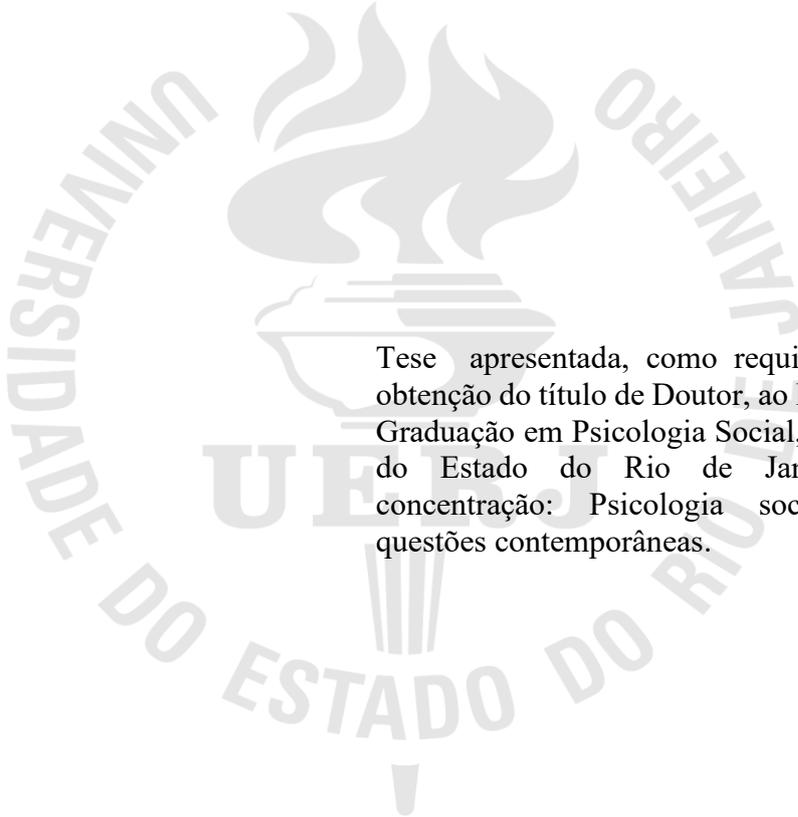
**O que acontece nas universidades aparece nas redes sociais – pelos afetos e
pela tela de Íris**

Rio de Janeiro

2024

Danielly Pierre Procopio da Rocha

**O que acontece nas universidades aparece nas redes sociais – pelos afetos e pela tela de
Íris**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia social, história e questões contemporâneas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R672 Rocha, Danielly Pierre Procopio da.
O que acontece nas universidades aparece nas redes sociais – pelos afetos e pela
tela de Íris. – 2024.
179 f.

Orientadora: Alexandra Cleopatre Tsallis.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia social – Teses. 2. Ensino Superior – Brasil – Teses. 3.
Mulheres – Teses. I. Tsallis, Alexandra Cleopatre. II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

br CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Danielly Pierre Procopio da Rocha

**O que acontece nas universidades aparece nas redes sociais – pelos afetos e pela tela de
Íris**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social, história e questões contemporâneas.

Aprovada em 7 de junho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Alexandra Cleopatre Tsallis (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Rosane Barbosa Marendino

Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a. Monique Araújo de Medeiros Brito

Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Alessandra Aniceto Ferreira de Figueiredo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Ana Claudia Lima Monteiro

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a todas as mulheres/estudantes (entendendo como mulher toda aquela que se sente, se percebe e se identifica como tal) que passaram/estão/ingressarão pelo Ensino Superior.

AGRADECIMENTOS

Para que fosse possível eu realizar o sonho de estar aqui, digitando cada palavra que compõe esta tese, contei com muitas ajudas...

Agradeço às pessoas da minha família que me deram e dão suporte, cuidado, carinho, amor e estão comigo todos os dias: à minha mãe, Elizabeth Pierre, que faz muito mais do que tudo que pode por mim, e ao meu companheiro, Jonas Pontes Rangel, que sempre sabe o que dizer e fazer para me acalmar/cuidar, e sabe que se me oferecer algo gostoso para comer eu fico melhor;

Agradeço aos meus filhos de outras espécies, que sempre me fazem sorrir, brincar e lembrar que a vida pode ser leve e cheia de amor: Preta (*in memorian*), Tufão, Cookie, Thor, Mel (*in memorian*) e Skinner;

Agradeço ao Laboratório afeTAR por ser tão parceiro e afetuoso, pelas leituras, comentários, reuniões, conversas... Por todas as partilhas envolvendo pesquisas e, claro, às amizades que foram se construindo no caminho, dentre elas seguem algumas que faço questão de destacar:

A primeira pessoa que eu olhei e pensei "nossa...quero muito ser amiga dessa pessoa!", que cativou minha admiração de imediato, tem um sorriso lindo que acolhe. Sabe do que eu mais gosto nela? Ela fala sorrindo na maioria das vezes. O sorriso é o seu destaque! Um sorriso no qual transbordam afetos: Sonalle Cristina de Azevedo da Fonseca/Nalle;

Ela que tem um cabelo incrível, cacheado, longo e ruivo, que tem um olhar que abraça e todo um cuidado e carinho em tudo que faz. Ela é comilona, é palhaçada e leva o riso e a alegria à sério. Minha parceira de apelido... Eu sou a D1 e ela a D2: Danielle Miranda/Dani/D2;

Ela que é a dona de um sotaque paraibano lindo, um carisma sem igual! Mulher arretada que sabe colocar a gente para cima. Com ela alguns desafios que enfrentei se tornaram mais fáceis e até mesmo felizes, pois quando fazíamos chamadas de vídeo enquanto eu estava travada na escrita e desacreditando de mim, ela me deu tudo que eu precisava, algo que nem sei colocar em palavras, mas aprendi com ela que "isso é o afeTAR": Jackeline Sibelle Freires Aires/Jack;

Falando em sotaque, preciso falar também de uma mulher linda que tem um sotaque baiano mais lindo ainda! Inspiração e exemplo sobre como fazer ciência no feminino. Tem um coração repleto de bondade e a melhor das energias: Monique Araújo de Medeiros Brito;

Ela que entende bem sobre tecnologias, organização, pautas e amizade, que tem um jeito doce e no meio dessa doçura, uma força e generosidade que contagiam: Dandara Chiara Ribeiro Trebisacce;

À mulher que escreve da forma mais organizada que eu já vi, que eu admiro e tenho um carinho enorme, que passa segurança quando fala e, simplesmente quando está presente: Fernanda Sansão Hallack;

Durante um tempo aprendi sobre fazer relatórios com ela, a dona de uma escrita sensível que cativa, comove e ensina sobre o que é fazer ciência com vida, através de cartas: Keyth Vianna;

Uma mulher gentil, de riso fácil e muito atenciosa. Mandava mensagem com frequência no *WhatsApp* para saber como eu estava, sempre com palavras doces e uma amizade com a qual eu sabia que podia contar: Vivian Nunes Nogueira;

Ele que me deu muitas dicas sobre tecnologias, redes sociais, *chatGPT* e afins, muito simpático e sempre atento de forma cuidadosa: José Antônio Pereira;

Uma mulher que, na minha concepção, parece que nasceu pronta, ela é a cara do laboratório, consegue equilibrar “falar o que tem que ser falado” com cuidado: Loíse Lorena do Nascimento Santos;

Agradeço, em especial, à uma mulher, mãe, psicóloga, pesquisadora, professora, amiga que quando olha nos olhos da gente, parece conseguir acessar o que há de mais profundo. Ela que me aceitou, recebeu, acolheu, cuidou, orientou e ensinou sobre como pesquisar com parcerias e ALEgria. Ela que nas aulas e nas uniões recebe uma pessoa de cada vez, com um abraço que nem dá vontade de soltar, com essência de lavanda e uma voz doce que pergunta sobre como estamos, e é nítido que não é uma pergunta retórica: Alexandra Cleopatre Tsallis/Alê;

Agradeço à banca por aceitar fazer parte desse momento tão especial para mim, por sua leitura atenta e contribuições: Rosane Marendino, Monique Brito, Alessandra Aniceto, Ana Claudia Monteiro e Laura Quadros.

Ela que domina a arte de revisão de texto e formatação, e que desde 2020 se tornou uma amiga com quem me identifico, admiro e confio muito: Maria Eduarda Jardim.

Agradeço à minha psicóloga Jussara Barbosa da Silva Abreu e ao meu psiquiatra e amigo Rodrigo Brasil, por cuidarem da minha saúde mental com tanto afeto.

Ao amigo que me ajudou nas horas de desespero e transições ao longo dessa jornada, prestando sua solidariedade e me fazendo rir quando achava que não seria possível: Lucas Cardoso.

Às amigadas que me acompanharam, mesmo que em alguns momentos (ou muitos) eu tenha ficado ausente, meus vizinhos: Ana Carolina Zaú e Davi Zaú, com seus filhos Claudio e Stella;

Às amigadas feitas recentemente, agora que me cuido mais e vou para a academia regularmente - academia de atividade física (risos): Hiana Mara de Almeida Simões Magalhães; Victor Delamar Magalhães; Tatielen dos Santos Pereira; Gustavo Luiz Martins Sobral.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS/UERJ) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Descrição da imagem

Quadrado em moldura preta com fundo branco, mostrando dentro dele o perfil online chamado “Psicologia da Depressão” compartilhando o post do perfil chamado “Massado de achis”, na data de 3 de agosto de 2016. A frase do *post* é: uma coisa que a faculdade me ensinou é que nunca vai dar tempo mas vai ter que dar tempo sim.

1,9 mil pessoas curtiram; 160 comentaram; 654 compartilharam.

RESUMO

ROCHA, Danielly Pierre Procopio da. *O que acontece nas universidades aparece nas redes sociais – pelos afetos e pela tela de Íris*, 2024. 179 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Ser mulher traz desafios ao longo da história do Brasil e do mundo, e não teria como ser diferente o que vem sendo ser mulher no Ensino Superior. Esta tese objetiva se encontrar com histórias de mulheres vivenciadas ao longo da formação acadêmica no Brasil. Para tal encontro, navegaremos nas redes sociais do *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, rastreando *hashtags*, perfis e *memes* focados em temas estudantis acadêmicos. Muitas histórias contadas, ou melhor, postadas *online* nos fez (re)conhecer desafios embasados no machismo, misoginia, classicismo, LGBTFobia, racismo, religião, etnia dentre outros marcadores sociais da diferença. A forma de fazer pesquisa no Laboratório afeTAR embasada na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, no PesquisarCOM da Marcia Moraes e, nesta pesquisa utilizando o conceito de netnografia da Christine Hine foi a metodologia que deu corpo para esta tese. Esses marcadores refletem nitidamente nas experiências das estudantes universitárias, em sua formação acadêmica e sua saúde mental. Falar dessas histórias é um passo para cuidar do ambiente universitário de forma genuína e saudável, na busca por um lugar seguro e acolhedor para todas as mulheres.

Palavras-chave: Marcadores sociais da diferença. Teoria Ator-Rede. Ensino Superior.

ABSTRACT

ROCHA, Danielly Pierre Procopio da. *What happens at universities appears on social media – through Iris's affections and screen*, 2024. 179 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Being a woman brings challenges throughout the history of Brazil and the world, and it would not have to be different from what has been being a woman in higher education. This thesis objective to meet with stories of women experienced throughout academic formation in Brazil. For such a meeting, we will browse the social networks of Facebook, Instagram and Twitter, tracking hashtags, profiles and memes focused on academic student topics. Many stories told, or rather, posted online made us know challenges based on machism, misogyny, classicism, LGBTFobia, racism, religion, ethnicity among other social markers of the difference. The way to do research at the AfeTAR Laboratory based on the Actor-Network Theory of Bruno Latour, in the “PesquisarCOM” of Marcia Moraes and, in this research, using the concept of netnography of Christine Hine, which was the methodology that gave body to this thesis. These markers clearly reflect the experiences of university students, their academic development and their mental health. Talk about these stories is a step towards taking care of the university environment in a genuine and healthy way, in the search for a safe and welcoming place for all women.

Keywords: Social markers of difference. Actor-Network Theory. University education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Print de um post do Instagram sobre o feminino	17
Figura 2 – Imagem da Íris, Deusa mensageira	21
Figura 3 – Imagem retirada do Facebook sobre se sentir perdido na faculdade	29
Figura 4 – Comentários tecidos em uma das versões de tese do AfeTAR sobre o termo ensino superior em abril de 2023	32
Figura 5 – Gráfico do Número de Instituições de Educação Superior, por Categoria Administrativa em 2023	33
Figura 6 – Print de post no Facebook sobre a centralização de funções no smartphone.	39
Figura 7 – Exemplo de um meme facilmente editável.	49
Figura 8 – Meme sobre pensar em desistir da faculdade.	51
Figura 9 – Páginas voltadas para universitárias que usam o termo “da depressão”	52
Figura 10 – Print do Facebook de meme sobre uso de metodologia	61
Figura 11 – Post do Facebook do perfil DENEM	64
Figura 12 – Gráfico com percentual de estudantes universitárias divididas entre mulheres e homens, em IES públicas e privadas	71
Figura 13 – Distribuição percentual dos concluintes de graduação, por sexo, segundo a área geral dos cursos no Brasil em 2022	72
Figura 14 – Post do Instagram “o trabalho poderá ser sobre algo que você gosta muito”	84
Figura 15 – Busca no Google sobre tipos de violência contra a mulher	85
Figura 16 – Fragmento do livro O Segundo Sexo	89
Figura 17 – Post do Instagram “dando uma pausa nos estudos para chorar”	95
Figura 18 – Matrículas em Universidades públicas e privadas dos anos de 2008-2018	101
Figura 19 – Print de Instagram sobre usar a inteligência artificial na prova	102
Figura 20 – Print de camiseta “Não pergunte a minha nota do Enem”	103
Figura 21 – Post do Facebook sobre zerar o Enem	104
Figura 22 – Representação da nota do Enem	105
Figura 23 – Notas do Enem	106
Figura 24 – Meme sobre primeiro dia de aula	110
Figura 25 – Notícia sobre a pandemia do Coronavírus	115
Figura 26 – Notícia sobre o uso de vermífugos contra a Covid-19	117
Figura 27 – Meme do Facebook sobre o Ensino Remoto	119

Figura 28 – Notícia sobre o projeto Alunos Conectados	121
Figura 29 – Meme sobre ter aulas presenciais	123
Figura 30 – Capa do livro Polegarzinha	124
Figura 31 – Pesquisa no Google sobre saúde mental	131
Figura 32 – Divulgação do Com-Por	135
Figura 33 – Print nº 1 de post com denúncia de assédio de professor	139
Figura 34 – Print nº 2 de post com denúncia de assédio de professor	140
Figura 35 – Print nº 3 de post com denúncia de assédio de professor	140
Figura 36 – Print nº 4 de post com denúncia de assédio de professor	141
Figura 37 – Print nº 5 de post com denúncia de assédio de professor	142
Figura 38 – Print nº 6 de post com denúncia de assédio de professor	143
Figura 39 – Print nº 7 de post com denúncia de assédio de professor	144
Figura 40 – Print nº 1 de crítica à competitividade nas faculdades	144
Figura 41 – Print nº 2 de crítica à competitividade nas faculdades	145
Figura 42 – Print nº 8 de post com denúncia de assédio de professor	146
Figura 43 – Print nº 9 de post com denúncia de assédio de professor	147
Figura 44 – Print nº 10 de post com denúncia de assédio de professor	147
Figura 45 – Meme sobre surpresa e descontentamento	148
Figura 46 – Print de notícia sobre artigos assinados por mulheres	151
Figura 47 – Print de notícia sobre o abandono do Ensino Médio	152
Figura 48 – Número de ingressantes em cursos de graduação na rede federal – Brasil de 2012 a 2022	157
Figura 49 – Meme “dando aquela última lida na tese/dissertação”	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Diferentes fases da internet	42
Tabela 2 – Representação dos primeiros memes famosos nas redes sociais	48
Tabela 3 – Número e percentual de candidatos que atingem a nota de corte para cada curso	159
Tabela 4 – Percentual de estudantes com acesso à internet e computador disponível em casa	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DENEM – Direção Executiva Nacional de Estudantes de Medicina

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ES – Ensino Superior

IES – Instituição de Ensino Superior

FIES – Financiamento Estudantil

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

OSC – Organizações da Sociedade Civil

PROUNI – Programa Universidade Para Todos

SEMESP - Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação

SISU – Sistema de Seleção Unificada

SUMÁRIO

Carta à banca.....	15
Carta às leitoras.....	16
Carta de apresentação.....	19
INTRODUÇÃO.....	23
1 POR QUE O ENSINO SUPERIOR SE CHAMA ENSINO SUPERIOR? - CONHECENDO UM POUCO DA HISTÓRIA DESSA MODALIDADE DE ENSINO NO BRASIL.....	29
1.1 Navegando pela história do Ensino Superior no Brasil.....	34
2 COMO A SOCIEDADE BRASILEIRA VEM MUDANDO COM A EVOLUÇÃO DA <i>INTERNET</i> E O USO DAS REDES SOCIAIS?.....	39
2.1 Conhecendo melhor essa rede <i>online</i> que conecta pessoas.....	45
3 COMO FOI DAR VIDA A ESTA TESE?	61
3.1 Sobre a construção da escrita.....	77
3.2 Pesquisa com ALEgria.....	80
4 A PASSAGEM E OS AFETOS DE ÍRIS PELO ENSINO SUPERIOR – HISTÓRIAS BASEADAS EM FATOS REAIS ENCONTRADOS NAS REDES SOCIAIS.....	84
4.1 Dia do Enem.....	92
4.2 Saiu o resultado do Enem.....	100
4.3 Primeiro dia de aula no Ensino Superior.....	108
4.4 Pandemia de Covid-19.....	115
4.5 De volta ao presencial.....	122
5 OS EMBARAÇOS DA HISTÓRIA DE ÍRIS SOBRE O ACESSO À UNIVERSIDADE.....	151
6 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
Uma carta para Íris... A última carta.....	168
REFERÊNCIAS.....	169
GLOSSÁRIO.....	179

Carta à banca

Querida banca, quatro anos se passaram. Foram anos difíceis em meio à pandemia de Covid-19 e outras questões acadêmicas que, por algum ou alguns muitos momentos, me fizeram achar que chegar aqui – no final, com a tese pronta – não seria possível. Mas sabe, ao longo desse caminho, encontrei o Laboratório afeTAR, com pessoas que me ajudaram na caminhada, que foram parceiras, amigas e contribuíram ativamente com o texto que aqui se encontra. Pessoas que me fazem acreditar que é possível um ambiente acadêmico saudável, com ALEgria, com respeito. Pessoas como vocês da banca – o convite não foi à toa – que me inspiram e me dão esperança de um presente e futuro acadêmico cada vez melhor, mais acolhedor, mais humano e possível para todas.

Apreendi neste tempo que a universidade não é a vilã em si. Se fosse, o que vocês ainda estariam fazendo aqui? E eu, por que continuaria neste lugar? Lembro de uma frase da Nise da Silveira que diz “O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com a outra. O que cura é a alegria. O que cura é a falta de preconceito”. Penso que o que me curou de considerar tão intensamente o lado ruim da academia foi o contato afetivo que veio sendo tecido nos últimos anos.

O Ensino Superior pode abrir portas para a realização de sonhos, mostra caminhos para a construção de uma sociedade com mais equidade, mais oportunidades e respeito. Vimos no auge da pandemia a importância das pesquisas com as vacinas que vieram para salvar vidas. Acredito que podemos fazer muitos outros tipos de vacina (não a injetável, mas com palavras, gestos, informação, acesso, sabedoria, afeto, atenção, cuidado...) que, inclusive, já estão em desenvolvimento.

Agradeço a cada uma de vocês por fazer parte desse grupo de mulheres-psicólogas-professoras-pesquisadoras que fazem a diferença por onde passam, que ensinam, dentre tantos conteúdos, a importância do abraço, da conversa, do acolhimento e do cuidar.

Com carinho, Dani

Carta às leitoras

Olá, querida leitora! Como vai? Espero que esteja bem. Antes de tudo, gostaria de agradecer por você estar aqui. Venho cuidadosamente lhe contar sobre as políticas de escrita e de nomes utilizadas na elaboração desta tese. Caso você seja um leitor/leitora não se sinta deixado/deixada de lado; por muitos anos o masculino ocupou o lugar de linguagem neutra, mas hoje em dia podemos observar mudanças diante do assunto.

Vou escrever a tese no feminino. Duas mulheres em especial, do afeTAR, me inspiraram nessa decisão: Monique Araújo de Medeiros Brito e Jackeline Sibelle Freires Aires (Jack). Monique concluiu o doutorado em 2021, e a Jack vai qualificar em 2024 e concluirá em 2026. Olha o que encontrei na tese da Monique Brito:

Aqui queremos emprestar o feminino a todas as pessoas, sem que queiramos esmagar sua individualidade, sua subjetividade. Também não é revanchismo. É, antes de tudo, a maneira como me sinto à vontade neste espaço para me expressar. [...] Estamos buscando fazer ciência no feminino, que não é o mesmo que ciência feita apenas por mulheres. [...] Ler um texto todo no feminino causa estranhamento? Sim! Queremos as consequências estéticas e políticas desse estranhamento (Brito, 2021, p. 16).

Foi assim que escolhi escrever a tese no feminino, afinal de contas, sou uma mulher escrevendo, a maioria das estudantes universitárias no Brasil, hoje em dia, são mulheres, a maioria das pessoas no laboratório do qual faço parte são mulheres. Ainda sobre essa escolha, recebi uma mensagem da Jack, após uma reunião de bancada na qual levei meu texto, com a imagem que virá a seguir e dizendo que ela também escreveu sua dissertação no feminino (assim como outras mulheres), então resolvi compartilhar a imagem com vocês:

Figura 1.

Print de um post do Instagram sobre o feminino.



Descrição da imagem: *Post do Instagram com uma imagem onde a metade da esquerda tem o mar azul com uma onda que marca a areia, a qual aparece mais do lado direito; na areia tem uma mulher deitada envolta por água como uma bolsa amniótica e um cordão umbilical que a liga ao mar. Na parte superior da imagem está escrito “Tua primeira casa foi uma mulher. Respeita e agradece”. Postado por soul_jack_soul, com 54 curtidas. Fonte: Instagram.*

Uma pausa para explicar que ao longo desta tese você encontrará muitas imagens e todas elas têm sua respectiva descrição, sendo este um cuidado com a inclusão das pessoas com baixa visão ou cegas.

Continuando... Esta tese trará histórias narradas em torno de experiências no ambiente acadêmico. Experiências minhas? Não exatamente, mas como eu experienciei as histórias que li nas redes sociais, como elas me atravessaram e chegaram ao papel (*online pelo Google Doc*). Vou abraçar o conceito de experiência desenvolvido por Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21) que diz “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Então, como vou falar do que me passou, me aconteceu e me tocou, o farei por uma escrita mais próxima, mais íntima, pois espero que isso possa lhe tocar também.

Como vou trazer essa característica de aproximação na escrita? Vou recorrer a uma política de nomes comprometida eticamente com o campo e com as pesquisadoras/pesquisadores que utilizarei como referência. Para isso, nas citações, utilizarei o nome e sobrenome das/dos autoras/autores (para que possamos saber quem colaborou com o que, e esse “quem” não será apenas um sobrenome que nos levará a uma interpretação de alguém do sexo masculino), e quanto às histórias que virão a partir de *print screen* das redes

sociais, protegerei o nome verdadeiro das pessoas em questão e as reconstituirei em um enredo que será protagonizado pela personagem Íris. Quem é Íris? Vou contar numa próxima carta.

Escrevo como quem escreve para uma amiga querida, querendo contar coisas que possam lhe fazer bem, colaborar para o seu autocuidado, seu bem-estar, sua saúde física e mental. Escrevo do lugar de quem vem aprendendo a se cuidar melhor e percebe que isso faz de mim uma estudante mais viva, mais saudável e, até mesmo, mais feliz. Quero compartilhar esta experiência e mostrar para que fazer pesquisa/ciência envolve se cuidar, se priorizar e fazer isso pelas pessoas ao seu redor também! Desejo-lhe uma boa leitura, e mais do que isso, uma boa experiência!

Um abraço apertado,

Dani

Carta de apresentação

Oi! Meu nome é Danielly Pierre Procopio da Rocha, gosto de ser chamada de Dani. Tenho 33 anos (em 2023), sou uma mulher cisgênero, bissexual, branca, de cabelos naturalmente castanhos, mas pintados de ruivo (ao longo desse doutorado ele teve cores e formatos diferentes) na altura dos ombros, uso óculos de armação arredondada em tom dourado e, por trás deles, encontram-se meus olhos castanhos; tenho algumas tatuagens espalhadas pelo meu corpo que marcam momentos especiais ou difíceis da minha vida. Não possuo nenhum tipo de deficiência e ao longo da minha vida minha família permeou entre classe média baixa e classe média. Sou tímida, meio medrosa, brincalhona quando pego intimidade, dentre tantas formas que tenho de ser, acrescento que sou estudante, atualmente no doutorado. Sou apaixonada pelos meus pets/cachorros que cuido como filhos, faço tudo que posso pela minha família e para ser uma boa amiga. Faço questão de me apresentar assim, pois no Laboratório afeTAR, buscamos trabalhar o tema da inclusão social e acessibilidade. Audiodescrever também é uma ação da nossa luta em prol da diversidade, do respeito e de uma pesquisa localizada num corpo, numa realidade e contexto.

Quando eu era criança sabia que queria ser cientista, ainda que não entendesse bem o que isso significava. Encontrava inspiração nos desenhos animados com tubos de ensaio em busca de mudanças e inovações para a sociedade. Conforme fui crescendo, entendi que queria ser pesquisadora e professora. Hoje sou psicóloga formada em uma faculdade particular, formação que foi possível graças ao Programa Universidade Para Todos, mais conhecido como PROUNI (vou falar sobre ele ao longo deste trabalho). Fiz mestrado em Ciências Ambientais numa universidade federal e hoje, em 2022, estou doutoranda em Psicologia Social em uma universidade estadual. Durante a minha jornada acadêmica vivenciei situações que me trouxeram sofrimento, o que por bastante tempo me fez acreditar que a universidade adoecia as pessoas. Já tive a oportunidade de lecionar como professora substituta em uma universidade federal, o que me fez conhecer um pouco do outro lado da moeda. Hoje busco aprender e me reconhecer no que faço, onde estou e no que pretendo fazer, sem me deixar de lado, me cuidando e cuidando, dentro do possível, de quem está perto de mim.

Eu poderia ficar aqui horas e mais horas escrevendo sobre o que já vivi na academia e o que vi outros estudantes vivendo e sofrendo, poderia falar das mais diversas formas de sofrimento presentes nesse ambiente e no quanto isso afeta a qualidade de vida e a saúde mental

de estudantes... Não que eu goste desse lado sofrido e triste, mas porque isso me sensibiliza, me toca e também me indigna, me faz querer falar, gritar, questionar, denunciar e mudar. A questão não é sobre o que eu poderia escrever ou o que eu vivi, mas é sobre o que estudantes universitárias vêm vivenciando na academia, e como têm se cuidado durante a formação acadêmica. O que vem acontecendo com essas estudantes aqui no Brasil?

Para falar sobre as vivências de estudantes universitárias brasileiras, contarei com a presença da personagem fictícia Íris, que vem a ser um tipo de avatar de quem eu sou. Íris nasceu no Laboratório afeTAR, como uma maneira de dar vida às histórias que contarei, histórias essas baseadas em *prints screen* de conteúdos públicos das redes sociais relacionados a experiências universitárias. Buscarei narrar as histórias com uma linguagem mais informal que venha a colaborar com a fluidez do texto e, principalmente, com a possibilidade de alcance a todas as pessoas.

O Laboratório afeTAR é uma Unidade de Desenvolvimento Tecnológico (UDT) vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), nasceu em 2019 e é coordenado pela professora doutora Alexandra Cleopatre Tsallis, mais conhecida por Alê. Eu cheguei no afeTAR no dia 13 de maio de 2021. Ele é composto por estudantes de graduação, mestrado e doutorado da UERJ e do Mestrado Acadêmico de Inovação e Doutorado Acadêmico de Inovação com a Faculdade de Administração e Finanças. O afeTAR realiza atividades de pesquisa e produção científica, eventos acadêmicos e sociais com temas de relevância clínica e social, além de consultoria e ação social. São realizadas reuniões semanais de supervisão, gestão e bancada. O que isso significa? Na supervisão, os trabalhos de estágio, iniciação científica e extensão (referentes à graduação de Psicologia da UERJ) e dos Dispositivos de Regeneração Social (DRS) são orientados. Na reunião de gestão, discutimos sobre assuntos que dão movimento ao laboratório de maneira funcional geral, como editais, relatórios, planejamento, organização e participação de eventos. Já na reunião de bancada, são trabalhados os textos acadêmicos de cada integrante da graduação e pós-graduação, sendo organizado um calendário semestral, no qual o texto é previamente disponibilizado para que cada pessoa do grupo possa ler e comentar. Aqui todas ajudam na construção dos seus textos e você ajuda na construção dos textos de todo mundo envolvido! Trata-se, assim, de uma orientação coletiva coordenada pela Alê.

Mas vamos lá... Quem é Íris? Uma mulher cisgênero, bissexual, pele branca, cabelos compridos num tom castanho e olhos também castanhos. Sem deficiência, de classe média baixa. Essa descrição colabora para que possamos entender a realidade da personagem.

Por que Íris? Escolhi esse nome, pois passei um tempo me olhando no espelho e foi o que encontrei nos meus olhos, a íris, onde está a cor, parte envolvida no contrair e dilatar a pupila de acordo com a intensidade da luz e das emoções sentidas. A minha, naquele momento, dilatava por paixão a esse trabalho, que me vem como uma gestação há tantos e tantos meses, ou melhor, anos. Pelos olhos expressamos tanta coisa, de paixão a medo, de felicidade a dor.

Fui na etimologia da palavra Íris e encontrei que se trata de uma figura feminina, veloz, uma mensageira, aquela que leva mensagens pela palavra. Na mitologia grega, Íris era uma Deusa mensageira dos demais Deuses, que se manifestava na forma de arco-íris, através do qual ligava céus e terra. Foi assim que percebi que o nome era perfeito para uma personagem feminina que viria a representar o público discente acadêmico, composto majoritariamente por mulheres, como forma de luta e resistência a toda e qualquer forma de machismo e violência contra a mulher nas universidades.

Figura 2.

Imagem da Íris, Deusa mensageira.



Descrição da imagem: Deusa Íris no corpo de uma mulher branca, de cabelos ruivos ondulados, usando um vestido branco, saindo dela o arco-íris que se forma ao fundo no céu azul; em sua mão direita há um tipo de cetro com duas asas.

Fonte:

https://aminoapps.com/c/mitologicpt/page/item/iris/Zr8B_8ZSXI5KjwPxeL8EnnlgjV6ZxMpJZk

Íris aparecerá como uma jovem que ingressará no Ensino Superior. Em qual curso? Optei por não mencionar nenhum curso especificamente, afinal de contas, Íris sou eu com a minha história pessoal somada às histórias que encontrei nas redes sociais referente às Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, por isso pensei que não caberia escolher um curso específico. Para dialogar um pouco sobre algumas diferenças entre instituições

particulares e públicas, Íris, que estudará numa faculdade particular, estará conversando com frequência com sua melhor amiga, Gabriela (Gabi), estudante de universidade pública.

Onde e com quem ela mora? Trata-se de uma jovem que (durante a graduação) mora com a mãe, tem raro contato com o pai (pais separados), começou a trabalhar cedo para ajudar a pagar as contas de casa, estudou a vida toda em escolas públicas e foi para faculdade particular.

Espero que você se sinta representada, acolhida e amparada ao longo do texto. Íris virá como uma porta voz do que vem sendo postado nas redes sociais a respeito de ocorridos no ambiente acadêmico. Íris sou eu em diálogo, através das postagens, com outras singularidades tentando alcançar a diversidade do que é viver a universidade. Não posso falar da experiências de todas as pessoas, mas posso falar da minha e do meu desejo de que o Ensino Superior seja uma realidade para quem assim almejar, e mais, que seja uma real possibilidade para quem, sequer, acredita que ali seja o seu lugar. Íris é um tipo de avatar¹ que vejo quando fecho meus olhos e me enxergo por dentro, quando rememoro e sinto o que vivenciei no ambiente acadêmico na busca da realização de um sonho no qual eu não podia deixar de ser quem eu sou. Íris sou eu lendo as histórias que encontrei de outras estudantes nas redes sociais e sentindo sua dor, sua indignação e transformando isso numa nova escrita que gerou esta tese.

**Com carinho,
afeTAR, Dani e Íris**

¹ Representação de si mesmo, geralmente em meios virtuais, para mostrar um tipo de personificação, uma autoimagem, em ambientes virtuais: aparecia no seu perfil com um avatar de si mesmo. Fonte: <https://www.dicio.com.br/avatar/>

INTRODUÇÃO

Quando crescer eu quero ser... (borbulhando em pensamentos)

...

– *Ok, Google!* O que eu quero ser quando crescer? – perguntou Íris para a inteligência artificial que tem no seu *smartphone*.

Por mais que o *Google* pudesse oferecer as mais diversas respostas, essa era uma pergunta que dependia única e exclusivamente de Íris. A busca por essa resposta prevaleceu por anos em seus pensamentos enquanto criança e adolescente. Quem ela queria ser? O que ela queria ser? Como faria para descobrir a profissão que lhe faria feliz seguir? Como faria para se fazer ser o que sonhara? Como seria o processo de se fazer ser e da formação acadêmica? O que iria se transformar e/ou deformar em Íris ao ingressar e se formar no Ensino Superior?

Quando Íris era criança, ouvia com frequência a pergunta “o que você quer ser quando crescer?”, mas conforme ela foi crescendo, pouco falavam do que fazer para realizar tal sonho. Ela achava que não podia errar na sua escolha, que tinha que ter um diploma, uma profissão que lhe proporcionasse mais opções de emprego e estabilidade financeira. De tempos em tempos, sua mãe falava que ela tinha que “ser alguém na vida”, e Íris interpretava isso como precisar de uma formação acadêmica em alguma coisa, ter uma profissão oficial, especializada, coisa que seus pais, tias e a maioria das primas não tinham.

Como saber chegar no Ensino Superior (ES) se ninguém próximo ou da família tinha experiência para contar, nem possíveis dicas? Na escola até falavam sobre fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, por vezes, alguém falava dos vestibulares para universidades específicas. A maioria das Instituições de Ensino Superior (IES) eram localizadas em lugares distantes do interior onde Íris morava, onde havia apenas uma ou duas faculdades particulares. A maioria das pessoas na sua escola já sabia o que queria ser, menos Íris, o que a deixava incomodada.

Nos instantes em que a dúvida e a angústia apertavam seu coração, tantas e tantas perguntas gritando em seus pensamentos, envolta pelo medo de não conseguir nada que realmente viesse a gostar, era aí que a jovem recorria ao desabafo *online*. Postar o que estava sentindo e/ou pensando nas redes sociais era comum para Íris. A utilização do *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, se assemelhava a um diário pessoal, mas um tipo de diário que se encontrava, ou melhor, conectava com outros diários, histórias e pessoas de qualquer lugar do mundo, através de computadores e *smartphones* conectados à *internet*. O que faz esse sistema

informático funcionar é o algoritmo. Ele é uma sequência de instruções que visam resolver problemas ou executar tarefas. Nas palavras de Rodrigo Otávio dos Santos (2022, pp. 02-05) observamos que “o algoritmo é capaz de pegar cada uma de nossas manifestações na rede. Não apenas o que escrevemos e o que curtimos, mas também quais páginas navegamos, quais nossas pesquisas, quais fatos nos detemos mais tempo e quais são mais fugidios”. Ou seja, em função dos algoritmos, tudo que Íris postava encontrava pessoas de interesse em comum, assim como ela encontrava *posts* que a interessavam, mantendo as pessoas conectadas de acordo com o que tinha a ver com elas.

Como nem tudo são flores também no ambiente virtual, os algoritmos podem ter efeitos indesejáveis, como, por exemplo, “criando uma bolha de informações direcionada”, fazendo com que a usuária das redes *online* não encontre outras perspectivas e informações (Santos, 2022, p. 03). Ou seja, se uma pessoa vê uma *fake news*, há probabilidade dela encontrar mais informações falsas e acabar acreditando em mentiras. Há ainda pessoas que se utilizam dos algoritmos para atacar grupos e pessoas, disseminando discurso de ódio, intolerância e diversas formas de discriminação.

Muitas vezes, Íris ficava com a sensação de que seu *smartphone* estava ouvindo tudo que ela falava! Seria possível que a *internet* estivesse lhe observando? Mal sabia ela que nada mais era que os algoritmos, e que quanto mais tempo ela passava nas redes sociais, mais informações ela fornecia para esses algoritmos. Ou seja, quanto mais conteúdos sobre formação acadêmica e universidades Íris via e interagia, mais eles apareciam para ela na sua *timeline*.

Cada movimento do mouse em nossos computadores, ou cada deslizar de dedos em nossos aparelhos *smartphones* enviam dados aos controladores dessas redes sociais, e estes algoritmos começam a decidir quais propagandas comerciais os indivíduos deveriam ver para maximizar a efetividade de tais anúncios (Santos, 2022, p. 05).

O algoritmo tem o objetivo de promover engajamento, em outras palavras, aumentar a quantidade de interações *online*, além de aumentar a venda de produtos anunciados nas plataformas. Nem sempre as interações são promovidas por conteúdos verdadeiros ou positivos, o que determina a relevância de um determinado material postado é a quantidade de pessoas que interage e acessa o conteúdo, seja interagindo com a opção do “botão” dizendo que curtiu/gostou ou que ficou triste/não gostou (Santos, 2022, pp. 06-07). A exemplo disso, Íris passava um tempo considerável lendo, reagindo e comentando *fake news* (notícias falsas), embora com o intuito de desmentir, colaborava para seu engajamento; logo, se tais informações aparecessem para pessoas que não pesquisassem sobre a veracidade do que alcançara *online*, poderiam acreditar e propagar mentiras.

Ficar conectada, praticamente 24 horas por dia, é possível desde que os *smartphones* foram lançados. Eles são, nada mais nada menos, que celulares inteligentes que possibilitam conectar pessoas através da *internet*. A nossa sociedade, atualmente, é mediada pela conectividade (que é movimentada pelos algoritmos e pelo engajamento) e, nesse contexto, o *smartphone* é considerado uma extensão do corpo humano - o que não era possível quando éramos conectados virtualmente apenas por computadores que não tinham como ir conosco para todo lugar.

Poderíamos relacionar o que aprendemos, mais especificamente no ES (que é o que nos interessa aqui), com as redes sociais? Será que o fato de estarmos conectados *online* facilita na comunicação, na conversa sobre dúvidas, dicas e posicionamentos? Ou será que é um meio de propagar informações falsas e distorcer o que acontece na vida *off-line*? Acreditamos/observamos que as duas questões, e muito mais, são possíveis.

Ainda no Ensino Médio, Íris fazia parte de grupos e perfis nas redes sociais do seu colégio, sua cidade e outros de seu interesse, o que a mantinha informada sobre bastante coisa. Foi assim que ela descobriu um pré-vestibular social que preparava, gratuitamente, estudantes para o ENEM - o que para ela foi ótimo, pois conseguiu tirar dúvidas sobre o assunto. Nesses ambientes *online*, ela foi conhecendo universidades, formas de ingresso e cursos de graduação e, assim, foi dando mais substância aos fatores que precisava considerar, como por exemplo, mais perto de casa ou longe de casa, instituição pública ou privada, morar com a família ou com outras pessoas em repúblicas, ensino de meio período ou período integral, “apenas” estudar ou estudar e trabalhar? Contudo, será que essas perguntas passam pela realidade das estudantes do Brasil inteiro? De certo que não! Os marcadores sociais da diferença não permitem... Que marcadores são esses? Raça/cor, gênero, orientação sexual, geração, localidade, classe, dentre outros fatores que acabam por promover desigualdades. Para tantas pessoas existem preocupações e perguntas muito mais urgentes do que essa que envolve o ES. Não dá para pensar em faculdade ou Enem quando a subsistência está em jogo.

Com inúmeros cursos de graduação, Íris precisava considerar a sua realidade para além do que gostaria de cursar e, posteriormente, trabalhar. Por mais que houvesse tantas opções, o deslocamento diário de uma cidade para outra tão distante, ou ainda, a mudança de casa, eram situações inviáveis. Com isso, ela precisava fazer o seu sonho caber nas suas condições, no que estava disponível e ao seu alcance. O dilema de Íris em conseguir caber em uma vaga no ES era vivenciado por tantas outras pessoas. Mas, será que ser aprovada no curso dos sonhos não tem preço? Ou tem? (um *spoiler* para vocês: Tem sim! E para muitas pessoas esse preço é bem alto).

Para além de todo movimento envolvido na busca por concluir o Ensino Médio e ingressar para o ES, encontram-se mudanças em aspecto pessoal e social, como por exemplo, muitas universitárias aprendem a fazer a própria comida, arrumar seu espaço, lavar suas roupas, lembrar de pagar as contas no dia de vencimento, dentre outras atividades comuns na fase adulta. Há, ainda, as estudantes que estudam e trabalham, as que são mães, e as que cuidam das suas mães, suas irmãs e outras pessoas da família, as que deixam para se cuidar por último, pois precisam ser “super mulheres” e dar conta de tudo o tempo todo. Leia o “precisam” escrito na frase anterior com questionamento, pois, nós mulheres, fomos ensinadas a precisar dar conta de tanta coisa que não deveria caber apenas a nós. Muitas enfrentam dupla, tripla e até quádrupla jornada, comumente têm poucas horas de sono, tomam muito café e guardam aquela sensação de que não fizeram o suficiente, que poderiam ter feito mais e/ou melhor. Como ser essa “super mulher” durante a formação acadêmica? Quais as consequências disso?

No ES se encontra um ambiente novo, responsabilidades novas, pessoas novas, interações e experiências novas. Tudo novo. Novidades nem sempre fáceis de experienciar, por vezes nem tendo para quem perguntar em casos de dúvidas, já que nem tudo o “*ok, Google!*” (comando de voz direcionado ao celular conectado à internet, já tendo cadastrado sua voz para fazer perguntas ao *Google*) consegue responder. Muitas novidades, não acha? Como será que fica a saúde mental das estudantes universitárias no meio disso? Como, o que e para quem elas contam de suas vidas nas redes sociais? Com o que e quem interagem e o que move tal interação *online*?

A questão é que a universitária de ontem (entendendo ontem como um passado no qual a *internet* não estava na mão de todas) estava acostumada a ir nas bibliotecas físicas, com estantes e mais estantes de livros, com seus cadernos para fazer anotações, ou recorriam à xerox para levar mais conteúdo para casa. Livros, enciclopédias, tudo em papel. Para encontrar uma informação específica era necessário folhear inúmeras páginas, conferir no sumário e manter os olhos atentos às palavras. Quem morava longe de seus familiares, na finalidade de manter o contato, escrevia cartas que eram postadas nos Correios, levando alguns dias ou até semanas (dependendo da distância) para chegar no seu destino final. E os registros dos momentos?! Memórias guardadas em fotografias analógicas que só chegavam ao papel depois de reveladas em um estúdio. Não dava para ver se a foto ficou boa e tirar outra como hoje em dia, em tempos de fotos digitais tiradas por câmeras e celulares. As fotos só eram vistas após reveladas, e costumavam ficar guardadas em álbuns; não os álbuns do *Facebook* ou algo *online* semelhante, mas para aqueles que se assemelhavam a cadernos e livros. Arrisco-me a dizer que a vida acontecia no papel.

Para as universitárias de hoje, em 2023, o papel foi praticamente deixado de lado, dando espaço para a tela digital, principalmente do computador, *notebook* ou *smartphone*. Esse último aparelho mencionado se tornou um caderno no qual se pode fazer anotações, ou simplesmente recebe o arquivo dos *slides* e/ou *pdf* do texto; também se tornou álbum de fotos, tanto particular (na galeria do próprio celular) quanto público (conectado às redes sociais). Nele cabe relógio, vídeo game, despertador, aparelho para ouvir músicas, assistir televisão, filmes e séries, calendário, agenda, caixa de correspondência digital (*e-mail*). Conectado à *internet* encontra as mais diversas bibliotecas virtuais, lojas e mais lojas para se comprar de um tudo, bancos e mais uma infinidade de coisas, das quais podemos destacar a comunicação, não mais por ligação telefônica, mas por aplicativos que permitem mandar mensagens escritas, áudios, vídeos, fotos, chamada de vídeo.

O *smartphone* ganhou tantos lugares no século XXI! Hoje ele não sai da mão ou do bolso das universitárias. Fazer ligação, que foi sua função inicial, virou um detalhe raramente utilizado. A *internet* possibilitou o acesso a tantas informações a partir da digitalização de materiais como livros, artigos, documentários, entre outras formas de passar conhecimento e informação. Os escritos em papel entraram no mundo virtual, alcançando muito mais leitoras ao mesmo tempo, além da comunicação que aproxima pessoas e grupos como se não houvesse mais fronteiras. Morar longe da família para estudar se torna minimamente menos doloroso quando se tem aplicativos de comunicação e redes sociais, pois estes possibilitam que as pessoas acompanhem a vida umas das outras como se tivessem perto; fotos e vídeos postados em tempo real, mensagens escritas e áudios que não precisam ser levadas pelos Correios, pois chegam imediatamente às suas destinatárias *online*. Vale ressaltar que ter acesso à *smartphone*, *internet* e ES significa possuir privilégios, visto que quando se pensa em toda a população brasileira, essa realidade não está disponível para todas as pessoas.

Para a organização de tudo que esta tese irá trazer, os capítulos foram divididos da seguinte maneira:

No capítulo 1 “Por que o Ensino Superior se chama Ensino Superior? - Conhecendo um pouco da história dessa modalidade de ensino no Brasil” eu faço uma viagem no tempo desde antes da chegada de uma instituição desse tipo por aqui, quando o Brasil era colonizado, ou melhor, invadido e tomado por Portugal. Conhecer a história da educação no país deu margem para compreender tantas desigualdades e dificuldades de acesso hoje em dia.

No capítulo 2 “Como a Sociedade Brasileira vem mudando com a Evolução da *Internet* e o uso das Redes Sociais?”, navego pelas mudanças que vêm ocorrendo com a evolução e ampliação do acesso da *internet* e das redes sociais, e como isso se conectou com a educação.

Neste capítulo a tela do smartphone que abriu portas para um mundo digital onde as pessoas se encontram de acordo com os algoritmos foi uma actante essencial para a construção dessa tese.

Já no capítulo 3, “Como foi dar Vida a Esta Tese?” abordo a metodologia utilizada com base na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, PesquisarCOM de Márcia Moraes e o conceito de Netnografia de Christine Hine; assim como a política de nomes e de escrita utilizadas. A ideia de dar Vida a este capítulo tem a ver com a maneira que se faz pesquisa no Laboratório afeTAR.

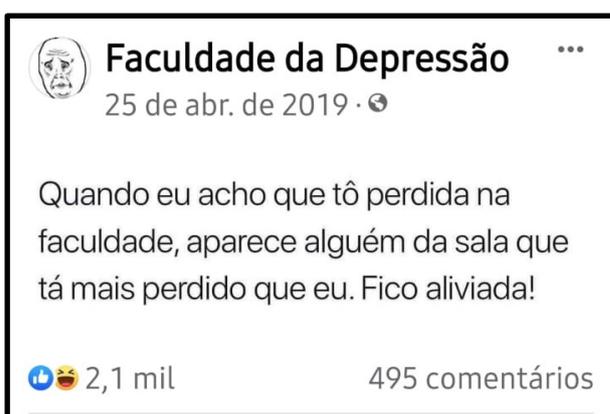
No capítulo 4, “A Passagem e os Afetos de Íris pelo Ensino Superior - Histórias baseadas em Fatos Reais encontrados nas Redes Sociais”, permito-me narrar, (re)contar histórias que envolveram estudantes mulheres que desejavam ingressar e ingressaram no Ensino Superior. Contudo o fato dessa história trazer alguns privilégios, trago no capítulo 5, “Os Embarços dessa História”, como uma maneira de ser o mais democrática e responsável socialmente possível, visto que é impossível que a história de uma reflita a realidade de todas.

Por fim, na Conclusão e Considerações Finais, encontra-se o resultado do diálogo entre os capítulos anteriores e sugestões de novas pesquisas.

1 POR QUE O ENSINO SUPERIOR SE CHAMA ENSINO SUPERIOR? - CONHECENDO UM POUCO DA HISTÓRIA DESSA MODALIDADE DE ENSINO NO BRASIL

Figura 3.

Imagem retirada do Instagram sobre se sentir perdido na faculdade.



Descrição da imagem: Quadrado em moldura preta com fundo branco, mostrando dentro dele o perfil *online* chamado “Faculdade da Depressão”, com a data de 25 de abril de 2019. No *post* está escrito: “Quando eu acho que tô perdida na faculdade, aparece alguém da sala que tá mais perdida que eu. Fico aliviada!” 2,1 mil curtidas; 495 comentários. Fonte: *Instagram*.

Antes de iniciar este capítulo, gostaria de contar que ele foi um artigo publicado com modificações em 2023 na Revista Atena e teve como autoras: eu, Jackeline Sibelle Freires Aires, Danielle Miranda e Alexandra Cleopatre Tsallis.

É na etnografia do laboratório, como nos ensina Bruno Latour (2001), que significados são produzidos pela experiência, portanto, o trabalho é processual. Consideramos que o nosso laboratório é o texto. Aqui a realidade, e quem ou o que a compõe, age, interage com a pesquisadora. O texto enquanto laboratório se torna um fato fabricado por narrativas, que trazem conceitos convocados pelas práticas materiais que as sustentam. Para a autora da tese, por exemplo, é campo de interesse navegar com os sentidos do uso de tecnologias, *internet* e redes sociais por estudantes universitárias que, através desses instrumentos, contam o que vivem ou presenciam no ambiente acadêmico.

Vou começar me inclinando para a parte da educação. Por que será que o Ensino Superior (ES) é composto pela junção das palavras “superior” e “ensino”? Que superioridade é essa? E mais, em relação ao que ou a quem? A ideia que há por trás do termo em questão indica hierarquia e superioridade. Pensando por esse caminho, quem estaria “abaixo” do ES, e quem seriam as pessoas que representariam as diferentes categorias de ensino? Havendo um ES, poderia-se dizer que há, então, um ensino inferior? O que muda nas diferentes modalidades de ensino? Quais as diferenças no acesso, permanência e conclusão? Neste capítulo será

demonstrado um breve panorama de como o ES vem se modificando da sua chegada ao Brasil até os dias de hoje.

É importante identificar e descrever os vínculos, que são os pontos que conectam os actantes à possibilidade de circular e agir, numa melhor compreensão dos sentidos vinculados ao ES. Especialmente neste capítulo, construído a muitas mãos, e também, dando as mãos com as outras autoras que chegaram na forma de textos, abrindo o caminho para a análise do campo da palavra “superior” e, posteriormente, compreendendo a relação dessa palavra com a dinâmica da citada modalidade de ensino. Sendo assim, a tese como um todo vai funcionar como um laboratório, ou seja, o lugar onde se faz experimentações e testes de torção, que, de acordo com Alexandra Cleopatre Tsallis e Gabriela Rizo, são as camadas de descrições que vão margeando a escrita no sentido de fazê-las transbordar o campo nas linhas escritas (Tsallis & Rizo, 2010).

O que e quem encontramos no ES? Uma grande conexão de afetos que surgem quando se vincula prédios, salas de aula, estudantes, sala de professoras, quadros, palavras, mesas e cadeiras, corredor com pessoas passando para cá e para lá em busca de suas salas, encontros, desencontros, partilhas e singularidades. Do lado de dentro das paredes acontecem inúmeras aulas, trocas e experiências, para no final do percurso acadêmico obter o diploma e as memórias ou marcas dessa trajetória. Mas e aí, que há de superior nisso?

A etimologia da palavra “superior” diz que ela tem origem do latim *superior.oris*, significando *acima, o mais alto de todos*; dentro da língua portuguesa, de acordo com o dicionário, é possível encontrar duas formas de uso da palavra “superior”, sendo elas o adjetivo e o substantivo:

Adjetivo - Num lugar mais acima; mais alto: degrau superior. Que atinge o grau máximo; elevado: temperatura superior à normal. Que ultrapassa os demais em algo específico: talento superior. Que tem sua origem numa autoridade: ordens superiores. Que é melhor que outro em relação à mesma coisa: pintor superior aos seus contemporâneos. Que tem mais autoridade que outro: juiz superior. De teor distinto, diferente; incomum. Substantivo masculino - Pessoa que exerce autoridade sobre outra. Pessoa que dirige uma comunidade religiosa, um convento. Numa escala de tempo, aquele que está mais próximo do tempo presente. Ensino superior. Ensino universitário ou relativo a esse ensino. Ser superior a. Não se deixar dominar, atingir por (Ribeiro, 2023).

A classificação gramatical pode mudar dependendo do modo como se aplica a palavra numa frase ou fala, mas o sentido de “estar acima”, num posto supostamente melhor,

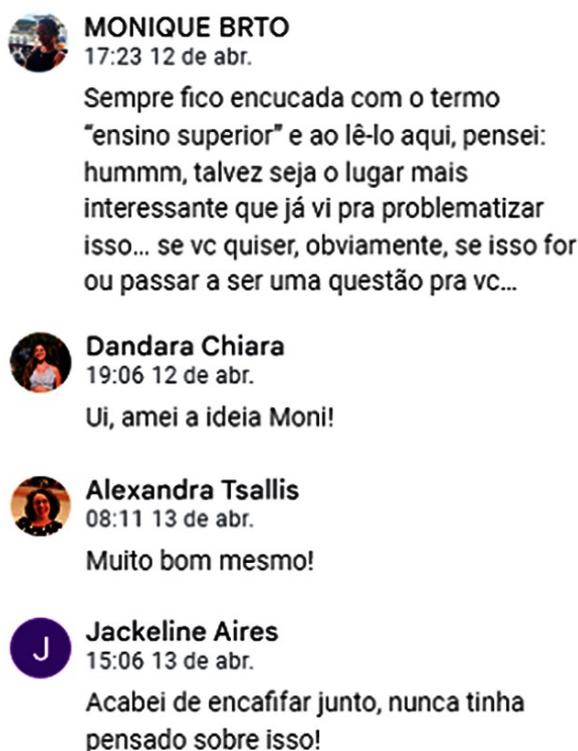
permanece. De certo modo, o sentido que envolve tal superioridade pode distanciar as pessoas, como se fossem separadas por fronteiras educacionais. O que determinaria essas fronteiras, senão as desigualdades sociais e os privilégios de uma parcela da população?

Por mais que eu já trouxesse comigo, antes mesmo de ingressar no doutorado, questões sobre como o ES afetava a vida das universitárias, nunca tinha reparado nem estranhado a palavra “superior” no ensino em pauta. Essa reflexão aconteceu em uma reunião de bancada do Laboratório afeTAR. Trouxe a primeira troca sobre o assunto que se deu nos comentários do *Google Docs*, onde é possível ter uma ideia de como os textos e pesquisas evoluem a muitas mãos no afeTAR.

Figura 4.

Comentários tecidos entre membros do AfeTAR sobre o termo ensino superior em abril de 2023.

Descrição da imagem: Na imagem, de fundo branco, vemos quatro ícones com os nomes “MONIQUE BRITO”, que comenta: Sempre fico encucada com o termo “ensino superior” e ao lê-lo aqui, pensei: hummm, talvez seja o lugar mais interessante que já vi para problematizar isso... se você quiser, obviamente, se isso for ou passar a ser uma questão para você... Em seguida “DANDARA CHIARA” responde: Ui, amei a ideia Moni! Na sequência, “ALEXANDRA TSALLIS” diz: Muito bom mesmo! E posteriormente “JACKELINE AIRES” comenta: Acabei de encafifar junto, nunca tinha pensado sobre isso!



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Esses comentários reverberaram durante aquela reunião de bancada, fazendo surgir perguntas como “Quem nos prepara para o ensino superior? Por que superior?”. As afetações foram conduzindo o faz-fazer desta tese. O conceito faz-fazer, de Bruno Latour (2001, p. 321), refere-se a um lugar que inspira a produção. E teria lugar mais interessante para dialogar sobre o ES do que dentro do ES? Problematizar as formas e possibilidades de ingresso, mas principalmente, como tudo isso que envolve o ES atravessa a saúde mental das estudantes universitárias.

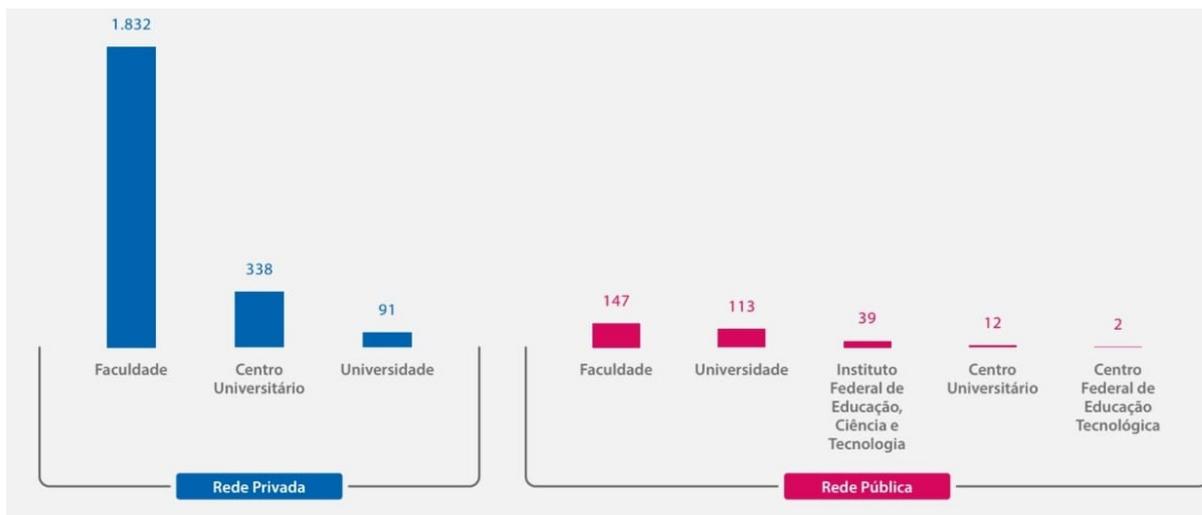
No Laboratório afeTAR partimos da premissa de que respeitar a si mesmo, seus limites, seu tempo, seu processo é o caminho para sermos pesquisadoras mais alegres e saudáveis. Se a gente, quando é criança, quer crescer e fazer o que gosta, ao crescer não podemos descartar o gostar das coisas que escolhemos fazer; e sabe o que torna isso mais fácil? O grupo, o Laboratório, a parceria e o cuidado entre as pessoas que estão presente. Esse é o nosso compromisso, juntamente aos processos científicos eticamente situados. Essa discussão toda a respeito do ES que estamos fazendo numa universidade pública tem como objetivo ultrapassar esse espaço e alcançar todos os públicos interessados, se possível, o mundo. Porque pesquisa tem que ganhar corpo fora do papel, da tela! Essa é a metodologia afeTAR, inspirada na Teoria Ator-Rede, que busca experimentar as afetações como possibilidade criativa de diálogo com o mundo. Os afetos movem nossas pesquisas. Mas vou contar mais sobre o afeTAR mais para frente, ainda neste trabalho.

Vamos conhecer melhor esse ambiente do ES. O Portal do Ministério da Educação (MEC) conta que no ES existem as categorias de graduação (tecnólogo, bacharelado e licenciatura) e pós-graduação, que é dividida em *stricto sensu* (mestrado acadêmico ou profissional, doutorado e pós-doutorado) e *lato sensu* (programas de especialização, MBA - duração mínima de 360 horas). Na 13ª edição do Mapa do Ensino Superior no Brasil, realizado pela Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (SEMESP) em 2023, encontramos que das 2.574 Instituições de Ensino Superior (IES) existentes no Brasil, 313 são públicas e 2.261 privadas (Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação [SEMESP], 2023).

Figura 5.

Gráfico do Número de Instituições de Educação Superior, por Categoria Administrativa em 2023.

Descrição da imagem: Na imagem de fundo branco, são observados gráficos de barra azuis para a rede privada e rosas para a rede pública. Nos gráficos da rede privada que se encontram do lado esquerdo da imagem, observa-se um número de 1832 faculdades, 338 centros universitários e 91 universidades. No lado direito da imagem, na rede pública, observa-se 147 faculdades, 113 universidades, 39 institutos federais de educação, ciência e tecnologia, 12 centros universitários e 2 centros federais de educação tecnológica.



Fonte: SEMESP (2023).

Na busca de entender melhor o que esse gráfico aponta e o que mais pode estar atrelado à palavra “superior” do ensino, vamos voltar na época em que o Brasil era colônia de Portugal e navegar de lá até hoje em dia. Graças à *internet* essa navegação é possível! Essa visita ao passado e às mudanças que ocorreram durante o tempo ajudam a compreender o presente.

1.1. Navegando pela história do Ensino Superior no Brasil

Antes de chegar no ponto específico de como surgiu o ES no Brasil, vamos nos adentrar na história do país. O Brasil foi colonizado por Portugal no ano de 1500, e essa colonização foi caracterizada pela exploração da terra e das pessoas nativas daqui. Para contar melhor essa parte da história vou contar com Uyguciara Veloso Castelo Branco, psicóloga, graduada (Formação e Licenciatura) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e aprofundou seus estudos no mestrado em Educação (UFPB); seguiu seus estudos de doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-doutorado em Sociologia pela Universitat de València - Espanha; e Aline Carneiro de Oliveira, graduada em Direito pelo Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC), com especialização em Docência no Ensino Superior pelo Instituto Federal Goiano (IF GOIANO). As duas autoras vêm estudando, problematizando e refletindo sobre a história do ES no país, e os textos que mais conversaram com esta tese, que me permitiram conversar com as autoras foram: *A Construção do Mito do “Meu Filho Doutor” - fundamentos históricos do acesso ao ensino superior no Brasil-Paraíba*, que foi a tese de doutorado de Uyguciara; e *O Ensino Superior no Brasil: uma análise histórica*, trabalho de conclusão de curso (TCC) da Aline na sua especialização em docência.

Aline Cordeiro de Oliveira (2020) navegou pela história do Brasil, com foco no ES, de 1500 até 2018. A autora disserta sobre o modelo de ensino trazido pelos portugueses, que tinha características formais com objetivo de catequizar e domesticar as pessoas nativas. Esse ensino foi a maneira encontrada de estabelecer a comunicação e o domínio português. Quem já vivia aqui em nossas terras foi ensinado a obedecer os colonos. Até então a única forma de ensino era essa, em prol da exploração.

Com o passar do tempo, como apontou Aline Cordeiro de Oliveira (2020), o ensino se estendeu para a alfabetização disponível para os homens brancos filhos dos senhores de engenho, e aulas de como ser uma boa esposa para as mulheres brancas. Homens pretos e mulheres pretas eram escravizados. Naquele período, mulheres, mestiços e pessoas escravizadas não tinham acesso/direito à alfabetização, pois o foco não era educar, e sim controlar, dominar, colonizar. Ainda não havia, sequer, ideia nem base para a instauração do ES, mas, se analisarmos, é possível correlacionar esse começo de acesso à “educação” com desigualdade.

Os senhores de engenho faziam parte da elite da época, eram homens brancos, donos de terras, afortunados e começaram a almejar que seus filhos tivessem uma formação acadêmica. Porém, não havia ES no país. Quem quisesse se formar teria que ir para a Europa. Uyguciara Velôso Castelo Branco acrescentou que neste período havia “pouco interesse pelo desenvolvimento das instituições educacionais, sobretudo de nível superior [...] evitando a formação de uma intelectualidade que pudesse adquirir, nas terras coloniais, foros de autonomia” (Branco, 2004, p. 65). Para as autoras, o foco em mandar os filhos para estudar fora não era pelo conhecimento, e sim pelo poder, prestígio e privilégio social que vinha junto ao diploma (Branco, 2004; Oliveira, 2020).

Se a metrópole não queria que o Brasil se desenvolvesse tanto, por que deixaria que filhos dos senhores de engenho fossem estudar em suas terras européias? O ES estava estrategicamente longe. Aline Cordeiro de Oliveira (2020) e Uyguciara Velôso Castelo Branco (2004) as necessidades da Marinha e do Exército brasileiros, impulsionaram a criação das primeiras escolas de formação de médicos, pois seus homens precisavam de médicos, mas faltava mão de obra. Por essa demanda foram criadas a Escola de Cirurgia, em Salvador (depois virou Academia Médico-cirúrgica, e posteriormente Universidade Federal da Bahia) e a Escola e Academia Médico-cirúrgica, no Rio de Janeiro (hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Percebem que as mudanças estavam constantemente relacionadas aos grupos elitizados? E ainda que houvesse uma “elite local”, ela estava nas mãos do que a metrópole permitia sempre

dentro de seus próprios interesses. Segundo Aline Cordeiro de Oliveira “impedir o acesso da população ao conhecimento e dessa forma manter a ordem e evitar qualquer tipo de revolta” (Oliveira, 2020, p. 07-08). Terras colonizadas, educação colonizada.

Devido a conflitos que aconteceram em Portugal, a Família Real precisou sair de seu país em 1808 e veio para o Brasil, ainda sua colônia. Chegando aqui tentaram expandir suas tradições, cultura e formar uma nova elite social com quem pudesse interagir. Foi aí que o ES oficialmente chegou às terras brasileiras. O cenário mudou, já que o Brasil passou a ser a nova casa da realiza. Feito que fez com que a ambição dos senhores de engenho aumentasse ainda mais, querendo chegar à altura da Família Real Portuguesa (Branco, 2004; Oliveira, 2020). Dois anos depois, em 1810, foi criada a Academia Real Militar, que oferecia:

Curso completo de sciencias mathematicas, de sciencias de observações, quaes a physica, chimica, mineralogia, metallurgia e historia natural, que comprehenderá o reino vegetal e animal, e das sciencias militares em toda a sua extensão, tanto de tactica como de fortificação, e artilharia (Brasil, 1810).

Mas você acha que qualquer pessoa poderia fazer um vestibular ou processo seletivo e se matricular? Pois não! As vagas eram disponibilizadas à ocupantes de cargos públicos, professores, membros do clero ou as classes dominantes no geral; esses eram os grupos entendidos como os que precisavam saber ler e escrever, e posteriormente a ter um diploma de ES, quem exercia trabalho braçal era categorizado como quem não precisava estudar (Oliveira, 2020, p. 10), logo, essas pessoas não tinham acesso ao ensino.

Com a Independência do Brasil, em 1827, novas áreas de conhecimento chegaram em terras brasileiras, regulamentadas pelo Decreto de 11 de agosto de 1827 (Brasil, 1827), onde dizia “*crear-se-ão dous Cursos de sciencias jurídicas e sociais, um na cidade de S. Paulo, e outro na de Olinda, e nelles no espaço de cinco annos*”.

Quanto mais cursos do ES surgiam, mais cargos públicos eram disponibilizados. Conforme pessoas foram adquirindo seus diplomas de bacharel, mais cargos públicos foram sendo criados. Uyguciara Velôso Castelo Branco verificou que esse novo momento em que o Brasil desfrutava da independência, no Período Imperial, as burocracias foram mudando; a prioridade, tanto para as vagas no ES quanto nos cargos públicos, era dos proprietários de terra (Branco, 2004, p. 125).

Aline Cordeiro de Oliveira (2020) conta que no período da Proclamação da República, que durou de 1870 até 1889, começaram a ser criadas instituições de ES privadas, o que, não necessariamente, significava ampliação de acesso, pois “foi apenas uma estratégia adotada

pelos grupos políticos da época, que visavam manter-se no poder, apoiados pela classe dominante” (Oliveira, 2020, p. 12).

Diante das desigualdades sociais vigentes, movimentos de resistência em busca de mudanças por igualdade social começaram a se erguer. Ao final da Ditadura Militar, em 1985, graças a muita resistência e persistência da oposição, foi conquistado o direito ao voto às pessoas analfabetas. Apesar de o direito de voto ter sido assegurado às mulheres em 24 de fevereiro de 1932 (Brasil, 1932), só passou a ser previsto na Constituição Federal em 1934 (Tribunal Superior Eleitoral [TSE], 2022). De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, “até 1985, quando foi promulgada a Emenda Constitucional nº 25 à Constituição de 1967, os analfabetos não tinham o direito de votar, vivendo à margem da democracia no país” (TSE, 2016). Poder escolher em quem votar de forma mais democrática foi um passo para mudanças estruturais da sociedade brasileira, inclusive ou principalmente, no campo da educação.

Com a elaboração da Constituição de 1988, que prezava pela democracia, novas ideias foram se formando sobre a educação no país. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação amparada na Lei 9.394/1996, trouxe a educação como um direito universal à população brasileira. Também determinou os seguintes níveis escolares: “I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior”. No entanto, quando seguimos a leitura do Título III - Do Direito à Educação e do Dever de Educar - no artigo 4 encontramos que:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio; III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade; V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, **segundo a capacidade de cada um.** (Brasil, 1996b - grifo nosso).

O que dizer sobre “segundo a capacidade de cada um”? Até um certo momento a educação é direito de todas as pessoas, mas depois, quando se trata de “níveis mais elevados do ensino” é cada um por si? Acabaria no Ensino Médio o direito universal à educação? Estaria aqui uma possível relação com o nome Ensino “Superior”, onde o acesso vai estar na responsabilidade individual, ignorando as diversidade, como as condições financeiras, física, mental, as condições de moradia, a cor da pele, o gênero, a sexualidade... O que há de democrático nisso?

Até aqui os rastros nos levam a encontrar uma modalidade de ensino “superior” que vem sendo restrita à parte da população, e mesmo com movimentos em busca da democratização do acesso ao ES, continua sendo um lugar em que os privilégios prevalecem, aparecem e se destacam. Primeiro só a metrópole podia ter formação “superior”, depois os filhos dos senhores de engenho, na sequência os mais afortunados, donos de terras, homens e depois mulheres, pessoas brancas e depois pretas, pessoas pobres, pessoas com algum tipo de deficiência, LGBTQIA+... Todas pessoas, porém atravessadas pelo preconceito, pela discriminação, por violências e desigualdades. Aline Cordeiro de Oliveira e eu concordamos que, ainda nos dias atuais, ingressar no ES continua sendo “para uma parcela restrita e privilegiada da população” (Oliveira, 2020, p. 18).

Diante de tamanha desigualdade ao longo da história do ES no Brasil, permito-me encerrar este capítulo com um trecho da música Xibom Bombom, que foi lançada em 1999, na voz de um grupo de axé chamado “As Meninas”. Enquanto pesquisava a letra da música encontrei um *site* chamado jornaldaparaiba.com.br, que publicou uma nota sobre a música, em 25 de março de 2023: A letra da música retrata a vida de um cidadão da classe média brasileira, que almeja coisas simples da sociedade como acesso digno à educação e maior qualidade nutricional na alimentação cotidiana. Porém, diante da desigualdade social, o baixo salário da maioria dos brasileiros é insuficiente para ter alguma qualidade de vida (Jornal da Paraíba, 2023).

[...] Mas eu só quero

Educar meus filhos

Tornar um cidadão

Com muita dignidade

Eu quero viver bem

Quero me alimentar

Com a grana que eu ganho

Não dá nem pra melar

E o motivo todo mundo já conhece

É que o de cima sobe e o de baixo desce.

(Xibom Bombom - As Meninas. Composta por Rogério Gaspar / Wesley Rangel)

Se quiser ouvir vai no *link*: <https://www.lettras.mus.br/as-meninas/44262/>

2 COMO A SOCIEDADE BRASILEIRA VEM MUDANDO COM A EVOLUÇÃO DA INTERNET E O USO DAS REDES SOCIAIS?

Figura 6.

Print de post no facebook sobre a centralização de funções no smartphone.

Descrição da imagem: Quadrado em moldura preta com fundo branco, sendo este um print de um *post* do *Facebook*, do perfil Propagandas antigas e nostalgia com a seguinte frase: Agora deu problema, seguido de emojis chorando de rir. Bem assim. Então você é o cara que tirou as nossas funções! Na imagem tem um smartphone com cara de assustado no meio de uma roda formada por máquina fotográfica, rádio, calendário, calculadora, carta, despertador, telefone, fita k7. 104 mil curtidas; 2,6 mil comentários. Fonte: *Facebook*.



Já percebeu o quanto a sociedade brasileira mudou conforme foi aprendendo a interagir com determinados materiais? Aprendemos a interagir com a rocha, o vento, o sol... E de transformação em transformação temos, agora, materiais que se acoplam à nossa vida, transformando-a. Refiro-me, principalmente, aos *smartphones*, mas são frequentes também os *notebooks* e computadores. Podemos chamar de ferramentas/instrumentos, ou melhor, actantes. Na Teoria Ator-Rede, o actante pode ser humano ou não-humano e é possível mapear os actantes por sua agência e produção de efeitos (Latour, 2012). O *smartphone* se relaciona com o ser humano e transforma muita coisa ao seu redor, numa relação híbrida. Foi assim com o fogo, a escrita, a transformação de matérias-primas como madeira, ferro, componentes biológicos e químicos, dentre tantos outros com os quais a humanidade veio modificando e sendo modificada.

A sociedade vem sendo classificada de acordo com quem interagia e como era tal interação. Bruno Augusto Barros Rocha, Fernando Rister de Souza Lima, Ricardo Libel Waldman (2020) e Yuko Harayama (2017) são pessoas que se dispuseram a pensar nessas classificações e apontam que a Sociedade 1.0, mais conhecida como geração de caça e coleta, as pessoas se organizavam para caçar e coletar onde havia alimentos, ou seja, viviam como nômades em busca de sobrevivência, utilizando os recursos da natureza num determinado espaço e indo para outro quando não houvesse mais o que comer. A Sociedade 2.0 se caracterizou pela moradia fixa num determinado lugar em que pudessem cuidar do solo e plantar, organizando de forma mais ativa a produção do próprio alimento; foi aqui que se iniciou a prática agrícola e a formação de pequenas cidades. Outra mudança foi o início da criação e uso de ferramentas para transformar matéria-prima, como o trigo de grão em pasta (que mais lá para frente se tornou o pão), além do auxílio de animais para ajudar no plantio (Harayama, 2017; Rocha et al., 2020).

Já a Sociedade 3.0, conhecida como Sociedade Industrial, teve início quando começaram a pensar e criar as primeiras máquinas e motores a vapor, com o objetivo de acelerar as produções (antes manufaturadas); esse momento logo encheu as cidades de indústrias e fábricas, gerando novos empregos e novo modo de viver em sociedade. A Sociedade 4.0 - Sociedade da Informação - desenvolveu computadores que viriam a servir como ferramentas digitais, foi aí que vivemos a Era Digital (ou Era da Informação), que acelerou consideravelmente no final do século XX para cá. Nela, as pessoas começaram a ocupar o lugar de produtoras de informação, ou criadoras de conteúdos, ou seja, saíram de uma fase em que apenas recebiam informações para um modo mais ativo na *internet* (Rocha, Lima, Waldman, 2020, p. 16; Harayama, 2017).

Por fim, a Sociedade 5.0, conhecida como Sociedade Criativa (Imaginação). Esse conceito foi utilizado pela primeira vez no Japão, em 2016, com o objetivo de utilizar as evoluções tecnológicas em prol de melhorias para a sociedade, focando em cinco pontos (Lopes, Souza, Zaidan, 2020, p. 03):

O primeiro é a preocupação com a saúde, com atendimentos médicos online por exemplo. O segundo é a mobilidade, propiciando para a população uma disponibilidade de deslocamento acessível, no intuito de redução de acidentes e congestionamentos. Ainda na mesma linha de pensamento, o terceiro elemento citado pelo autor é a produção a qual se organiza e se adapta de acordo com as necessidades e preferências da sociedade. O quarto ponto é a infraestrutura que está ligada ao desenvolvimento urbano. Por último, a área financeira, que pretende extinguir os cartões de créditos e o

papel moeda, como também os documentos e ter as identificações biométricas contendo todos os dados pessoais e financeiros (Hitachi, 2019 como citado em Lopes et al., 2020, p. 03).

Vamos fazer um passeio na história para saber como a *internet* se transformou no que é hoje. Em torno de 1958, o exército dos Estados Unidos da América (EUA) viu a necessidade de desenvolver um sistema de informação e comunicação em rede, que seria mais seguro do que manter informações importantes num único centro de computação. Foi assim que o Departamento de Defesa dos EUA se uniu com centros universitários de computação para criar um sistema em rede, mais seguro e dinâmico, que ficou conhecido como Arpanet (Advanced Research Projects Agency - em português Rede da Agência para Projetos de Pesquisa Avançada; podemos dizer que Arpanet foi o que veio antes da *internet*) (Costa, 2022). Em termos práticos, podemos dizer que a Arpanet “foi criada por um grupo de alunos da pós-graduação no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT)”, o que fez com que a *internet* fosse exclusividade do ambiente acadêmico e científico por alguns anos (Ciribeli & Paiva, 2011, p. 61).

Ana Beatriz Lemos da Costa (Costa, 2022, p. 130) conta que inicialmente, os EUA buscavam proteger informações da União Soviética (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS) no contexto da Guerra Fria (Corrêa, 2013, p. 18). Foi em 1969 que a Arpanet alcançou o feito histórico em que, pela primeira vez, um computador enviou mensagem para outro. De lá para cá, em menos de 50 anos, podemos dizer que o mundo está conectado. Esse mundo conectado é questionável, pois não podemos generalizar e acreditar que 100% das pessoas têm acesso a smartphones com internet, até porque Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que 2,7 bilhões de pessoas, aproximadamente um terço da população global, permanecem desconectadas da internet. Assim como a diferença na remuneração salarial, o acesso à internet se dá por uma maioria de homens. Em 2022 63% das mulheres e 69% dos homens usufruíam da internet.

Pois bem, a sociedade veio se transformando com as Revoluções Industriais e desenvolvimento tecnológico, permitindo-nos vivenciar diferentes fases da *internet*, sendo elas:

Tabela 1.*Diferentes fases da internet.*

<i>Web 1.0</i>	Surgimento da <i>World Wide Web (WWW)</i> , com <i>sites</i> (estáticos e unidirecionais) que ofereciam informações, mas sem nenhum tipo de interação com seus consumidores.
<i>Web 2.0</i>	Começou a haver interação entre os usuários, pois aqui a <i>web</i> proporciona participação e até mesmo criação de conteúdo. Foi aqui que surgiram as primeiras redes sociais, permitindo que pessoas de todo mundo pudessem se conectar.
<i>Web 3.0</i>	Experiência <i>online</i> mais personalizada, mais inteligente e conectada. Surgimento/aprimoramento, com a <i>web</i> semântica, da inteligência artificial, de assistentes virtuais e <i>internet</i> das coisas (IoT); aqui pessoas começaram a se conectar com pessoas e com máquinas através da <i>internet</i> .
<i>Web 4.0</i>	<i>Web</i> mais inteligente, ainda mais personalizada e que proporciona imersão das usuárias, principalmente por contar com funcionamento simultâneo da inteligência artificial, realidade virtual/aumentada e big data.
<i>Web 5.0</i>	A <i>web 5.0</i> visa avanço na interação humano-máquina, mais conhecido por cérebro-computador, que envolve a interação com a <i>internet</i> através do pensamento, proporcionando uma experiência hiperpersonalizada.

Nota. Tabela estruturada pela autora desta tese, com base em Patel (2013, pp. 413-414).

Mudamos e evoluímos bastante, não acha? Saímos de um formato em que recebíamos informações sem a chance de interação, para um modelo em que temos autonomia de busca e criação de conteúdos. O que também traz pontos perigosos, como a criação e propagação de informações falsas (*fake news*).

Com o passar do tempo e da inovação tecnológica, até chegar na *internet* das coisas, a conexão foi sendo feita com cada vez mais atores, ou actantes. No começo era de computador para computador, depois se ampliou para dispositivos móveis de telefonia, e alcançou as pessoas que se tornaram quase que uma coisa só com seus *smartphones*, e tem ainda a inclusão dos eletrodomésticos, casas, carros, tudo controlado e conectado via *internet*. Hoje é possível acender a luz por comando de voz com inteligência artificial, ver como está tudo em casa através de câmeras conectadas.

Sabe o que mais me chama atenção ao observar todas essas mudanças referentes à sociedade e à *internet*? Chegamos a um ponto em que não precisamos mais “entrar e sair” da *internet* como fazíamos lá na época do *MSN* e *Orkut* (plataformas digitais de comunicação e postagem de textos, fotos e vídeos que já não existem mais), quando nos conectamos através de computadores de casa ou de *lan house* (estabelecimentos comerciais onde havia computadores com internet e se oferecia o acesso às pessoas por um valor cobrado pela hora utilizada). Com a chegada dos *smartphones*, ficamos conectadas o tempo todo, sabendo de tantas coisas em tempo real. “A *web* vai passando de um lugar de visita para um lugar de maior permanência e participação. Foi um elemento que proporcionou o que anos mais tarde fosse chamado por alguns de hiperconexão” (Araujo & Vilaça, 2016, p. 26).

Podemos notar que, para a interação via *internet* acontecer, precisamos de algum instrumento, geralmente com uma tela. Com quantas telas você interage atualmente? Televisão, computador/*notebook*, *smartphone*, *tablet*... Em qual delas você passa mais tempo? Qual delas você pode levar para qualquer lugar? E mais, qual aplicativo *online* você mais utiliza? Você sabe quanto tempo do seu dia você passa ativamente *online*?

Uma matéria que saiu no Jornal da Universidade de São Paulo (USP) em junho de 2023 afirma que houve um aumento de 4,1% de pessoas utilizando internet no país entre os anos de 2022 e 2023 e que “o Brasil é o segundo país com mais pessoas em frente a uma tela. São cerca de 56,6% das horas acordadas em frente a telas, ou seja, cerca de nove horas do dia” (Nazar, 2023). Ou seja, a população brasileira que tem acesso à internet passa, em média, 9 horas na frente das telas. Mas como chegamos até aqui?

Desde a Sociedade 1.0, vivemos em grupo, na época para colher e caçar em função da sobrevivência, mas para além de sobreviver as pessoas prezavam por se relacionar entre si, criar e manter laços, vínculos. Podemos ver isso nas aves que vivem em bando, nos elefantes que vivem em manada, assim, conforme postulado por Luciana Zenha, “o agrupamento de pessoas em metrópoles são manifestações coletivas que apresentam pistas do movimento natural dos seres vivos para se relacionarem organizadamente em espaços naturais, urbanos e, até mesmo, em ambientes digitais” (Zenha, 2018, p. 20). Embora tantas mudanças tenham acontecido, uma coisa parece perpetuar: vivemos coletivamente (ainda que *online*). Interagir não se limita mais ao presencial. A tela virou uma espécie de corpo (extensão ou continuação do nosso corpo) que se faz presente onde quiser estar, apesar da distância. Um corpo no qual colocamos a imagem que escolhemos e, nem sempre, essa imagem é 100% de acordo com o nosso reflexo no espelho, graças aos filtros e edições. Podemos mudar nosso rosto, nosso nome, idade, o que quisermos, mas não pretendo me aprofundar nessa parte que tem uma polêmica envolvida. Busco focar em

poder estar onde e com quem quiser, na hora escolhida, se comunicando, mostrando e contando o que bem entender.

Já aconteceu de você passar por uma situação ruim e querer contar logo para alguém, desabafar, chorar e receber acolhimento? Pois então, tem quem faça isso nas redes sociais. Esse espaço se tornou esse lugar onde se pode falar de tudo. Luciana Zenha, (2018, p. 25) faz contribuições ricas sobre esse espaço virtual onde as pessoas falam tanto de tudo, dizendo que “a rede social *online* é um ambiente digital em conexão no qual é possível observar o desenrolar, a evolução e a constante modificação dos embates psicossociais de seus integrantes, embates esses não apenas de ordem tecnológica, mas, sobretudo, humana”. A autora acrescenta ainda que:

A expansão do espaço virtual possibilitou a criação das Redes Sociais como local permanente de interação para a comunicação e a troca de informação entre indivíduos de qualquer parte do mundo, os quais possivelmente não poderiam se encontrar no mundo real, agrupados no mundo digital a partir das mais diferentes intenções comunicativas. A composição multicultural e pluriespacial de grupos que participam das redes sociais online representam a quebra de barreiras geográficas, sociais e temporais, favorecidas pelo ciberespaço (Zenha, 2018, p. 24).

De acordo com as informações disponíveis nos relatórios de dados estatísticos do portal *online Statista.com*, somos ao todo mais de 5 bilhões de usuárias de internet ativas em todo o mundo e o Brasil ocupa a posição de quinto lugar, com pouco mais de 167 milhões de usuárias até o final de 2022. Existem muitas formas de realizar conexões no mundo digital e o número de plataformas criadas para tal conexão não para de crescer. De tempos em tempos (vale ressaltar que esses intervalos de tempos ficam cada vez mais curtos), forma-se uma nova geração de pessoas, surgindo juntamente nova plataforma para atender sua demanda, o que, por consequência, faz com que o aparecimento de novas plataformas possa acarretar no desaparecimento de outras. Sejam elas novas ou ultrapassadas, existe algo em comum: são ambientes de relação social entre pessoas, são comunidades baseadas no vínculo, que compartilham interesses em comum. Essas comunidades no ambiente digital que integram e caracterizam as redes sociais são fortes e baseadas em um relacionamento de confiança entre as usuárias, pois, como afirma Philip Kotler (2017), essas relações crescem exponencialmente:

Um relacionamento nessas plataformas geralmente começa como uma conexão de um para um entre dois indivíduos que se conhecem e confiam um no outro. Essa conexão inicial levará a um vínculo entre as redes independentes dos dois indivíduos, criando uma conexão de muitos para muitos. Observadas de fora, comunidades online parecem

redes de estranhos, mas, por dentro, são redes de amigos confiáveis (Kotler, 2017, p. 56).

Observamos até aqui que com o passar do tempo as pessoas foram encontrando novas maneiras de interagir, de falar e mostrar o que têm vontade. Vamos conversar mais sobre esse ambiente virtual!

2.1 Conhecendo melhor essa rede *online* que conecta pessoas

Não dá para negar que a tela nos teletransporta para diversos lugares hoje em dia, isso graças, principalmente, à *internet*. Por mais que ela seja a chave para esse portal, não aprofundaremos explicações sobre ela, pois não atende aos objetivos deste trabalho. Nosso interesse está em conhecer como as estudantes universitárias vêm utilizando as redes sociais para falar do que vivenciam no ES. As redes sociais pelas quais navegamos de encontro às pessoas e histórias que dialogavam com o tema desta pesquisa foram *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*.

O que muda quando interagimos nas redes sociais *online*? Muitas pessoas não estão acostumadas a compartilhar suas ideias, expor seus pensamentos e participar de discussões presencialmente, ali no “cara a cara”. Essas redes sociais do ambiente virtual possibilitam diferentes formas de interação. Mas vamos no passo-a-passo de como tudo costuma acontecer. A partir do momento que uma pessoa cria uma conta, ela se torna usuária. Assim ela pode postar coisas, interagir com quem posta, ou apenas assistir o que acontece sem se pronunciar, pode fazer críticas, compartilhar o que encontrou com mais amigas, entre outras formas de vivenciar seu perfil nas redes.

Para compreender como as redes sociais têm sido utilizadas e sua função no cotidiano das pessoas, vamos contar com a Raquel da Cunha Recuero. A autora conta que a base dos sites de redes sociais é a conversação adaptada ao modelo textual, sendo assíncrona, já que fica na rede, mas também síncrona para quem está conectado e acompanhando o que se passa em tempo real. Essa conversação mediada por computador/celular conta com recursos para representar emoções e estados de humor como *emoticons*, onomatopeias, memes, imagens, fotos, vídeos, dentre outros (Recuero, 2014). Para a mesma autora, as redes sociais são compostas por três elementos: “a construção de um perfil público ou semipúblico, a publicização das suas redes sociais e a navegação por dentro dessas redes por outras pessoas” (Recuero, 2014).

Para se tornar uma usuária de alguma rede social, basta entrar no *site* ou baixar o aplicativo da plataforma e se cadastrar gratuitamente. Informações como nome, cidade de origem, cidade atual, data de nascimento, onde trabalha/trabalhou, estuda/estudou podem ser preenchidas e mantidas públicas (para qualquer outra usuária ver) ou privada (quando somente a própria usuária tem acesso), lembrando que o nome é sempre público, assim como a foto de perfil e de capa.

Cada pessoa é responsável pelo seu perfil, logo, depende de cada uma que as informações sejam verdadeiras ou falsas. O perfil individualizado vai representar a pessoa que está por trás da tela, permitindo que ela interaja com demais perfis. Raquel Recuero (2009) chamou de Conexões Associativas essas representações dos laços sociais e interações criadas e mantidas nos sites de redes sociais. Quando um perfil individual adiciona outro e este aceita, eles passam a formar o grupo de amigas delas. As amigas podem ver e acompanhar o que as outras amigas postam, passando a ser um canal permanente de troca e de informações entre elas. Quando uma amiga posta algo, suas amigas podem curtir, comentar e compartilhar, assim que se criam e espalham as conversações; ou seja, a mediação digital torna possível que conversações criadas permaneçam nas redes sociais, podendo ser buscadas e replicadas independentemente da presença *online* das usuárias. Para a autora, esse movimento de Conversações em Rede é uma nova forma de conexão social mantida virtualmente (Recuero, 2009; 2014).

De modo geral, a conexão se mantém movimentada por três ações possíveis que são comuns a várias plataformas de redes sociais, mas podem apresentar nomenclaturas um pouco diferentes, como veremos mais à frente, sendo elas as ações de curtir, comentar e compartilhar.

A ação de curtir é uma forma de interação menos exposta, pois você clica no botão de curtir e pronto; não há necessidade de justificar esse ato, é mostrar que curtiu aquilo, que foi visto, que você apoia aquilo de algum modo. A ação “compartilhar” traz como principal função dar visibilidade para algo, ampliando seu alcance; geralmente se faz isso quando se trata de informações relevantes, ou conteúdos que demonstrem o que representa também a usuária em questão, dando margem para mais interações. Já os comentários, compõem a forma mais explícita de conversação (curtir e compartilhar também são formas de conversação), pois se trata de uma mensagem original de pessoas, uma participação efetiva em que algo a dizer pode ser, de fato, dito em algo que foi anteriormente postado (Recuero, 2014).

Quando estamos nas redes sociais, percebemos que o volume e diversidade das informações que são geradas a cada minuto é muito grande, logo, é um desafio não se perder no meio de tanta informação. Uma forma para se localizar conteúdos de interesse é a ferramenta “*hashtag*”.

A *hashtag* (simbolizada por: #) tem uma história interessante que remonta ao final dos anos 1980. Inicialmente, a *hashtag* foi usada no IRC (*Internet Relay Chat*), um sistema de *chat online* precursor das redes sociais, para categorizar e agrupar mensagens relacionadas a tópicos específicos. Por exemplo, os usuários poderiam usar #esportes para conversar sobre assuntos relacionados ao mundo dos esportes. No entanto, seu uso ainda era bastante restrito e limitado ao ambiente do IRC.

A verdadeira popularização da *hashtag* aconteceu no *Twitter*, onde Chris Messina, em agosto de 2007, propôs a ideia de usar a # para agrupar conversas e tópicos de interesse. O objetivo era tornar mais fácil para as usuárias encontrar e seguir discussões sobre temas específicos. A partir de então, a *hashtag* explodiu em popularidade e foi adotada não apenas no *Twitter*, mas também em outras redes sociais, como *Instagram*, *Facebook*, *TikTok* (não falaremos neste trabalho sobre essa rede social, pois seu carro chefe é a publicação de vídeos, o que seria mais desafiador de trazer para as páginas desse trabalho, e o seu *boom* ocorreu em 2019, ou seja, em 2020 quando se iniciou esta tese ainda não havia familiaridade da autora com o *TikTok*) e muitas outras.

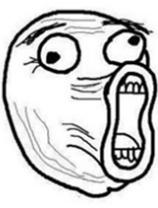
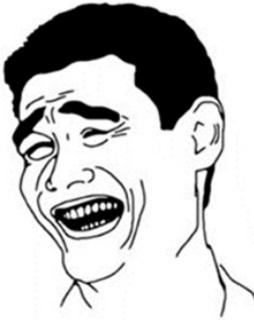
Com a disseminação das *hashtags* nas redes sociais, elas adquiriram diversos significados e funções. Além de categorizar conteúdo, passaram a ser usadas para expressar emoções, humor, ironia e sarcasmo. As pessoas também as utilizam para adicionar contexto, identificar tendências e até mesmo criar movimentos sociais e campanhas de conscientização.

Hoje, as *hashtags* se tornaram uma parte importante da cultura das redes sociais, sendo usadas para acompanhar eventos ao vivo, divulgar campanhas de *marketing*, conectar pessoas com interesses semelhantes e até mesmo criar *memes*. Seu uso versátil tornou as *hashtags* uma ferramenta poderosa para a descoberta de conteúdo e para a formação de comunidades *online*, desempenhando um papel significativo na maneira como interagimos e nos conectamos nas plataformas de mídia social.

Você sabe o que é *meme*? Vou começar com três das principais imagens utilizadas para fazer os primeiros memes que ficaram famosos nas redes sociais, pois nesse caso acredito que as imagens falam mais que palavras (vou apresentar as imagens numa tabela com o nome de cada imagem e uma breve explicação):

Tabela 2.

Representação dos primeiros memes famosos nas redes sociais.

 <p>problem?</p>	 <p>LOL</p>	
<i>Trollface</i>	<i>Lol</i>	<i>Yao Ming</i>
<p>“Face de troll” representa uma pessoa rindo de forma provocativa de outras pessoas. <i>Trolls</i> na internet, indicam “zoar” outras pessoas; se aplica a fazer pegadinhas com outras pessoas para provocar.</p>	<p>“Do inglês <i>laughing out loud</i> que significa rindo fora de controle, é um meme que representa uma pessoa achando graça e, como o próprio nome do meme diz, rindo de algo”.</p>	<p>““Nem ligo” como também é conhecido, é um meme criado a partir da imagem de um ex-jogador de basquete chinês chamado <i>Yao Ming</i>, que representa o momento em que uma pessoa faz algo, geralmente absurdo, não se preocupando com as consequências de sua ação. Foi um dos memes mais populares devido ao seu ar lúdico e a identificação das pessoas”.</p>

Nota. Dados encontrados no artigo Arte e a Cultura dos memes, de Guilherme de Léo Silva, Bacharelado de Ciência da Computação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Estudante de Jogos Digitais na Universidade Estácio de Sá, 2012.

O termo *meme* nasceu com o biólogo evolutivo Richard Dawkins, que desenvolveu uma teoria chamada Egoísmo do Gene, na qual a palavra meme trazia a ideia de unidade de replicação, assim como o gene que passa de corpo em corpo levando material genético.

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “*Mimeme*”

provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com “memória”, ou à palavra francesa *même* (Dawkins, 2001).

Por mais que o termo tenha sido criado para amparar uma questão genética evolutiva, a ideia de fácil replicação foi adaptada para conteúdos cômicos e irônicos na *internet*. Aliás, o paralelo com a hereditariedade se dá no fato de que a força dos memes se dá no uso das mesmas imagens com conteúdo diferentes. Os *memes* que compõem ideias e brincadeiras/piadas *online* podem ser representados por imagens, tirinhas, vídeos, fotolegendas, entre outros. Uma característica marcante dos *memes* é seu acabamento grosseiro e descuidado e com linguagem informal. O primeiro *meme* nesse sentido lúdico surgiu na *internet* em 1998, com a criação de um site chamado *Memepool*, que disponibilizava *links* e conteúdos com essa pegada cômica (Leal-Toledo, 2013; Recuero, 2009).

Raquel Recuero (2009) ao falar sobre os *memes*, conta que o impulsionador para que se repliquem tão rápido é a função de compartilhar nas redes sociais; por conta da alta replicabilidade os memes são vistos como potencializados na rede, além de compor parte importante da dinâmica social online. E como se tratam de imagens simples, é fácil editar trocando apenas as falas, como podemos ver na Figura 9:

Figura 7.

Exemplo de um meme facilmente editável.

Descrição da imagem: Quadro em fundo branco, dividido em quatro quadrados menores em formato de quadrinhos. No primeiro quadrinho, um boneco desenhado apenas em linhas pergunta: “O que nós queremos?”. No segundo quadrinho, três bonecos iguais ao do primeiro quadrinho respondem: “Ter boa memória!”. No terceiro, o primeiro boneco volta a perguntar: “E quando queremos?”. No último quadrinho, os três bonecos respondem: “Queremos o quê?”.



Fonte: *Meme* retirado do *Facebook*.

Agora vamos lá, falando em edição de falas, vale ressaltar que a gama de conteúdos que podem se encaixar nos *memes* é enorme! Podemos fazer memes falando de moda, alimentação, procrastinação, arte, música, política, vida cotidiana e, claro, estudos, vida universitária. Esse último tema citado é o que me interessa, pois diante da repercussão dos memes, sua utilização para explicitar temas do cotidiano acadêmico permite ser dito pelo humor o que precisa ser dito de alguma forma.

Recuero (2009) traz dois tipos de capital social referente aos *memes*, sendo o primeiro Relacional, “que é voltado para os memes cujo valor está na sociabilidade da rede que o difunde, na complexificação dos laços sociais e, mesmo, na ampliação da própria rede” e o Cognitivo, “que é relacionado ao valor da informação do que circula nessa rede (Recuero, 2009)”.

Os *memes* sobre experiências universitárias dão voz às estudantes diante de ocorridos no ambiente acadêmico que, por vezes, são exagerados ou inapropriados. É através dos *memes* que um movimento acontece na busca de fazer ser visto o que tem sido invisível e calado dentro das universidades. Ele tem um toque de ironia envolvido, à medida que pega um fato que ocorreu e transforma em algo tragicômico. Donna Haraway, no *Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, inicia sua obra falando que

A ironia tem a ver com contradições que não se resolvem – ainda que dialeticamente – em totalidades mais amplas: ela tem a ver com a tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras. A ironia tem a ver com o humor e o jogo sério. Ela constitui também uma estratégia retórica e um método político que eu gostaria de ver mais respeitados no feminismo socialista. No centro de minha fé irônica, de minha blasfêmia, está a imagem do ciborgue (Haraway, 1985, p. 35).

De 2020 para cá (2024) o meme ganhou outras formas, saindo daquela imagem animada para algo mais humano. Pessoas se tornaram memes! Seja em fotos ou vídeos engraçados que trazem a comicidade e crítica sobre qualquer assunto que seja, o que marca o meme é que ele viraliza, as pessoas se identificam e compartilham com as outras.

Figura 8.

Meme sobre pensar em desistir da faculdade.

Descrição da imagem: Imagem em com fundo branco, retirada por print de instagram. Na imagem, observa-se uma postagem da conta “universiotariano”, com a legenda “Você já pensou em desistir da faculdade?” e logo abaixo uma imagem do cantor Renato Russo, homem branco com idade de 30 a 40 anos com barba e óculos, cantando “Todos os dias quando acordo”.



Fonte: *Print de instagram.*

Percebi uma coisa enquanto pesquisava *memes* no *Facebook*, e também ao lembrar de perfis que já vi compartilhando *memes* sobre assuntos universitários: muitos perfis ou *hashtags* utilizadas envolvem a palavra “depressão” para sinalizar que é algo cômico a satirizar acontecimentos experienciados no ambiente acadêmico. Universitários da Depressão, Psicologia da Depressão e por aí vai. Seria por acaso o uso da palavra “depressão” associada a *memes* que falam de experiências universitárias? Fiz algumas buscas no *Facebook* articulando nomes de universidade com depressão, ou nomes que representam algo importante na universidade como “TCC” referente a Trabalho de Conclusão de Curso e outro dado me chamou atenção, o número de seguidoras:

Figura 9.

Páginas voltadas para universitárias que usam o termo “da depressão”.

Descrição da imagem: Imagem de fundo branco, *print* de uma busca no *facebook*. Na imagem, observa-se uma série de páginas que foram encontradas na busca: Uerj da depressão, faculdade e universidade, 89 mil curtiram isso; UFRJ da depressão, faculdade comunitária, 10 mil curtiram isso; UFF da depressão, faculdade e universidade, 43 mil curtiram isso, adentrando no universo deprê do universitário da UFF; TCC da depressão, site educacional, 412 mil curtiram isso, Trabalho de Conclusão de Curso é aquele momento da vida que... Pera aí, que vida?? Bom humor e dicas sobre o temido TCC!; TCC da depressão, comunidade, 8,7 mil curtiram isso, TCC todos mais perdidos e desesperados possíveis. Vamos rir um pouco dessa fase?; Universitários da depressão, comunidade, 4,8 mil curtiram isso, página com foco em distrair, atualizar e conscientizar estudantes de todo mundo; Psicologia da depressão, 271 mil curtiram isso, Te ensino a lidar com a sua ansiedade Autor do Ebook “Ansiedade sem crises” Pós-graduado em TCC Psicoterapia 100% online.



Uerj da depressão

Faculdade e universidade · ★ 4,5

Sempre aberto · 89 mil curtiram isso

Um perfil atualizado por gente desatualizada. Não curtiu? Bota a roupa e vai embora. Quer falar com a gente? Manda email pra...



UFRJ da Depressão

Página · Faculdade comunitária

10 mil curtiram isso



MANDE SUAS IDEIAS E/OU CONTEÚDOS PARA UFRJDEPRESSAO@YAHOO.COM.BR



UFF da Depressão

Página · Faculdade e universidade

43 mil curtiram isso

Adentrando no universo do universitário deprê da UFF



TCC da Depressão

Página · Site educacional

412 mil curtiram isso

Trabalho de Conclusão de Curso é aquele momento da vida em que... Pera aí, vida??? Bom humor e dicas sobre o temido TCC! tccdadepressao@outlook.com



TCC da depressão

Página · Comunidade

8,7 mil curtiram isso

TCC, todos + perdidos e desesperados possíveis. Vamos rir um pouco dessa fase?! 💎💎💎💎



Universitários Da Depressão

Página · Comunidade

4,8 mil curtiram isso

Página com foco em distrair, atualizar e conscientizar estudantes de todo mundo.💎



Psicologia da Depressão

Psicólogo · ★ 4,8

271 mil curtiram isso

Te ensino a lidar com a sua ansiedade Autor do Ebook "Ansiedade sem Crises" Pós-graduado em TCC Psicoterapia 100% Online



Fonte: *Print do facebook.*

É mais do que curiosa essa relação entre a palavra depressão com páginas/perfis de humor sático. Encontrei em Laene Pedro Gama (2018), através da sua dissertação de mestrado realizada na Universidade de Brasília, intitulada “A Função Social e Política do Humor no

Trabalho”, e Larissa Fernandes e Anthony Araújo, ambos da Universidade de Brasília, com pesquisa intitulada “Rir é bom, mas rir de tudo é desespero?”, também me ajudaram a escrever sobre essa dinâmica de utilizar humor através de *memes* para falar de algo que dói.

Larissa Fernandes e Anthony Araújo (2019) afirmaram que o humor é uma maneira estratégica de lidar com o sofrimento, e que, hoje, o *meme* é um meio infalível para transformar o que dói em risos. Eles contam que o *meme* proporciona certo alívio para as pessoas que percebem um sofrimento com o qual se identificam por ser uma maneira de perceber que não se é a única pessoa a viver tal sofrimento.

Laene Pedro Gama (2018) conta que o riso é uma forma de criar aproximação e intimidade com as outras pessoas, mas ela fala do riso com o outro e não do outro. É como se o ato de rir fosse contagiando as pessoas e, assim, aproximando-as de um jeito leve. Para ela, baseada em suas pesquisas, rir faz bem para a saúde física e mental, e proporciona prazer. Rir do que dói, do que faz sofrer, é um jeito de lidar, de mostrar e ao mesmo tempo de esconder, de tornar aquilo menos pesado ou menos visível. A autora citou muito Daniel Kupermann (2003) em sua pesquisa, e trouxe um conceito dele que me fez associar com a utilização do termo “depressão” em nomes de páginas de humor sátiro, sendo ele o conceito de Sociedade Depressiva. Para ele, a sociedade atual é depressiva-humorística por ser marcada pelo humor como forma de resistência, como uma luta pelo prazer de viver e de descontrair. Ele argumenta que o que caracteriza esse conceito é o crônico mau humor e desprazer em viver uma vida acelerada e corrida, que encontrou amparo no humor, e nele uma esperança na busca do bem estar pessoal. Conta que o humor é um tipo de lubrificante social.

Há uma diferença marcante entre a proposta de recorrer ao humor para lidar com o sofrimento entre Daniel Kupermann (2003) e Laene Pedro Gama (2018). Para ele, trata-se de uma evitação ao conflito, como se o humor pudesse anestesiar ou suspender a pessoa de seu sofrimento, acreditando que o humor permite ver e viver o mundo acima da realidade pesada. Já para ela, que desenvolveu a ideia de humor sociológico, o humor requer participação ativa e cumplicidade das pessoas em se movimentar diante do sofrimento que ocorre, de forma respeitosa por se tratar do sofrimento de pessoas; assim, para ela é mais do que rir das desgraças nossas e dos outros, tendo a função de proteção contra a angústia por se movimentar e identificar com outras pessoas.

Para fechar essa parte e voltar rapidamente ao termo “depressão”, frequentemente utilizado em páginas e perfis com conteúdo de humor nas redes sociais, gostaria de trazer dados do relatório anual do *Center for Collegiate Mental Health* sobre os índices de depressão em estudantes universitárias entre os anos de 2015 e 2016, encontrando 49% de pessoas com

depressão entre as 51.567 que faziam parte da amostra. A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que cerca de 300 milhões de pessoas vivem com depressão, afetando mais mulheres do que homens.

Três redes sociais possibilitaram o acesso à histórias e informações pertinentes para a elaboração desta tese. Por isso, será apresentado um breve resumo sobre quem criou e quando cada uma dessas plataformas, sendo elas o *Twitter*, o *Facebook* e o *Instagram*.

O *Twitter* foi criado em março de 2006, por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, inicialmente como um projeto interno da Obvious Corporation. A ideia surgiu quando Jack Dorsey teve a inspiração de criar uma plataforma de comunicação que permitisse às usuárias compartilharem mensagens curtas e rápidas com suas seguidoras. A motivação por trás da criação do *Twitter* era fornecer uma plataforma onde as pessoas pudessem compartilhar atualizações em tempo real sobre suas atividades diárias, interesses e pensamentos de forma concisa e direta.

O lançamento público do *Twitter* ocorreu em julho de 2006 e rapidamente ganhou popularidade, especialmente entre celebridades, jornalistas e influenciadores, que encontraram no *Twitter* uma maneira eficaz de se conectar com seus seguidores e fãs em tempo real. O crescimento exponencial da plataforma impulsionou-a para o cenário das redes sociais.

Dentro da rede social *Twitter*, a principal forma de interação entre os usuários é através do "*tweet*", que é uma mensagem de até 280 caracteres compartilhada publicamente. As usuárias podem compartilhar textos, *links*, imagens e vídeos em seus *tweets*, que são exibidos no *feed* de seus seguidores. Além disso, as usuárias também podem mencionar outras usuárias em seus *tweets* usando o símbolo "@" antes do nome da usuária, possibilitando respostas e interações diretas.

Outra forma de interação no *Twitter* é através do "*retweet*", que permite às usuárias compartilhar o conteúdo de outras usuárias em seus próprios perfis, ajudando a disseminar informações e tornar determinadas mensagens mais populares. Além disso, as usuárias também podem responder aos *tweets* umas das outras, iniciar conversas através de *threads* (sequência de *tweets* relacionados), enviar mensagens diretas (DMs) para outras usuárias e utilizar *hashtags* para categorizar e descobrir tópicos de interesse.

O *Facebook*, antes de receber esse nome, foi criado por Mark Zuckerberg - um estudante universitário com 19 anos na época - , juntamente com seus colegas de quarto Andrew McCollum, Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz, enquanto estudavam na Universidade de *Harvard*. A ideia inicial para a criação do *Facebook* surgiu em 2003, quando Mark Zuckerberg lançou um site chamado "*Facemash*", que permitia às usuárias comparar fotos

de estudantes da universidade lado a lado e escolher qual era mais atraente. O *Facemash* foi um sucesso temporário, mas também gerou controvérsia e foi logo retirado do ar.

Em fevereiro de 2004, Mark Zuckerberg lançou a plataforma "*Thefacebook*" com o objetivo de criar uma rede social que conectasse as estudantes da Universidade de *Harvard*. A ideia era fornecer uma plataforma onde as alunas pudessem se conectar, compartilhar informações e interagir com outras membras da comunidade acadêmica. Em pouco tempo, a plataforma se tornou popular em *Harvard* e foi rapidamente expandida para outras universidades nos Estados Unidos e, posteriormente, para pessoas de todo o mundo.

A interação entre as usuárias dentro do *Facebook* é realizada através de várias formas. A principal é o "*post*", que permite às usuárias compartilhar textos, fotos, vídeos e *links* em seus perfis. As amigas e seguidores de uma usuária podem curtir, comentar e compartilhar esses *posts*, criando uma interação social dinâmica. Além disso, o *Facebook* também possui recursos de mensagem privada, que permitem que as usuárias enviem mensagens diretas umas às outras, bem como a criação de grupos e páginas dedicadas a interesses específicos, onde as membras podem participar de discussões e compartilhar conteúdo relacionado.

Outra forma de interação importante nesta plataforma é o "*like*" (curtida), que permite às usuárias demonstrar sua aprovação e apoio a *posts* e comentários de outras usuárias. As reações, introduzidas posteriormente, permitem às usuárias expressar uma variedade de emoções em relação a um *post*, incluindo amor, riso, surpresa, tristeza e raiva. Essas interações formam a base da experiência social dentro do *Facebook*, criando uma comunidade *online* vibrante e conectada.

O *Instagram* foi criado por Kevin Systrom e Mike Krieger, que trabalharam na criação do aplicativo em suas horas livres, enquanto ainda eram estudantes de pós-graduação na Universidade de Stanford, Califórnia. O lançamento do *Instagram* foi em outubro de 2010. A ideia para a criação do site/aplicativo surgiu quando Kevin Systrom, então trabalhando em um aplicativo de *check-in* chamado *Burbn*, percebeu que a funcionalidade de compartilhamento de fotos era a mais popular entre as usuárias. Com base nessa percepção, eles decidiram focar na criação de um aplicativo exclusivamente para compartilhamento de fotos, que oferecesse filtros e recursos de edição para tornar as imagens mais atraentes e estilizadas.

A interação entre as usuários dentro do *Instagram* é baseada em compartilhamento visual. As usuárias podem publicar fotos e vídeos em seus perfis, aplicar filtros e editar suas imagens para criar uma estética específica. Além disso, permite que as usuárias curtam (deem "*likes*") e comentem nas postagens de outras usuárias, criando uma interação social em torno do conteúdo compartilhado. Outra ferramenta é o "*story*" (história), que também é uma forma

popular de interação, permitindo que as usuárias compartilhem fotos e vídeos que desaparecem após 24 horas. As histórias oferecem uma maneira mais casual e instantânea de compartilhar momentos do dia-a-dia, e as seguidoras podem interagir com as histórias enviando mensagens privadas ou reagindo através de *emojis*.

Um recurso um pouco mais recente do *Instagram* é o "*Reels*", que serve para criar vídeos curtos e criativos, e o recurso de "marcação" que permite às usuárias marcarem outras pessoas em suas postagens. Essas interações tornam a plataforma social rica em conteúdo visual e interação entre as usuárias, impulsionando sua popularidade e crescimento ao longo dos anos. E quem não tem acesso direto aos conteúdos visuais? E as pessoas com algum tipo de deficiência (auditiva, visual, ...)? Se o objetivo das redes sociais conectadas à *internet* é proporcionar que as pessoas se conectem, é preciso pensar nas pessoas. Para isso foi desenvolvido o Guia de Boas Práticas para Acessibilidade Digital, que vem a ser um Programa de Cooperação em parceria entre o Reino Unido e o Brasil, publicado em 2023 e pode ser encontrado no *link* <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-e-usuario/acessibilidade-digital/guiaboaspraaticasparaacessibilidadedigital.pdf> (Brasil, 2023). Esta é uma de muitas iniciativas que vêm surgindo em prol da efetiva inclusão e acessibilidade do mundo digital. Navegar nas ondas digitais se torna mais democrático graças aos “leitores de tela para pessoas cegas; ampliação de tela e alto contraste para pessoas com baixa visão; mouses e teclados adaptados para pessoas com deficiência física; tradutores de Língua Portuguesa para Libras para pessoas surdas, etc.” (Centro Tecnológico de Acessibilidade [CTA], 2019).

2.2 Como nós, mulheres, estamos mudando com o uso da *internet* e das redes sociais?

Nossos corpos feitos de ossos, carne, pele, historicamente invadidos, dominados, colonizados, agredidos de inúmeras formas... Corpos que, com a *internet* e as redes sociais, puderam encontrar um jeito de se blindar, ainda que essas mesmas ferramentas também sejam utilizadas para difamar a imagem da mulher. Mas o nosso foco aqui é como nós, mulheres - que estão ou já estiveram no ambiente acadêmico - estamos utilizando as redes sociais para nos unir e falar sobre o que nos agride em determinadas experiências e sobre como tem sido ser estudante mulher no ES. Coletivamente, as histórias se encontram navegando *online*, nós nos encontramos e confirmamos que “o problema” não é com a gente, e sim com o machismo. É

como se a nossa versão ciborgue nos ajudasse a ter voz e a colocar para fora o que tanto nos machuca.

De uma certa perspectiva, um mundo de ciborgues significa a imposição final de uma grade de controle sobre o planeta; [...] De uma outra perspectiva, um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista (Haraway, 1985, p. 46).

O conceito de “mulheres no circuito integrado” foi utilizado por Donna Haraway (1985, p. 67), conceito este desenvolvido por Rachel Grossman (1980), para falar desse momento em que nós, mulheres, vivemos e nos relacionamos com “em um mundo tão intimamente reestruturado por meio das relações sociais da ciência e da tecnologia”. A autora diz, em sua obra *Manifesto ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-socialista no final do século XX*, que “a fronteira entre o físico e o não físico é muito imprecisa para nós” (Haraway, 1985, p. 43) criando, assim, o conceito de ciborgue:

O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação (Haraway, 1985, p. 37).

O final do século XX evidenciou um tempo em que nossos corpos e nossos *smartphones* puderam ser entendidos como híbridos. As pessoas, com suas máquinas portáteis conectadas via *internet* 24 horas por dia, máquinas essas “perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes” (Haraway, 1985, p. 42). O mito do ciborgue de Donna Haraway (1985) “significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político” (Haraway, p. 45).

Donna Haraway, lá em 1985, já apontava para a urgência por uma resistência, uma unidade política que pudesse “enfrentar, de forma eficaz, as dominações de ‘raça’, de ‘gênero’, de ‘sexualidade’ e de “classe” (Haraway, 1985, p. 52). Ela afirmava que as tecnologias de comunicação eram fundamentais na remodelação dos nossos corpos, na maneira como nós, mulheres, conseguiríamos impor novas relações sociais no mundo (Haraway, 1985, p. 45-64).

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de “experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica (Haraway, 1985, p. 36).

Ciborgue tem a ver com desmontar e remontar um eu; esse eu é pessoal e coletivo, e ele está em nossos corpos. Um eu que podemos chamar de híbrido humana-máquina que está conectado em rede pelo mundo inteiro, ultrapassando fronteiras, oceanos e continentes. Não há dualidade entre corpo e máquina, eles se fundiram de um jeito que faz com que possamos ser responsáveis por essas máquinas, que acompanham e coincidem com os nossos processos, nossas vivências (Haraway, 1985, p. 97).

Para Donna Haraway (1985) o nosso eu são os nossos corpos encarnados. Ela destaca que ciborgues da vida real, exemplificando “as mulheres trabalhadoras de uma aldeia do sudeste asiático, nas empresas eletrônicas japonesas e estadunidenses descritas por Aihwa Ong” reescrevem ativamente os textos de seus corpos e sociedade por uma questão de sobrevivência (Haraway, 1985, p. 90).

A escrita é, preminentemente, a tecnologia dos ciborgues – superfícies gravadas do final do século XX. A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina (Haraway, 1985, p. 88).

Poderíamos, então, dizer que as universitárias brasileiras que fazem uso das redes sociais para falar de suas histórias, de si mesmas, são universitárias-ciborgue em busca de “um eu último, libertado, afinal, de toda dependência” (Haraway, 1985, p. 38)?! Seriam cyber-universitárias que utilizam a *internet* e a rede em seu favor para falar do que precisa ser falado e, assim, poder seguir em meio a tantas formas de opressão que vivem pelo “simples” fato de ser mulher? “A ideia de “rede” evoca tanto uma prática feminista quanto uma estratégia empresarial multinacional – tecer é uma atividade para ciborgues opositoristas” (Haraway, 1985, p. 76).

As telas podem conectar vidas, histórias, pedidos de socorro, acolhimento e posicionamento. Podem gerar mudanças, unir pessoas em um coletivo que faz sua voz ecoar e ultrapassar as fronteiras do medo, da sensação de culpa ou impotência, encorajando mulheres universitárias a não aceitar qualquer forma de opressão, discriminação e agressão.

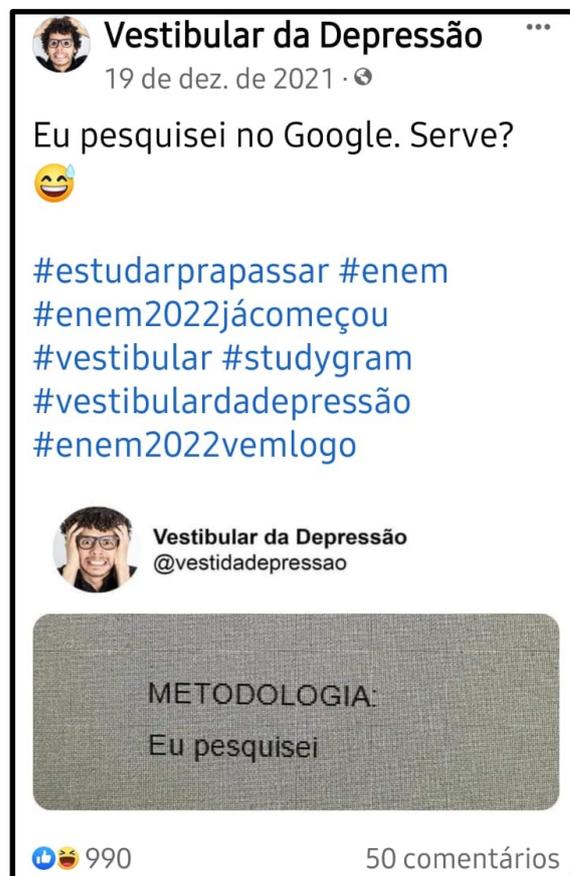
3 COMO FOI DAR VIDA A ESTA TESE?

Figura 10.

Print do facebook de meme sobre uso de metodologia.

Descrição da imagem: Quadrado em moldura preta com fundo branco, onde se observa um post da página “Vestibular da Depressão” de 19 de dezembro de 2021. Na legenda, está escrito “Eu pesquisei no Google. Serve?” seguido de um emoji rindo e suando frio. O post está marcado com as hashtags estudar para passar, enem, enem 2022 já começou, vestibular, studygram, vestibular da depressão, enem 2022 vem logo. Abaixo, uma imagem de uma anotação em notebook escrita: “METODOLOGIA: Eu pesquisei”. 990 curtidas e 50 comentários.

Fonte: Facebook.



Como falar de metodologia sem falar de como me aproximei do tema COM o qual estou pesquisando? Tudo começou em 2017, quando eu cursava o mestrado e era professora substituta da graduação na mesma universidade. Hoje, ao olhar para trás, percebo que eu estava imersa num ritmo insano, ritmo este que eu mesma alimentava; não tinha tempo, e se tivesse um tempinho que fosse sobrando, era sinal de que eu estava fazendo algo muito errado, então acabava me culpando muito. Não havia tempo de diversão, de descanso ou até mesmo de certos cuidados (não dava tempo de marcar um médico, por exemplo), era o momento de estudar, de me dedicar ao máximo, aliás, dedicação para estudar e dar conta da minha formação e trabalhar com a formação de outras pessoas!

Os dias em 2017 eram tão corridos, começavam cedo e terminavam tarde. Parar para comer era, geralmente, dentro do ônibus indo de um campus universitário para outro. E quando chegavam os finais de semana era hora de ir para casa, em outra cidade. Lembro que os sábados

e domingos passavam num piscar de olhos: quando eu achava que iria descansar um pouco, depois de preparar a aula, de estudar para as aulas que eu assistia, já era hora de voltar e começar tudo de novo. No começo eu achava essa correria o máximo, mas com o passar do tempo tudo foi mudando. A correria não era só minha, parecia que todas as pessoas viviam correndo. Sabe o que me parou por um instante? Saber que houve um caso de suicídio na universidade, um estudante se matou. “Como assim, um estudante se suicidou?!” era a pergunta que não saía da minha cabeça. Pouco tempo depois, outro caso ocorreu e eu comecei a prestar mais atenção às pessoas, em mim mesma e às informações sobre universidades pelo Brasil.

Parecia tão normal aquele ritmo corrido e sempre sem tempo até mesmo para coisas essenciais. Nos meus pensamentos de jovem adulta, isso era “crescer”, mas confesso que, no fundo, não era bem esse o “crescer” com o qual eu sonhava quando era criança. Tinha tanta coisa acontecendo o tempo todo, que a dor de cabeça no final do dia passou a ser comum; não me permitir ter momentos de alegria era normal; o sentimento de que deveria ter feito mais e melhor como estudante prevalecia (sempre parecia pouco, ruim...nunca me sentia segura do que viesse a fazer academicamente). Eu achava que o problema era somente comigo, que todas as outras estudantes estavam aparentando estar bem consigo mesmas, mas aí fui descobrindo que não, pois muitas sofriam tanto quanto eu e até mais.

“E agora, quem poderá nos defender?” - referência ao Chapolin Colorado, que ao ouvir essa pergunta aparecia e dizia: Eu! O Chapolin Colorado! - Quem vai falar sobre isso? Quem vai agir sobre? Quem nos protegerá, muitas vezes, de nós mesmas, dos nossos fantasmas de autocobrança e perfeccionismo? Quem vai nos fazer entender que precisamos nos cuidar enquanto pessoas? Cuidar dos nossos corpos, da nossa saúde mental, das nossas relações, das nossas vidas...

Ainda em 2017, mais um dia com cara de todo dia, mais um corre entre um campus e outro. Uma coisa que eu fazia com frequência quando estava no ônibus era olhar as minhas redes sociais, e teve um dia que algo diferente começou a aparecer na minha *timeline*: *posts* de pessoas conhecidas contando algo que passaram de ruim na universidade e no final colocavam a *hashtag* #meuprofessor (ou #meuprofdr, #meuprofessordoutor). Na época não tive a curiosidade sobre quem criou esse movimento pela *hashtag*, mas eu clicava nela e ficava lendo o que outras estudantes contavam, e, de algum modo, aquilo me prendia numa mistura de “não estou sozinha” com “por que passamos por isso?” e “isso precisa mudar”.

Ali entendi que eu queria fazer doutorado pesquisando sobre estudantes universitárias, sobre o que passam na universidade e pensar junto o que fazer com isso. Li *posts* de pessoas de várias universidades espalhadas pelo país e fui ficando cada vez mais impactada. Não fazia

ideia de como, nem onde faria doutorado, muito menos se eu passaria no processo seletivo, mas sei que de lá para cá comecei a ler mais sobre saúde mental de estudantes universitárias e sobre sofrimento psíquico no ambiente acadêmico.

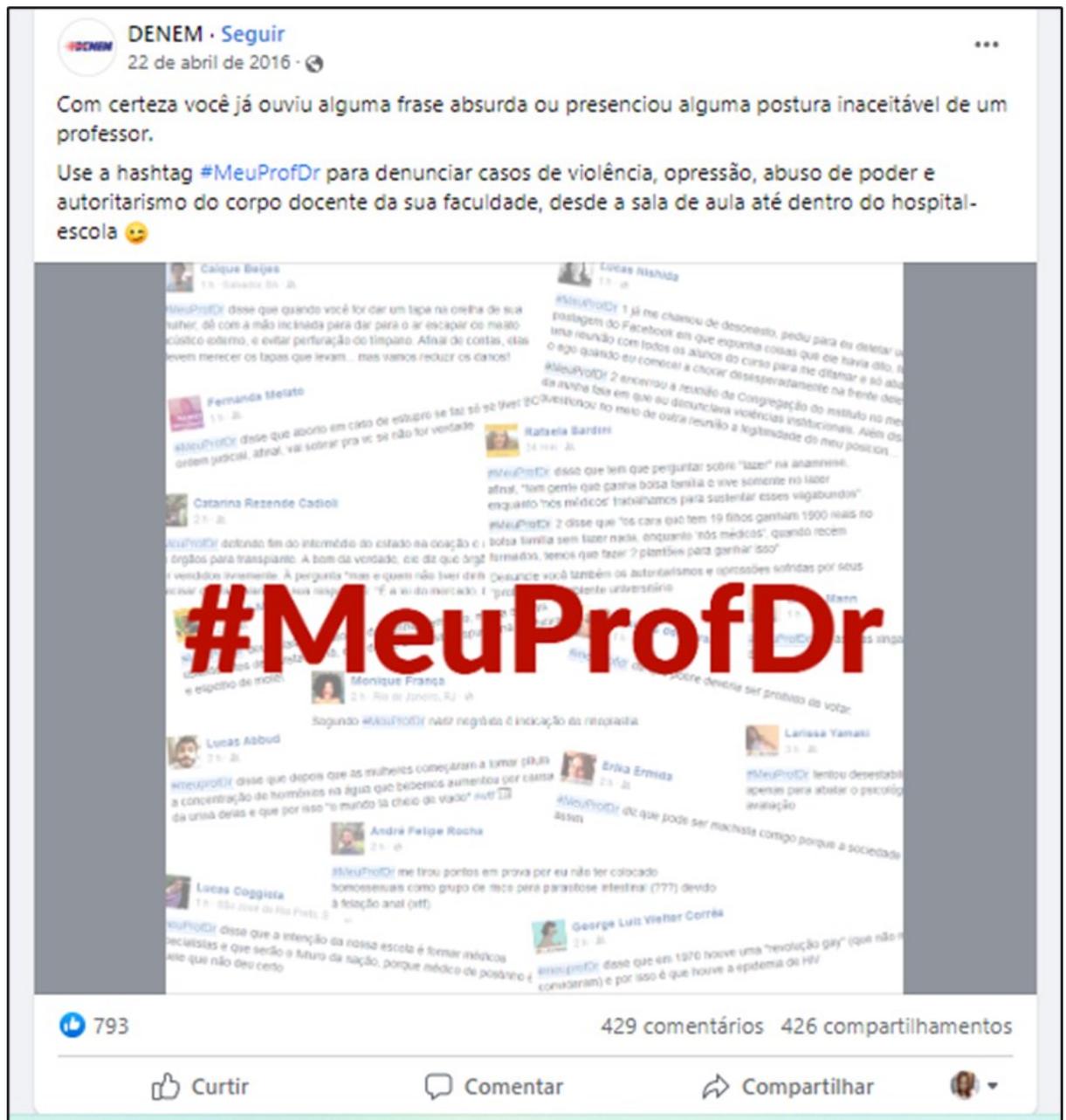
Concluí meus ciclos de 2017 por volta de 2019, e, em 2020, ingressei no doutorado. A ideia inicial era conversar com o máximo de estudantes que eu pudesse, fazer grupos, entrevistas, conhecer pessoas e suas histórias durante a formação acadêmica. A essa altura, eu pesquisava e via algumas universidades desenvolvendo setores de apoio para suas estudantes e, claro, fui procurar quem começou aquela *hashtag* lá de 2017.

Como resultado, encontrei que em 22 de abril de 2016 uma iniciativa da Direção Executiva Nacional de Estudantes de Medicina (DENEM) ganhou espaço nas redes sociais, através de uma *hashtag* utilizada no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. A *hashtag* teve suas variações entre #meuprofdr, #meuprofessordr, #meuprofessordoutor, e veio como meio de articular e publicar relatos de estudantes de medicina contando casos de violência, opressão, abuso de poder e autoritarismo vivenciados na universidade - casos esses exercidos por professores. Rapidamente a *hashtag* viralizou e alcançou estudantes de outros cursos de graduação e também de pós-graduação.

As redes sociais e seu amplo alcance deram voz para a dor de muitas estudantes. Falar com o mundo significava mais do que ter seu relato lido, tornou-se uma forma de identificação enquanto grupo. O sofrimento das estudantes ganhou voz e visibilidade nas redes sociais.

Figura 11.

Post do Facebook do perfil DENEM.



Descrição da imagem: *Post do Facebook do perfil DENEM, na data de 22 de abril de 2016, dizendo na legenda “Com certeza você já ouviu alguma frase absurda ou presenciou alguma postura inaceitável de um professor. Use a hashtag #MeuProfDr para denunciar casos de violência, opressão, abuso de poder e autoritarismo do corpo docente da sua faculdade, desde a sala de aula até dentro do hospital-escola”. Emoji piscando o olho e sorrindo. Na imagem com fundo branco há 14 posts recortados e colados de modo que não dá para lê-los em si, pois estão*

menos nítidos, e sobre eles de forma nítida e destacada na cor vermelha escrito #MeuProfDr. Post com 793 curtidas, 429 comentários e 426 compartilhamentos.

Seria coincidência que a *hashtag* trouxesse a figura do professor no masculino por ser a forma usual neutra ou teria alguma relação com o fato de a maioria do corpo docente do ES no Brasil ser composto por homens? Lembrando que a maioria das estudantes são mulheres. Esse lugar que o gênero masculino ocupa na sociedade e na ciência é resultante de longas décadas com um regime patriarcal e machista vigentes.

Luciana Ferreira Tatagiba e Sueli Custódio (2022, p. 01) fizeram uma afirmação forte: “a desigualdade social no Brasil tem rosto de mulher. À pobreza somam-se as diversas formas de violência resultantes do machismo e da misoginia, quadro que se acentua dramaticamente no caso das mulheres negras, indígenas e transexuais”. Quando li que a desigualdade social no Brasil tem rosto de mulher, precisei fazer uma pausa. Mesmo que isso esteja evidente, ler dessa forma mexeu comigo.

Ariane Guanini da Silva, Nuria Criado Scarpin, Maria Eduarda Monico Timoteo Silva, Luisa Grespan Danhoni Neves, Luciane Ferreira Silva, Marcos Cesar Danhoni Neves e Josie Agatha Parrilha da Silva em seu estudo *A mulher na ciência: um breve histórico e reflexões sobre políticas e ambiente laboral* (2022) dissertam que a história das mulheres na ciência brasileira está imersa na desigualdade de gênero, ressaltando a proibição das mulheres do acesso à educação acadêmica. As autoras comentam sobre o período colonial em que a “educação feminina era voltada para os afazeres domésticos, maternidade e matrimônio, excluindo-as de qualquer atividade que envolvesse assuntos extraordinários ao ambiente doméstico” (Silva et al., 2022, p. 86).

Quando comecei a fazer o pré-projeto para o doutorado, imaginei que conversar com estudantes seria sinônimo de vivenciar presencialmente uma troca na qual relatos seriam contados, assim como foi a #meuprofdr nas redes sociais. Não, eu não considerei que eu seria uma estranha dentro da universidade querendo saber sobre a vida das pessoas em formação. Pois não é fácil para as universitárias e as mulheres no geral falar sobre as violências que sofrem. Não me questioneei se todas ficariam à vontade para falar de si em grupo, na frente de outras estudantes. Eu parecia estar obcecada pelas piores histórias possíveis, em que de um lado havia a vilã - universidade - e do outro lado as vítimas - estudantes. O que eu iria fazer com isso? Por que eu estava nesse movimento? O que eu estava conseguindo enxergar até o momento? Ainda assim, o que eu sei é que não queria proporcionar um momento frio no qual eu ouviria e anotaria sobre suas histórias e seguiria com a minha pesquisa sem elas.

Menos de um mês como doutoranda, com apenas três dias de aula presencial e “boom!”, veio o vírus da Covid-19 trazendo a pandemia que nos fez viver em isolamento social por tempo indeterminado até então. As aulas, que antes aconteciam com professoras e estudantes dentro de sala, em meio a conversas paralelas, atenção aos olhares e gestos, debates, calor humano e tudo que cabe dentro da universidade, ficaram suspensas até o segundo semestre de 2021, ano em que retomamos aos poucos as atividades presenciais.

Voltamos com máscara, álcool em gel e momentos em que alívio e desconfiança que se equilibravam ao tirar a máscara para comer. Entre o início da pandemia de Covid-19 e o segundo semestre de 2021, temos esse intervalo em que praticamente tudo aconteceu *online*, na modalidade remota, cada uma atrás da sua tela, através da sua *internet*, seja via computador, *notebook* ou celular. A tela se tornou sala de aula, não deixando espaço para conversas paralelas, encontros pelo corredor, almoçar junto, conhecer e interagir com as pessoas - assim como costuma acontecer presencialmente; afinal, acabava a aula *online* e uma tela com diversas janelinhas que representavam as pessoas se fechava. Em meio a tantas coisas que a tela passou a ser, fez-se também enquanto porta para esta pesquisa.

Viver uma pandemia foi assustador! Notícias de mortes e mais mortes diariamente, o medo de sair de casa e ser contaminada, o medo de perder as pessoas que amo, o medo de morrer. A tristeza de ligar a televisão ou ver as redes sociais e encontrar por todos os lados o desespero, medo e tristeza das pessoas por conta da Covid-19. Hospitais lotados de pacientes que não podiam receber visitas, corpos e mais corpos sendo enterrados sem velório, sem a despedida. Por conta do isolamento social, acho que posso dizer que nunca vivenciei um momento de tanta solidão e medo como foi na pandemia. Sabe aquele ritmo corrido que eu vivi em 2017? Não parecia nada diante da depressão que me tomou quando juntou doutorado e Covid-19. Se, de 2017 a 2019, eu mal parava em casa para dormir, em 2020 e 2021, eu mal saía de casa para ir ao mercado e farmácia (com máscara e muito álcool 70%). E a tese? Não soube, por um bom tempo, o que fazer com ela. Em meio ao cenário trágico que se passava, pensar numa tese parecia supérfluo, além da incerteza se eu continuaria viva ou não. Pensar sobre a vida me fazia dormir, era o jeito que o meu corpo encontrava de se “proteger” da realidade.

Voltando para o assunto tese, como se faz uma tese mesmo? Eu pensava em escolher um tema, pesquisar sobre ele em pesquisas anteriores, levantar hipóteses e objetivos a partir da identificação do problema, delimitar o campo e o grupo amostral, estruturar formas de coletar os dados, coletá-los e depois analisar, verificar se bateu com as hipóteses, e assim desenvolver a conclusão e considerações finais. Afinal, é assim que se faz ciência, certo? Eu como pesquisadora escolho, estudo, delimito, controlo, testo, analiso e concluo para publicar o que

encontrei. Eu, que não estava controlando o meu sono nem a minha vida, “tinha que” controlar tantas variáveis para construir uma pesquisa. Foi nesse embarço que nasceu Íris e a proposta de pesquisar através da tela, desse lugar onde as pessoas têm se mostrado independente de nomes ou codinomes, elas falam de suas fraquezas, vulnerabilidades e sofrimentos.

Lá estava eu, uma estudante querendo pesquisar sobre estudantes. Isso me angustiou por um bom tempo, pois eu vinha lidando com o meu sofrimento e lendo sobre o sofrimento de outras pessoas e, no final, tudo que eu conseguia perceber era sofrimento. Pensei em desistir do doutorado — e acho que de algum modo era uma forma de desistir de mim.

A pandemia de Covid-19 me mostrou o óbvio – que eu não posso controlar nada. Tudo ficou muito confuso... Desistir ou não desistir, eis a questão! Eu queria ficar e falar sobre isso tudo que estou falando agora, mas para isso precisei mudar de laboratório, precisei me mudar em vários sentidos. Eu realmente precisava de um lugar onde pesquisar não era uma relação pesquisadora-objeto de pesquisa, com todo respeito a esse formato, mas eu queria mais. Quando cheguei no laboratório afeTAR, coordenado pela professora Alexandra Tsallis, fiquei encantada com as pesquisas e, principalmente, com a relação entre as pessoas e suas pesquisas e entre si mesmas. Mesmo sendo um lugar do qual eu gostaria de fazer parte, entendi que eu não sabia fazer nada daquilo que era feito no afeTAR.

No laboratório, todas as integrantes leem todos os trabalhos (artigos, monografia, dissertação, tese, capítulo de livro e qual produção mais houver), como uma orientação coletiva. Ou seja, eu não tinha que mostrar o que eu escrevi “só” para a minha orientadora, mas para todas as pessoas do afeTAR. A ideia me parecia interessante, mas também algo assustadora. Comecei lendo os textos já agendados (essa reunião de ler os textos se chama reunião de bancada e acontece, atualmente, às sextas-feiras, 14h), nos quais eu via comentários de várias pessoas, mas não me sentia pronta para comentar nada. Falar na reunião então... Nem pensar!

Com o tempo, fui me permitindo comentar nos textos, contudo o medo maior era de ser lida por tanta gente! Chegou a minha vez, com um texto que eu não gostava. Um dos comentários que eu lembro bem dizia sobre o meu texto não ter a ver comigo. E não tinha mesmo, viu?! Ouvir aquilo foi um alívio, pois eu vinha escrevendo num formato que não me satisfazia, porém, por outro lado, angustiou-me, pois eu não sabia fazer de outro jeito. Lembro também de vários comentários em que a Alê (orientadora Alexandra) escreveu “vamos falar”; vamos falar? Pronto, eu nem precisei chegar na reunião para saber que estava ruim. Pensei que levaria o maior esporro possível, que teria que aguentar firme para não chorar, e fiquei remoendo as piores versões imaginárias que a minha ansiedade me proporcionava.

O grande dia havia chegado, a reunião de bancada em que falávamos sobre o meu texto, os comentários que foram colocados pelas pessoas do laboratório - tinham comentários muito bons, mas eu me mantinha intrigada e fixada no “vamos falar” da Alê. Recordo que eu sentia medo e vergonha antes mesmo que qualquer palavra fosse dita; tentava fingir naturalidade, mas minhas pernas chacoalhavam de nervoso - ninguém podia ver, pois ainda estávamos na modalidade remota. Minha expectativa era a pior de todas, mas a realidade foi tão surpreendente que me desmontou; falamos sobre inflexão de gênero, sobre o tom da minha escrita - naquele momento - estar inclinado para uma denúncia que fragilizava mais do que fortificava. E, sabe, quando reli depois de um tempo, parecia mesmo que eu queria quase que acabar com todas as universidades, como se nada de bom acontecesse nelas. O que eu achei que ia fazer, fechar as universidades? Mudar o corpo docente? Por que eu tinha tanta dificuldade de ver o todo? Por que eu tinha tanta facilidade de ver apenas a parte ruim? Mas ainda sobre o dia da reunião de bancada, eu me senti acolhida, orientada de uma maneira nova para mim; após o término da reunião, só fiz chorar. Chorei muito! Sabe quando você não está bem e alguém que você gosta te olha nos olhos, pergunta o que está acontecendo, demonstra na voz e nos gestos que está ali para lhe ouvir e acolher? E aí quando essa pessoa faz isso, você não consegue mais disfarçar estar bem e desaba de chorar...foi mais ou menos assim.

Pude ir me descobrindo e me refazendo junto ao texto. Despedi-me da ideia de usar a técnica de Grupo Focal, que aprendi anteriormente lendo David Morgan (1997) citado por Sônia Gondim (2002). Em um momento anterior (em 2020) escolhi esse caminho metodológico por gostar da potência que há nos grupos, no partilhar histórias, na possibilidade da observação participante e o uso de entrevista aprofundada para a coleta das informações. Já fez um questionário para aplicar a algum grupo? Dá vontade de colocar todas as perguntas possíveis, e mesmo assim fica aquela sensação de que deveria ter perguntado algo a mais misturado ao medo de direcionar as respostas.

Eu achei que tinha escolhido a metodologia, mas a pandemia de Covid-19 determinou que não seria assim; e mais, quando ingressei no afeTAR conheci o PesquisarCOM, que, segundo Laura Cristina de Toledo Quadros, Marcia Moraes, Dolores Galindo e Ana Claudia Lima Monteiro (2020) afirma que “fazer ciência é prática local e situada”, da Marcia Moraes (2010).

Trata-se de afirmar a pesquisa como uma prática performativa que se faz com o outro e não sobre o outro. A expressão “PesquisarCOM” tem a dimensão de um verbo mais do que de um substantivo. Indica que para sabermos o que é cegar é preciso acompanharmos este processo em ação, se fazendo, na prática cotidiana daquelas

peessoas que o vivenciam. O pesquisar com o outro implica uma concepção de pesquisa que é engajada, situada. Pesquisar é engajar-se no jogo da política ontológica (Moraes, 2010, p. 42).

Eu queria isso! Mas não sabia fazer. Estava acostumada a pensar em um grupo amostral que me forneceria dados e depois aquelas pessoas se tornaram números ou siglas; quando fui lendo Marcia Moraes, em *PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual* (2010), Ronald Arendt, Marcia Moraes e Alexandra Tsallis, em *Por uma psicologia não moderna: o PesquisarCOM como prática meso-política* (2015) por exemplo, e ainda ouvindo sobre nas reuniões do laboratório, fui aprendendo COM o afeTAR.

Por mais que eu estivesse feliz por estar onde estava, a angústia de não saber fazer continuava. Travei por um bom tempo; escrevia e apagava. Muitas vezes não conseguia escrever nada e ficava horas na frente do *notebook* com o cursor da folha digital do *Word* pulsando, me encarando; eu me sentia intimidada pela página em branco, o que me fazia querer escrever tudo de uma vez só, na base do desespero, e assim não saía uma palavra ou, quando saía, era um texto bem desorganizado e incoerente.

Como eu iria construir a minha pesquisa? Estava acompanhando o *Facebook* e o *Instagram*, redes sociais com as quais eu estava familiarizada, e verificando o que aparecia *online* sobre o que acontecia nas universidades. Ter lembrado da *hashtag* #meuprofessordoutor me ajudou a me encontrar com esse campo. Na verdade, eu já estava imersa neste campo virtual; não apenas eu, inúmeras estudantes mais. Nem sei dizer desde quando vejo *posts* engraçados sobre a vida de estudante. Eu falei engraçados, né? De fato tem um ar cômico, mas vai além, alcançando algo tragicômico, como se risadas fossem espremidas da dor de histórias reais. E sabe o que sempre me chamou atenção? Esse tipo de *post* costumava ter muitas curtidas, comentários e até compartilhamentos, ou seja, muita gente interagindo com aquilo. O que será que movia tantas pessoas a interagir com conteúdo sobre percalços e sofrimento acadêmico?

Os *posts* acompanhavam cada momento, visto que, durante a pandemia, surgiram muitos *posts* e *memes* sobre as aulas *online* em meio a um período tão caótico. Estava ali o que eu queria acompanhar! Os *posts* e as *hashtags* que abordavam o tema que me afetou lá em 2017: o sofrimento vivenciado por estudantes universitárias. Aqui comecei a perceber que realmente não estudo sobre um campo; eu estudo com um campo, e esse campo age de maneiras inesperadas que fazem eu mudar tudo que planejei *a priori*. Entendi também que o tema me escolheu há anos, eu apenas o aceitei.

Espera aí... Como vou fazer ciência com o que vem sendo postado nas redes sociais? Inicialmente pensei que seria uma etnografia virtual, ou netnografia; encontrei em Christine

Hine (2008), que acredita que essa interação e conexão que acontece na *internet*, nas redes sociais, é uma oportunidade para estudos etnográficos devido seu “alto grau de flexibilidade interpretativa” (Hine, 2008). Ela chama de conjunção cultural essa dinâmica de interação entre grupos sociais que acontece *online*, e defendeu a ideia de que o modo *online* e *offline* andam lado a lado; disse também que a *internet* começou representando a cultura, o espaço cultural onde experiências e interações tão relevantes e repletas de sentido, assim como no modo presencial, são realizadas. Para a autora, não há sentido em pensar separadamente a vida *online* e *offline*, pois elas coexistem. Falando em coexistir, o conceito de ciborgue desenvolvido por Donna Haraway (1985) aborda essa coexistência, esse mecanismo que me atrevo a chamar de mutualismo entre humanas e máquinas, onde ambas colaboram entre si. Aqui não hierarquizo pessoas e *smartphones*, pois ambos exercem papel de actantes que, segundo Bruno Latour (2012) são todos atores, sejam eles humanos ou não-humanos, que têm agência, ou seja, que interagem entre si. Bruno Latour (2012) aborda o papel dos atores/actantes em sua obra *Reagregando o Social* dizendo que:

É como se disséssemos aos atores: "Não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham a seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo como os estabeleceram. [...] Qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator - ou, caso ainda não tenha figuração, um actante. Portanto, nossas perguntas em relação a um agente são simplesmente estas: ele faz diferença no curso da ação de outro agente ou não? Haverá alguma prova mediante a qual possamos detectar essa diferença? A resposta de senso comum seria um “sim” sonoro (Latour, 2012, p. 44).

O encontro e o diálogo entre os actantes que se fazem presentes até aqui segue a proposta teórico-metodológica da Teoria Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour (1994, 2012). Eu acompanhei o movimento desses actantes, um movimento realizado por eles, o que evidencia que eles têm agência. Essa agência entre humanos e não-humanos gera um movimento como em uma rede, onde todos os envolvidos agem, afetam e são afetados, mudam e são modificados.

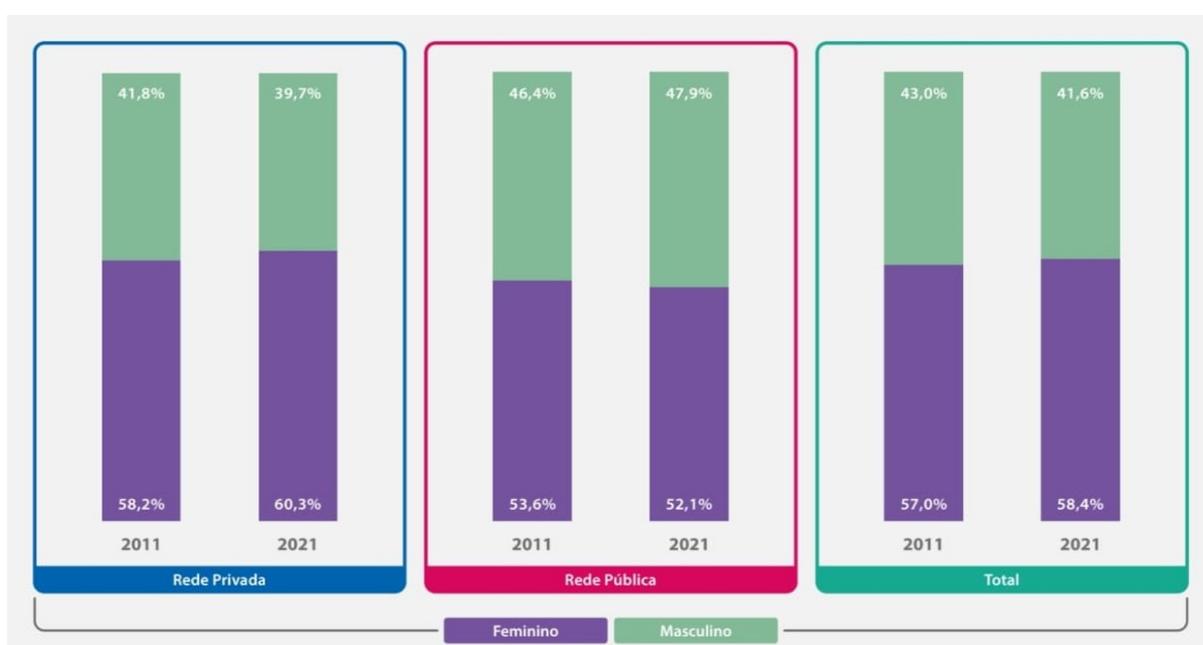
Fazer pesquisa amparada pela TAR no afeTAR, requer cuidar da escrita como um laboratório onde se encontram, no exemplo desta tese, as telas dos *smartphones*, as histórias que envolvem ES contadas nas redes sociais escolhidas, as autoras que vêm dar sustância para o texto, as afetações que experienciei enquanto autoras, as afetações da minha orientadora e de todas as pessoas do laboratório que participaram das reuniões de bancada na discussão deste texto ao longo de sua construção.

Dentre tantas afetações que me marcaram desde o primeiro momento em que li sobre o assunto na tese da Monique Araújo de Medeiros Brito (na época ainda em construção) foi a escrita no feminino. Escolher por uma escrita no feminino é um ato político que traz um posicionamento diante do fato de que a maioria das psicólogas no Brasil são mulheres, com 79,2% de acordo com o Censo Psi 2022 (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2022), assim como a maioria das estudantes universitárias, que representam 58,4% das acadêmicas em 2021 (SEMESP, 2023), conforme apontam os gráficos:

Figura 12.

Gráfico com percentual de estudantes universitárias divididas entre mulheres e homens, em IES públicas e privadas.

Descrição da imagem: A imagem de fundo branco mostra gráficos de barra que dividem a quantidade de homens e mulheres nas redes privada, pública e no total nos anos de 2011 e de 2021. As mulheres são representadas por uma barra roxa e os homens por uma barra verde. No lado esquerdo da imagem observa-se que, na rede privada, em 2011, 58,2% das estudantes eram mulheres e 41,8% eram homens. Em 2021, 60,3% eram mulheres e 39,7% eram homens. No centro da imagem que mostra a rede pública, observa-se que em 2011, 53,6% das estudantes eram mulheres e 46,4% eram homens, enquanto em 2021, 52,1% eram mulheres e 47,9% eram homens. No lado direito da imagem que representa a contagem total, observa-se que em 2011, 57,0% das estudantes universitárias eram mulheres e 43,0% eram homens, enquanto em 2021 esse número é de 58,4% para mulheres e 41,6% para homens.



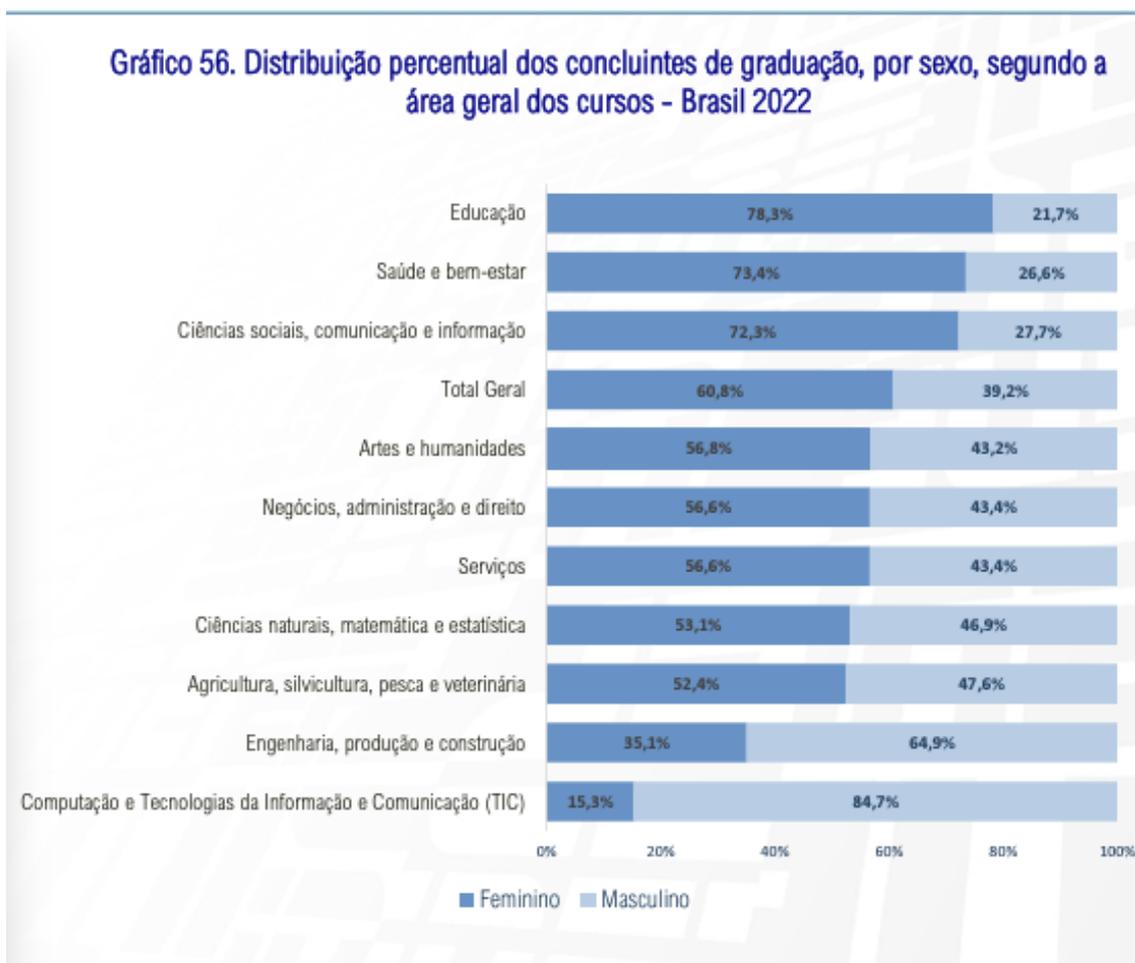
Fonte: SEMESP (2023).

Embora cursos como engenharia e computação ainda sejam majoritariamente cursados por homens, conforme se pode observar na Figura 7 (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2023a, p. 71):

Figura 13.

Distribuição percentual dos concluintes de graduação, por sexo, segundo a área geral dos cursos no Brasil em 2022.

Descrição da imagem: A imagem apresenta fundo branco e um gráfico de barras em azul, no qual a cor azul escuro representa a população feminina e o azul claro representa a população masculina distribuída por cursos de graduação. Observa-se, no gráfico, uma proporção de 78,3% de mulheres para 21,7% de homens em cursos de Educação, 73,4% de mulheres para 26,6% de homens em cursos de Saúde e bem-estar, 72,3% de mulheres para 27,7% de homens em cursos de Ciências Sociais, Comunicação e informação, 60,8% de mulheres para 39,2% de homens no Total Geral, 56,8% de mulheres para 43,2% de homens em cursos de Artes e humanidades, 56,6% de mulheres para 43,4% de homens em Negócios, administração e direito, 56,6% de mulheres para 43,4% de homens em Serviços, 53,1% de mulheres para 46,9% de homens em Ciências naturais, matemática e estatística, 52,4% de mulheres para 47,6% de homens em Agricultura, silvicultura, pesca e veterinária, 35,1% de mulheres para 64,9% de homens em Engenharia, produção e construção e 15,3% de mulheres para 84,7% de homens em Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).



Monique Araújo de Medeiros Brito (2021) explicitou que:

Aqui queremos emprestar o feminino a todas as pessoas, sem que queiramos esmagar sua individualidade, sua subjetividade. Também não é revanchismo. É, antes de tudo, a maneira como me sinto à vontade neste espaço para me expressar. [...] Estamos buscando fazer ciência no feminino, que não é o mesmo que ciência feita apenas por mulheres. [...] Ler um texto todo no feminino causa estranhamento? Sim! Queremos as consequências estéticas e políticas desse estranhamento (Brito, 2021, p. 16).

Essa escrita no feminino é um modelo que se entrelaça à política de nomes proposta por Alexandra Cleopatre Tsallis, Beatriz Prata Almeida, Rafaele Cristine Diogo Melo e Tereza de Magalhães Bredariol quando dizem “que tanto nos mostre, quanto nos comprometa eticamente com o que aprendemos no campo” (Tsallis et al., 2020, p. 186). De acordo com as autoras, trazer o nome completo de quem é referenciada ao longo do texto é uma maneira de trazer visibilidade para o saber e a ciência localizada, é um jeito de não invisibilizar as pessoas, principalmente as mulheres na pesquisa. Pois quando utilizamos apenas o sobrenome, a tendência é que encontremos nomes masculinos e imaginemos autores homens, ou seja, uma

suposta neutralidade na escrita que, na verdade, inclina-se para o apagamento de algumas pessoas.

Cláudia Ferraz (2019), ao citar Christine Hine (2008), parte do ponto de que, para realizar etnografia virtual, é necessário compreender o que e como é fazer etnografia. Diante disso, entendo como relevante trazer aspectos característicos da etnografia. Referências como Marcel Mauss, que escreveu o *Manual de Etnografia* (1947), e Clifford Geertz, com *A Interpretação das Culturas* (1973/2008), compondo os clássicos, e Frederick Erickson com estudos etnográficos na educação em tempos mais atuais/contemporâneos, fornecem uma base para essa compreensão. Para Glifford Geertz (2008, p. 05), praticar etnografia significa “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campo, manter um diário”. A etnografia vai surgir em meio a perguntas, questionamentos e dúvidas sem muita expectativa de respostas previamente pensadas, pois será a partir da observação, do que o campo mostrar em meio a relações entre grupos sociais e algum acontecimento que se encontrará respostas; ela é um processo de produção de conhecimento que é construído na interação entre quem observa e quem é observado, pois ambos possuem papel ativo na investigação.

A etnografia traz um compromisso com o contar COM observações e experiências da vida social, transformando essa vivência em textos. Que textos são esses? Textos que trazem o que foi visto, vivido, sentido... Cristina Maria da Silva (2015, p. 01) escreveu uma frase que me marcou sobre quem é a pessoa que assume o papel de etnógrafo: “O etnógrafo recria mundos no texto, que não deixam de ser atravessados por suas inscrições, percepções e interpretações diante do que é observado”. Então eu poderia recriar/narrar histórias a partir do que eu encontrei nas redes sociais? Nossa! Eu adoraria fazer isso... Mas caberia esse formato numa tese? A Danielly de uns anos atrás diria que não, mas a de hoje mergulha no sim.

Ler os trabalhos produzidos no laboratório foi um combustível para mim; um dia desses me peguei em lágrimas lendo a tese da Keyth Viana da Silva (ainda em construção, com conclusão prevista para 2024), na qual ela escreve cartas tão emocionantes sobre como é ocupar o lugar de mulher, filha, mãe, psicóloga, pesquisadora, com fibromialgia. Sim, você leu certo, a tese dela é construída por cartas! A tese dela ainda vai nascer, está sendo gestada, mas a dissertação de Keyth também foi através de cartas, e olha o que encontrei lá:

Encontro nas cartas a possibilidade de falar para alguém “de verdade” sobre a minha experiência enquanto pesquisadora, de comunicar as marcas que me fizeram ver o que vi, escutar o que escutei, sentir o que senti. A carta é uma escrita que aproxima, nos aproxima, convoca, exige caminhar junto. A carta me permite falar das condições de

feitura e foi isso que me fez entender o campo. Isso não quer dizer que eu já sabia o que deveria escrever, mas que faltava encontrar um jeito. Não, não é isso! Eu só pude mapear o campo, os atores envolvidos nele, enquanto escrevia. Se a metodologia é como entendemos o campo, as cartas também fazem parte da minha metodologia. Digo isso também porque ainda conto com as formulações teórico-metodológicas da Teoria Ator-Rede (TAR) para forjar um certo modo de acompanhar o campo (Silva, 2019, p. 12).

Inspirei-me nela quando organizei as cartas no começo do meu texto - Carta à banca; Carta às leitoras; Carta de apresentação - pois buscava essa aproximação, o caminhar junto. Mais do que aprendendo sobre técnicas, fui sendo afetada por esse modo de fazer pesquisa que acontece no afeTAR.

Eu cheguei no afeTAR com hipóteses e objetivos que foram se transformando com o tempo, até chegar nas palavras que aqui se encontram. A pergunta que ficou em mim foi: Como as estudantes universitárias utilizam as redes sociais para contar o que passam no Ensino Superior? Com a pandemia e tantas mudanças envolvidas eu realmente não sabia o que esperar, o que viria pela frente e isso foi bem angustiante no começo, mas ao longo do tempo, do percurso desse doutorado, entendi o que a Teoria Ator-Rede e o Laboratório afeTAR propõe como método de fazer pesquisa.

É importante refletir sobre a importância da pesquisa para o pesquisador, e a relação do pesquisador com a sua pesquisa. Mesmo que você deseje pesquisar um objeto, e ele não fale diretamente sobre o seu corpo, a escolha, por vezes, traz marcas subjetivas e de uma dimensão de ser interligada ao objeto, de forma que ele passa a ser aquilo a ser descoberto. É como um bebê, ao reconhecer a estranheza do mundo, e precisa desvendá-lo usando os seus cinco sentidos, sobretudo seu tato, pois necessita de palpá-lo para conhecê-lo. É isso que acontece com o objeto de pesquisa. Ele não é mais um objeto, cria-se um corpo, vem à vida, está vivo e brilha aos olhos do pesquisador. O pesquisador e o objeto, então, tornam-se muito próximos, de uma forma que ele, o pesquisador, reconhece que não está investigando uma matéria sem vida, ou uma vida-matéria e passa assim a ver e viver a pesquisa a partir de um plano linguístico, histórico, social, cultural, político e ideológico. O objeto não é mais objeto, é a pesquisa que conversa com o pesquisador através de seus interlocutores (Furquim, 2019, p. 12-13).

Não coletei dados, pois o que fiz foi interagir e dialogar com os atores, ou melhor, actantes envolvidos: as telas do meu *smartphone* e *notebook*, a *internet*, as redes sociais, os perfis e *posts* de estudantes universitárias de diferentes lugares do Brasil, o ensino superior, as autoras e suas obras acadêmicas que me ajudaram a construir o referencial teórico, o

Laboratório afeTAR e cada uma de suas integrantes, e o meu processo de escrita, o meu texto em si. Há uns anos atrás eu me perguntaria “isso é fazer ciência?”, e encontrei em Marcia Moraes que “um fato científico, portanto, só existe se é sustentado por uma rede de atores” (Moraes, 2004, p. 05). Ela diz ainda que:

Uma ciência definida como rede de atores não se caracteriza por sua racionalidade e objetividade, ou pela veracidade dos fatos por ela engendrados. Todas estas noções, tão caras ao pensamento moderno, são redimensionadas pela noção de rede e devem ser entendidas como efeitos, resultados alcançados a partir das tensões próprias à rede de atores. Definir a ciência como rede de atores significa defini-la por sua não-modernidade, por suas hibridações, enquanto que considerar as ciências a partir de noções tais como objetividade, neutralidade etc. implica considerá-las à luz do ideal de purificação, princípio característico do pensamento crítico ou moderno (Moraes, 2004, pp. 03-04).

Bruno Latour (2012, p. 109) afirma que só é possível fazer ciência social quando o quê e quem participa da ação são destacados logo de início, assim como fiz nos capítulos 1 e 2, explorando sobre a história do ES no Brasil, depois compreendendo as mudanças vivenciadas pela sociedade brasileira com o advento da inovação tecnológica, da *internet* e das redes sociais. Eu precisei falar desses actantes e através disso foram surgindo os próximos passos. De acordo com o que eu ia descobrindo, eu podia, então, saber por onde continuar navegando.

Dentre tais processos vi a necessidade de trazer à essa pesquisa uma característica interseccional. Quando abordo estudantes universitárias num país tão grande como o Brasil, preciso olhar para a pluralidade, a diversidade social, cultural e econômica envolvida. Isabel Rocha de Siqueira, Bruno Magalhães, Mariana Caldas e Francisco Matos no livro *Metodologia e Relações Internacionais: Debates Contemporâneos Vol. II* (2019), explicam que a análise interseccional é feita quando se discute experiências e vivências articulando categorias historicamente conceituadas isoladamente, dando o exemplo de quando pensamos o gênero, precisamos nos atentar aos marcadores raciais e de classe que atravessam as questões de gênero (Siqueira et al., 2019, p. 67). Aqui falamos das estudantes universitárias, das mulheres brasileiras que chegam no ES.

Para ingressar no ES é necessário ter concluído o ensino médio, demandando, ainda, uma base de ensino que prepare para a realização do Enem. Quem está estudando e se preparando para o Enem? Provavelmente quem não precisa trabalhar para sustentar a casa, ou quem tem uma rede de apoio que incentive a educação; encontramos aqui um marcador social de classe, raça, além da meritocracia que está por trás da educação superior. A pesquisa

interseccional “passa, então, a incorporar narrativas de si, referenciais dos movimentos sociais, da literatura e de fontes consideradas ‘menores’, e a assumir estilos de escrita que fogem dos padrões e normatizações da produção científica” (Siqueira et al., 2019, p. 85).

A mulher é, historicamente, diminuída, oprimida, agredida e excluída de muitas coisas, assim como aconteceu com o ES e com a ciência. Embora a luta feminista por direitos iguais e respeito tenha se desenvolvido, a conquista por ocupar esses lugares ainda enfrenta muitas dificuldades e formas de violência e nós precisamos falar disso! Elas, as universitárias, têm falado nas redes sociais, um lugar no qual muitas se permitem contar o que temem, o que sofrem, o que vivenciam no ambiente acadêmico. No capítulo seguinte vamos acompanhar algumas histórias através da personagem Íris.

E foi assim que fizemos esta tese, eu, o afeTAR e meu *smartphone*. Através da tela que anda comigo aonde quer que eu vá eu ia encontrando diária e naturalmente histórias, *memes*, informações. Eu não precisei questionar, entrevistar ou correr atrás de respostas, nós nos encontramos.

3.1 Sobre a construção da escrita

Inicialmente, comecei a escrever por empreitada. Antes disso acontecer, eu sentava para tentar escrever e as palavras não surgiam; com isso, a angústia, a ansiedade e a frustração iam aumentando, os dias iam passando e a página continuava em branco. Após muitos dias assim, vem o trabalho de escrita por empreitada, pois com menos tempo para concluir a escrita, a tendência é querer escrever o máximo possível, incansavelmente (como se isso fosse possível – não cansar); o foco é conseguir entregar o trabalho e alcançar pessoas que precisam ler o que está escrito aqui para que possam conhecer seus direitos e as possibilidades de entrar numa universidade e se formar mesmo (ou principalmente) que elas achem isso impossível.

A empreitada além de cansar, pode adoecer. Dor de cabeça constante, desconforto no estômago, insônia, crises de ansiedade, tristeza, sentimento de que não vai dar... Pensar em desistir. Passei por um tempo sem querer sair da cama, chorando para levantar, e mais ainda para ler e escrever. Deixei de me cuidar. A empreitada, mesmo quando a escrita não está acontecendo propriamente dita, toma muito espaço; é como se não se pudesse pensar ou fazer outra coisa senão escrever. E quando não se está escrevendo, só resta se culpar e sofrer por isso.

A pressão para conseguir escrever na marra é frequente, e essa pressão cresce ao longo do tempo como uma bola de neve. Quanto maior ela fica, mais difícil é escrever... E viver!

Passei por muitas mudanças. A primeira delas foi reconhecer que eu não estava bem, que o modo como eu estava tentando estudar não me fazia bem. Como eu iria concluir uma pesquisa falando de sofrimento em estudantes universitários se eu estava sofrendo? Veio a pandemia, precisei ajustar meu tema e acabei encontrando um lugar onde eu pude ser eu, onde fazer pesquisa não precisava mais ser sinônimo de sofrimento. Precisei me cuidar, me recuperar. Aprendi ouvindo e lendo sobre pesquisas de outras pessoas. As palavras escritas de cada participante do Laboratório afeTAR me ensinavam um pouco mais a cada semana e, de algum modo, curavam-me também. Mesmo que eu tenha demorado muito para voltar a escrever, fui aprendendo com o processo do grupo sobre como fazer. A nossa orientadora Alexandra Tsallis, a Alê, defende um modelo de orientação coletiva, onde todas as pessoas leem todas as pesquisas que são construídas no laboratório; mais do que leitura, há participação, conversas, parcerias.

O que ainda me angustiava? Eu queria que meu texto saísse pronto! Eu lia as pessoas do afeTAR e achava sempre tão incrível que olhava para o que eu tentava escrever e, por muitas vezes, apagava por achar que não estava à altura. Um dia, falamos sobre o processo de escrita e algumas pessoas (praticamente todas, inclusive a Alê) mencionaram suas dificuldades para escrever. Cada uma com o seu desafio. Percebi ali que eu não era a única a ter dificuldade, a passar dias sem escrever e forçar para escrever muito de uma só vez. Eu sequer sabia que o nome disso era empreitada.

A Alê, como orientadora que cuida do seu grupo, nos instruiu sobre como fazer o texto nascer de uma maneira saudável: 15 minutos por dia! Olhamos uns para os outros, rimos no questionamento de “só 15 minutos?”. Demoramos para acreditar. Eu demorei demais! Como assim, 15 minutos? Impossível... Eu demorava pelo menos 1 hora para começar a escrever alguma coisa, precisava de muitas horas para conseguir encher uma página. Era assim que eu pensava “encher a página”. E nessa de pensar assim, eu mal escrevia um parágrafo.

Sobre os 15 minutos, havia muitos detalhes, como ser contado no relógio, nem um minutinho a mais; a ideia é sair daquele momento de escrita com vontade de escrever e não saturada com o texto, e outra coisa importante, tem que ser todos os dias, longe de distratores (principalmente do celular). O objetivo é escrever livremente, sem pensar na estética nem na formatação, na quantidade, nada disso, “só” escrever como se tivesse contando aquela ideia para alguém. Quando os 15 minutos chegam ao fim e (provavelmente) não deu tempo de escrever tudo que queria, deixe recados para você mesma, para quando retornar ao texto saiba onde parou; ao voltar, retome a partir dos recados e não do texto como um todo. Os detalhes e

o autoconhecimento aqui têm importância, sendo assim, é indicado que identifique o momento do dia no qual se sente mais produtiva, e aí se afastar de toda e qualquer distração. Qual momento do dia escolher para os 15 minutos? O que você se sente mais produtivo, ou dar preferência para que seja antes de entrar em outras demandas.

Só a ideia de escrever por 15 minutos (com o meu histórico de passar, facilmente, um dia inteiro sofrendo para produzir algo minimamente bom) parecia me apavorar no começo. Mas lá fui eu. Nos primeiros dias, o tempo acabava e eu não conseguia escrever nada, ou escrevia e apagava por achar que estava ruim. Que angústia! Mas continuei tentando. No meio disso, aprendi outra coisa: sempre ler escrevendo. Essa parte era importante para os 15 minutos. Passei a ler fazendo fichamento e fazendo comentários num documento de *word* (raramente no papel); antes eu fazia, no máximo, um fichamento.

Voltando para os 15 minutos... outro desafio para mim foi pegar o texto todos os dias. Era como se eu já não acreditasse que sairia algo e nem chegava ao *notebook*. Mais uma lição importante, que talvez pareça óbvia para algumas pessoas, mas para mim não era: comecei a ler o nome completo das(os) autoras(es) dos artigos e livros/capítulos; de algum modo isso me ajudou a sentir melhor o que eu lia, entender melhor o que eu queria ali. Era como se isso me aterrasse na leitura, me encarnasse no momento presente e me conectasse às autoras. Não era mais apenas escrever, eu podia sentir tantas emoções pelas palavras que ia lendo, como se fossemos nos conhecendo, criando intimidade. Essa relação com as palavras, essa experiência de leitura me afetou e refletiu na escrita que não se limitava a somente palavras, conforme encontrei em Jorge Larrosa Bondía (2002):

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (Bondía, 2002, p. 21).

O assunto dos 15 minutos continuou aparecendo no grupo. Por um tempo deixei de tentar, mas era inevitável que, como eu vinha tentando fazer, não estava dando certo. Por que não me arriscar de verdade nesse novo caminho/método? Eu imagino o porquê... O medo de não conseguir. Nesse tempo eu continuava travada, sem escrever, acompanhando as escritas do laboratório e as histórias das pessoas, de como escreviam. Ao final de cada encontro, às sextas-feiras, eu passava a sentir um pouco mais do que era possível.

Tentei de novo fazer os 15 minutos por dia. Fui escrevendo sem julgar a qualidade do que meus dedos digitavam, fui lendo sem coisificar as palavras. Um dia rendi umas duas frases e deixei um recado; no outro, fiz o que deixei no recado e escrevi mais um pouco (já sem contar a quantidade de frases e linhas), deixando mais alguns recados. Quando me dei conta tinha se passado uma semana e eu estava escrevendo. Sem choro, sem dor de cabeça, com vontade de escrever mais. Um dia ou outro acabei pulando por algum motivo, mas foram poucas vezes. Olhar e estar com o meu texto passou a fazer parte do meu dia, assim como beber água.

Aprendi que, de 15 em 15 minutos, muita coisa pode ser feita! A escrita, um alongamento, ouvir um pouco de música, olhar para o céu, brincar com os meus cachorros; dava tempo para fazer um pouco de tudo – e isso me fazia bem, me faz bem. Fui entendendo melhor COM quem eu queria pesquisar, como eu queria escrever, quem eu queria ser nessa trajetória. Nesse modelo de escrita tem espaço para mim enquanto pessoa, enquanto mulher, não enquanto uma mera “coletora de dados”.

A mudança em como eu escrevo mudou e continua mudando, e isso me mudou e muda constantemente enquanto pessoa. Posso dizer que escrever essa tese foi a coisa mais difícil que eu já vivi no começo, mas, ao longo do tempo, foi a experiência mais prazerosa que eu tive academicamente. Ser lida pelas pessoas do laboratório, no começo, era desconfortável (eu sentia muita vergonha); durante o processo, passei a querer levar o meu texto para a bancada, pois eu queria ouvir as pessoas, ler seus comentários, conversar e encontrar caminhos que eu nunca encontraria sozinha. Também passei a conseguir ler cada pessoa às sextas, pois antes, durante a minha empreitada, nem sempre “dava tempo” de ler tudo.

Ah... Sabe a Íris? Ela nasceu no afeTAR, numa das vezes que levei meu texto para o grupo. Atrevo-me a dizer que eu renasci no afeTAR, que nele eu conheci uma possibilidade de universidade que acolhe, cuida, faz junto, que forma mais do que profissionais, forma pessoas; eu pude entender isso com 15 minutos por dia, não por empreitada.

3.2 **Pesquisar com ALEgria**

O que é ALEgria para você? Uma emoção que se caracteriza por uma sensação agradável que envolve prazer, bem-estar e satisfação?! A personagem ALEgria do filme

Divertida Mente²?! E o que costuma lhe fazer sentir alegria, ou melhor, vivê-la? Encontrar uma pessoa de quem você gosta? Estar numa paisagem bonita? Concluir uma tarefa importante para você? Sentir a brisa do mar no seu rosto? Cheiro de chuva? Ou de bolinho de chuva? Comer algo que você adora? Ajudar alguém? Acordar e se sentir viva?

Acredito que cada pessoa tem os seus motivos para sentir ALEgria. Mas será que a gente valoriza e percebe quando ela acontece? Há espaço para ela no ambiente acadêmico? Imagino que, para cada pessoa, a ALEgria de passar para o curso desejado acontece de uma maneira, mas, e depois, ao longo da formação? Em meio aos percalços da vida e do ES, será que ela muda, diminui ou, até mesmo é esquecida? Você consegue associar estudar com ALEgria? E pesquisar com ALEgria?

Pesquisar, para o Laboratório afeTAR, é inspirar-se no PesquisarCOM de Marcia Moraes em escritos com Eleonôra Torres Prestrelo, Laura Cristina de Toledo Quadros (2018), com Alexandra Justino Simbine, Beatriz Pizarro dos Santos Lopes, Carolina Sarzeda Reis Couto, Dandara Chiara Ribeiro Trebisacce, Gabrielle Freitas Chaves, Juliana Pires Cecchetti Vaz, Larissa Ribeiro Mignon, Lia Paiva Paula (2017), e ainda com Ronald Arendt e Alexandra Tsallis (2015); na Teoria Ator-Rede desenvolvida por Bruno Latour (2001) e Vinciane Despret (1999); chegando à conclusão de que “pesquisar é o ato de compor COM as/os actantes do campo os caminhos a seguir, e não de escrever SOBRE estas/es” (Mello et al., 2021). Assim, o Laboratório afeTAR tem a sua metodologia de fazer pesquisa. Fazer parte dele é uma honra e um desafio que me faz crescer como mulher, como psicóloga, como pesquisadora. As reuniões de bancada, os 15 minutos por dia de escrita, os grupos de *WhatsApp*, os perfis nas redes sociais, as leituras, os comentários nos textos, as conversas, a atenção, o cuidado, o apoio, os abraços e todo afeto me levaram a experimentar um lugar novo que, sinceramente, eu nem achei que seria possível: um lugar de ALEgria. Acredito que na minha história ele se fez possível quando a Alê me aceitou no Laboratório, por isso as letras maiúsculas em ALEgria. Começou nela e foi ganhando força, sentido e direção em cada pessoa que compõe o afeTAR.

Não me refiro à ALEgria de comercial bonito, ou de final feliz de conto de fadas, que penso estar relacionada à utopia. Mas de uma ALEgria possível, na prática, na vida real. Sabe como ela apareceu para mim? Quando me vi querendo desistir do doutorado e fui acolhida pelo afeTAR, quando me senti triste sem saber o porquê e nas reuniões eu aprendia com os textos e

² Filme da Disney lançado em 2015 onde as protagonistas são as emoções de uma criança que mudou de residência com sua família, sendo tais emoções: Alegria, Tristeza, Raiva, Medo e Nojinho. está para lançar em 2024 a segunda edição do filme, onde as emoções receberão novos inquilinos, sendo um deles a ansiedade. Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-307991/>

as falas das pessoas sobre como é fazer pesquisa respeitando-se, cuidando-se e cuidando umas das outras; e quando travei na escrita e tive apoio, ou ainda quando achei que tudo que eu escrevia era péssimo e li comentários com algumas dicas empolgadas ao longo do meu texto. Quatro anos em processo de doutoramento, no qual, inicialmente, vi minha ALEgria entrar em colapso. Aliás, quando olho para trás, no mestrado e na graduação, lembro de poucos momentos de ALEgria e muitos dolorosos, o que, por sinal, me fez chegar nesta tese.

Estar na academia é viver com o tempo corrido, várias atividades, prazos apertados, uma infinidade de coisas para ler e, no meio disso ,ainda ter uma vida e saúde para cuidar, casa, família, amigas, atividade física, psicoterapia, descanso, lazer... Como fazer caber isso tudo e ainda sentir a tal da ALEgria? Ressalto que não estou falando de uma vida 100% ALEgre, mas uma vida que dê vontade de viver. Uma vida acadêmica que dê vontade de viver. Encontrei a Alegria com a Ale, com o afeTAR, com a parceria de escrever os textos a muitas mãos, com a certeza de que não estou sozinha, de que texto nenhum nasce pronto e que ele vai se desenvolver ainda melhor com mais pessoas cuidando. Encontrei essa ALEgria que transbordou na minha vida, a medida em que me percebo mais leve e inteira fazendo o que tenho que fazer, o que escolho fazer. E eu escolhi concluir essa tese me cuidando, vivendo, pedindo ajuda nos momentos difíceis e compartilhando a alegria de trabalhar em conjunto, num laboratório, numa universidade, no ES...

Fiz questão de compartilhar essa parte, pois penso que seja importante registrar a parte boa do ES. A Ale quando leu esse trecho fez o seguinte comentário no *Google Docs*, enquanto ainda tecíamos esta tese: “Entendo que registrar toda essa questão é testemunhar outros possíveis... Poder falar da universidade como esse lugar bom também...”.

Gostaria de fechar o capítulo com essa música:

Alegria - Melim, Natiruts

A lua nova atrai, se a gente acreditar
 Tem que correr atrás
 Mas pega leve, take it easy, mentalize
 Pra quem sofreu demais
 O tempo faz curar
 As ondas desse som
 Vão amplificar, tudo de bom que há
 Pra se viver, reverberar
 Alegria, ale, alegria, alegria

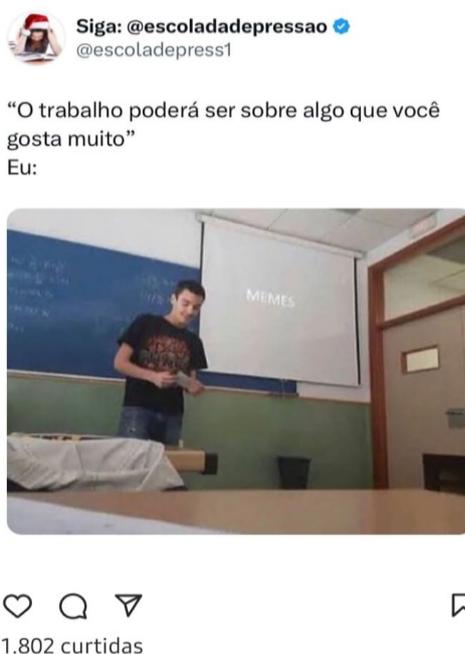
Deixa invadir, transborda
Seu coração com boas energias
(Tururururu) ieh alegria
Vai te iluminar
A lua nova atraindo, se a gente acreditar
Tem que correr atrás
Mas pega leve take it easy, mentalize
Pra quem sofreu demais
(Chega de sofrer)
O tempo faz curar
As ondas desse som
Vão amplificar, tudo de bom que há
Pra se viver, reverberar
Alegria, ale, alegria, alegria
Deixa invadir, transbordar
Seu coração com boas energias
eaih
Deixa invadir, transborda
Seu coração com boas energias
Ahahah ooh
Deixa invadir, transborda
Seu coração com boas energias
Deixa invadir, deixa transbordar
(Compositores: Leandro Luis Vieira Oliveira / Rodrigo De Paula
Pontes Melim / Diogo De Paula Pontes Melim)
Para quem desejar ouvir, segue o link:
<https://www.lettras.mus.br/melim/alegria-part-natiruts/>

4 A PASSAGEM E OS AFETOS DE ÍRIS PELO ENSINO SUPERIOR - HISTÓRIAS BASEADAS EM FATOS REAIS ENCONTRADOS NAS REDES SOCIAIS

Figura 14.

Post do instagram “o trabalho poderá ser sobre algo que você gosta muito”.

Descrição da imagem: Na imagem de fundo branco, observa-se um post da conta “escola da depressão”, com a legenda “O trabalho poderá ser sobre algo que você gosta muito”. Abaixo da legenda, um garoto branco, magro, de cabelo curto e de camiseta preta está em pé em uma sala de aula, como se estivesse apresentando um trabalho. Ao lado dele, um retroprojetor com a palavra “MEMES”.



Este capítulo navegará nas histórias da personagem Íris, do momento em que ela estava estudando para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) até a conclusão da sua formação acadêmica. A narrativa contará com histórias encontradas nas redes sociais e, quem sabe, nas nossas vidas.

Esse ano, 2019, tem Enem para Íris! Ela faz questão de estudar todos os dias, inclusive aos domingos, com o objetivo de conseguir uma boa nota e, conseqüentemente, passar para a universidade e o curso desejados. Um dos seus maiores desafios é lidar com a própria curiosidade enquanto estuda, pois, dependendo do conteúdo, ela “dá um *Google*” e vai para caminhos distantes do programado em seu cronograma de estudos. Um facilitador para que ela

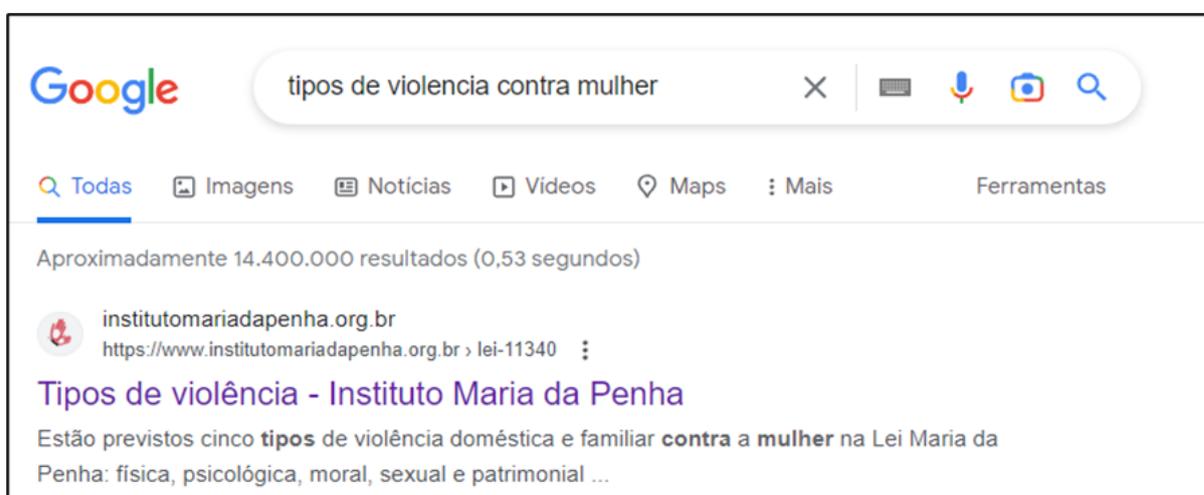
possa percorrer muitos caminhos ao mesmo tempo é ter o celular (conectado à internet) sempre por perto.

Hoje é dia de estudar para redação, revisar alguns temas que já foram lançados em provas passadas e escolher um tema para escrever; semana passada ela estudou sobre o tema de 2018, que foi “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na *internet*”. Hoje pula para o tema de 2015, “a Persistência da Violência contra a Mulher na Sociedade Brasileira”. Íris passa um tempo em silêncio olhando para o tema, lendo e relendo-o, lembrando de como é frequente assistir e ler notícias sobre violência contra a mulher nos jornais; na sequência, pensa no medo que ela tem de sofrer violência física, mas num piscar de olhos lembra de um comercial que viu na televisão que falava sobre outros tipos de violência contra a mulher. Imediatamente pega seu celular e vai no *Google* pesquisar “tipos de violência contra a mulher”. Em menos de 1 segundo, chega a mais de quatorze milhões de resultados.

Figura 15.

Busca no Google sobre tipos de violência contra a mulher.

Descrição da imagem: Imagem retangular de fundo branco, mostra a busca “tipos de violência contra a mulher” na barra de pesquisa. Abaixo, aproximadamente 14.400.000 resultados. O primeiro resultado é do institutomariadapenha.org.br, traz o título “Tipos de violência - Instituto Maria da Penha” e abaixo a introdução do que será encontrado na página: “Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial...”.



Clica no primeiro *site*, que é do Instituto Maria da Penha, e fala para si mesma “Nossa, nem sabia que tinha um instituto da Lei Maria da Penha³ (Brasil, 2006).” Vai lendo e fazendo anotações em forma de tópicos no seu caderno:

Tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher, de acordo com a Lei Maria da Penha – Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V (Brasil, 2006).

Violência física – tudo que venha a ofender a integridade ou saúde corporal da mulher, como por exemplo, “espancamento, atirar objetos, sacudir e apertar os braços, estrangulamento ou sufocamento, lesões com objetos cortantes ou perfurantes, ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo, tortura”.

Violência psicológica – aquilo que causa dano emocional, que faz diminuir a autoestima, prejudicando e perturbando o desenvolvimento da mulher; ou ainda aquilo que visa degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, como por exemplo, “ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento (proibir de estudar e viajar ou de falar com amigos e parentes), vigilância constante, perseguição contumaz, insultos, chantagem, exploração, limitação do direito de ir e vir, ridicularização, tirar a liberdade de crença, distorcer e omitir fatos para deixar a mulher em dúvida sobre a sua memória e sanidade (*gaslighting*)”.

Violência sexual – Toda ação que faça a mulher presenciar, manter ou participar de relações sexuais não desejadas, seja por intimidação, ameaça coação ou força, como por exemplo, “estupro, obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar, forçar matrimônio, gravidez ou prostituição por meio de coação, chantagem, suborno ou manipulação, limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher”.

Violência patrimonial – quando o patrimônio da mulher é retido, subtraído ou destruído (parcial ou totalmente), entendendo como patrimônio seus “objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos e recursos econômicos”; são exemplos desse tipo de violência “controlar o dinheiro, deixar de pagar pensão alimentícia, destruir documentos pessoais, furto, extorsão ou dano, estelionato, privar

³ LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006 Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

de bens, valores ou recursos econômicos, causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste”.

Violência moral – calúnias, difamação ou injúria, como por exemplo, “acusar a mulher de traição, emitir juízos morais sobre a conduta, fazer críticas mentirosas, expor a vida íntima, rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre a sua índole, desvalorizar a vítima pelo seu modo de vestir”.

Em meio às suas pesquisas, navegando na *internet*, encontrou o aplicativo Maria da Penha Virtual, que pode ser encontrado pelo *link* <https://www3.tjrj.jus.br/mariapenhavirtual/> ou na loja de aplicativos *online* do seu *smartphone*. Essa tecnologia foi desenvolvida:

Por estudantes e pesquisadores do Centro de Estudos de Direito e Tecnologia da UFRJ (CEDITEC) alinhados com os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, dentre estes, a igualdade de gênero, paz, justiça e instituições eficazes e parcerias e meios de implementação, com o intuito de disponibilizar para a sociedade um meio eletrônico simples, de fácil acesso e com requisitos possíveis para a mulher vítima de violência doméstica e familiar realizar o pedido de medida protetiva de urgência, sem que ela precise se deslocar. É rápido, seguro, sigiloso e online! (Maria da Penha Virtual, 2024).

Ao concluir suas anotações, Íris fica lembrando que já viu seu pai xingando e falando mal de sua mãe, humilhando-a, querendo tomar conta de onde ela ia ou deixava de ir, como se ele fosse o dono dela; “ainda bem que se separaram” – pensou. Recorda também que já teve amigas na escola que deixaram de falar com as próprias amigas, porque o namorado havia proibido, além de já ter ouvido colegas homens soltando “piadinhas” (insultos, ofensas, humilhações e até assédio falados em tom de brincadeira) sobre a roupa das meninas, principalmente nas aulas de educação física, quando o short colado ao corpo faz parte do uniforme de quase todas as meninas. Sua memória vai ainda mais longe, sem nem ter certeza se ainda fazia sentido a relação entre o que havia lido com tudo que estava pensando, mas lá estava ela, vendo-se criança (lá pelos seus 6 ou 7 anos) na escola com os meninos puxando seu cabelo e falando que se contasse para a tia/professora eles iriam fazer pior, “pegando” o lanche dela para eles, chamando-a de “burra”.

Quem diria que um dia de estudo para o Enem traria tantas memórias, reflexões e mais curiosidade?! Em algum momento, ela achou que passou por esses lamentáveis acontecimentos na escola porque era criança, todos envolvidos eram crianças e provavelmente não sabiam bem o que estavam fazendo. Mas quando leu todos os tipos de violência contra a mulher, foi lembrando da sua mãe, de algumas amigas, tias, vizinhas, e começou a acreditar que o problema

era maior do que ela podia ver. “Será que na universidade a mulher também sofre algum tipo de violência?” – perguntou-se mentalmente, já sentindo o coração acelerar.

Coração acelerado anuncia um gatilho para retomar alguns velhos pensamentos e sentimentos, como o medo de não passar no Enem, mas agora medo também do que vai encontrar na universidade. Ah, são tantos medos... Mas sabe o maior deles no momento? De decepcionar a sua mãe, a pessoa que sempre está do seu lado, que faz de tudo para que ela possa estudar (coisa que ela própria – a mãe de Íris – não teve oportunidade). Medo de não conseguir “ser alguém na vida” – uma expressão que sua mãe usa com frequência.

“Será que a violência é o que mais impede que a mulher seja ‘alguém na vida’? Para a minha mãe ‘ser alguém na vida’ é conseguir estudar para ter um emprego bom, que seja estável e pague bem, ou pelo menos pague o suficiente para pagar todas as contas e despesas da casa. Desde criança escuto minha mãe dizendo que vai fazer de tudo para eu ‘ser alguém na vida’, para eu ter uma profissão, uma formação. Ela sequer terminou o ensino médio, mas sempre fez questão que eu fosse para a universidade. Vejo muitas mulheres que dependem financeira e emocionalmente de homens; aqui em casa, por exemplo, se não fosse a pensão que o meu pai me dá, a gente não conseguiria pagar tudo. Se eu não entrar para a universidade, vou perder a pensão ao completar 18 anos; se eu conseguir passar, aí a pensão vai até os meus 24 anos. Eu preciso passar... Tanto para que esse dinheiro segure as pontas por aqui e que eu consiga um emprego para ajudar minha mãe a manter a casa.” – Íris falando consigo mesma, enquanto seus pensamentos borbulhavam.

Quanta coisa havia por trás do medo de passar ou não passar no Enem! Não é apenas sobre Íris ter uma formação acadêmica, mas sobre meios de conseguir, junto à sua mãe, manter o aluguel e as contas pagas e, claro, comida na mesa. No fundo, ela queria mais que isso! Queria poder dar uma vida melhor para sua mãe, cuidar dela, sabe?! Levar para passear em lugares bonitos e diferentes, mostrar que há vida fora de casa e para além do trabalho, do estudo; não que ela tivesse experiência com nada disso, mas ela via tanta coisa legal nas redes sociais, tantos lugares que gostaria de conhecer... “Foco, Íris!” – falou em tom de voz um pouco mais alto para si mesma.

Relê de novo o tema “a Persistência da Violência contra a Mulher na Sociedade Brasileira”. Se a violência é contra a mulher, quem a pratica? Os homens! Nem todo homem, mas sempre um homem. Tem um *insight*, pega correndo o celular e manda mensagem para sua amiga pelo *direct Instagram*:

- Oi, amiga! Td bem? Lembra aquele livro da Simone de Beauvoir que vc me emprestou uma vez? Vc chegou a digitalizar? – perguntou Íris.

- E aew, tô bem, e vc? Segundo Sexo, né? Digitalizei sim, peraí q vou te mandar o *pdf* por *e-mail*. – respondeu a amiga menos de 1 minuto depois de receber a mensagem.

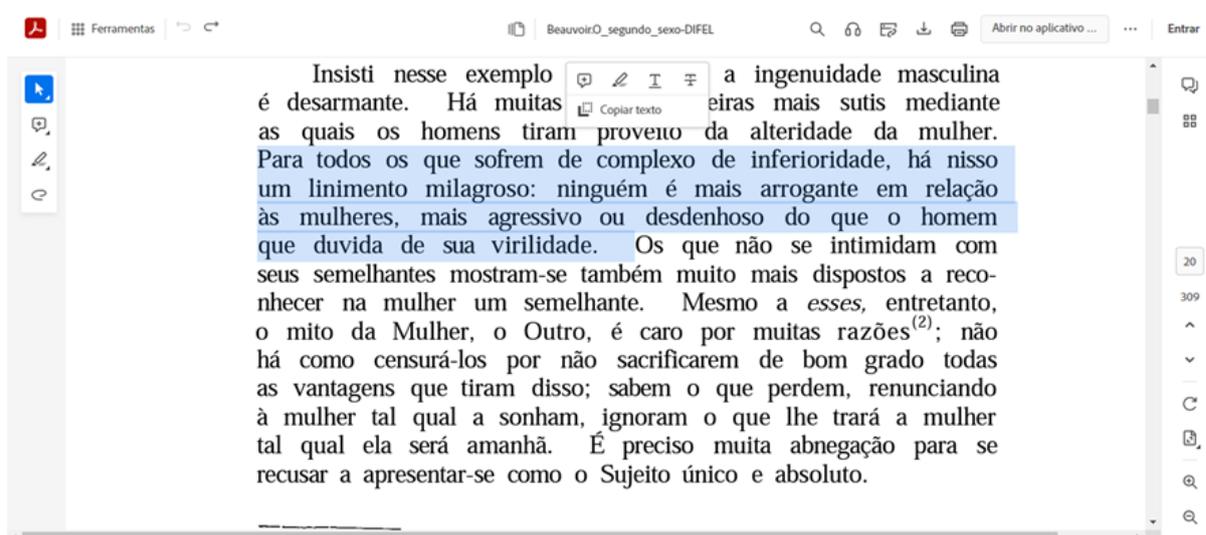
- Recebi aqui, vlw!

Seguem algumas das grandes vantagens das redes sociais: a rapidez na comunicação, a facilidade de acesso às pessoas, aos livros, à informação. O livro que a amiga de Íris digitalizou se transportou de computador para celular praticamente em tempo real, colaborando para o andamento dos estudos. Abriu logo o arquivo recebido e foi passando o dedo na tela de baixo para cima rapidamente fazendo leitura dinâmica; como já tinha lido esse livro, fazia ideia do que estava procurando, até que encontrou:

Figura 16.

Fragmento do livro O Segundo Sexo.

Descrição da imagem: Retângulo de fundo branco, print de uma tela de um leitor de pdf. Nele, um trecho do livro “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir no qual se vê grifado: “Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, já nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade”. Também pode-se ler, embora não esteja grifado, o resto do trecho: “Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. Mesmo a esses, entretanto, o mito da Mulher, o Outro, é caro por muitas razões; não há como censurá-los por não sacrificarem de bom grado todas as vantagens que tiram disso; sabem o que perdem, renunciando à mulher tal qual a sonham, ignoram o que lhe trará a mulher tal qual ela será amanhã. É preciso muita abnegação para se recusar a apresentar-se como o Sujeito único e absoluto”.



Mergulhou na leitura e encontrou nas palavras de Simone de Beauvoir (1970, p. 19): “Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade”. Íris fica se questionando se a insegurança quanto à virilidade seria o que movimento os homens a tratar as mulheres tão mal. Ela não encontra nada que justifique qualquer forma de violência contra as mulheres. Percebe na história de sua mãe a falta de acesso à educação, a luta por empregos que sempre pagam pouco, mal dando para pagar as despesas de casa. Sua mãe não tem um emprego formal, de carteira assinada, ou seja, não tem férias, nem décimo terceiro. Mesmo assim, a mãe de Íris faz tudo que pode para a filha poder estudar e ter uma vida melhor.

Pausa nos estudos para fazer um lanchinho! Lá vai Íris procurar pela cozinha o que preparar para comer. De repente, sua mãe fala que comprou pão.

- Oi, mãe! Nem te ouvi chegar. Tudo bem?

- Sim, e o seu dia como foi?

- Voltei da escola e estou estudando para redação do Enem, fazendo algumas pesquisas.

- Hum, que bom. E como está ficando a redação?

- Nem comecei ainda (risos). Ô mãe, eu estava pensando, por que você não terminou os estudos, por que não foi para a universidade?

- Ah, filha, na minha época as coisas eram diferentes de hoje em dia, tinham menos escolas, as que tinham eram longe de onde eu morava, aí para chegar lá tinha que pegar dois ônibus e meus pais não tinham dinheiro para pagar passagem para todos os filhos irem para a escola.

- Ué, o ônibus não era gratuito igual hoje?

- Não... Além do mais, só o meu pai trabalhava, a minha mãe ficava em casa cuidando da gente; enquanto eu ajudava nas tarefas, meus irmãos foram estudar. Meu pai dizia que lugar de filha dele era em casa ajudando a mãe, já os filhos homens podiam estudar, mas claro que tinham que trabalhar também.

- Aprendi hoje que isso é um tipo de violência contra a mulher, se enquadra na parte de violência psicológica, pois ele isolava vocês e privava dos estudos, impedindo o desenvolvimento e autonomia de vocês. Acabei lembrando também de algumas coisas que vi e ouvi meu pai fazendo com você...

- É difícil ser mulher, filha. Por isso falo tanto para você estudar e “ser alguém na vida”, não depender de homem, ter seu canto para morar, suas coisas, e ter estudo vai te ajudar nisso.

- Eu estou estudando, mãe, a gente vai conseguir mudar a nossa vida.

- Eu acredito em você.

Íris sentia um peso gigante cada vez que sua mãe dizia que acreditava nela. Era como se ela não pudesse errar, e acabasse sendo responsável pelas expectativas, torcida e sonhos da mãe. Terminaram de comer, Íris lavou a louça pensando que, apesar da sua mãe acreditar nela, ela não acreditava em si mesma; voltou para o seu quarto em silêncio, refletindo sobre uma nova curiosidade: Quando as mulheres começaram a estudar? Como chegaram na universidade? Quantas violências devem ter girado em torno disso? Foi assim que ela adaptou o tema da redação do Enem 2015 com as suas curiosidades, decidindo escrever sobre a história da mulher na educação e sua chegada no Ensino Superior. Ao perceber que não fazia ideia do que escrever, pois não conhecia essa história, optou por descobrir mais sobre como a mulher chegou na universidade, já que era onde ela queria chegar.

A chegada das mulheres na educação é historicamente permeada pela exclusão. Muito antes de sequer pensar em alcançar o Ensino Superior, passaram pelas catequese, depois pelas escolas régias para aprender sobre questões religiosas e do lar, enquanto os homens começavam a aprender a ler, escrever e o básico da matemática. Para Nathalia Bezerra Feclesc a preocupação com a educação das mulheres girava em torno das “prendas domésticas que eram importantes para encontrarem o destino ao qual as mulheres eram destinadas: o casamento. As mulheres eram educadas para se tornarem donas de casa, mães e esposas dedicadas aos seus maridos” (Feclesc, 2010, p. 02). De quais mulheres esse período se refere? Mulheres brancas, pretas e indígenas, por exemplo, não tiveram acesso à educação ao mesmo tempo. Enquanto a mulher branca aprendia sobre etiqueta, tinha aulas de francês para servir de troféu para seu marido, a mulher preta era escravizada e a indígena catequizada/domesticada.

Desde a primeira escola de ler e escrever, erguida incipientemente lá pelos idos de 1549, pelos primeiros jesuítas aqui aportados, a intenção da formação cultural da elite branca e masculina foi nítida na obra jesuítica. As mulheres logo ficaram exclusas do sistema escolar estabelecido na colônia. Podiam, quando muito, educar-se na catequese. Estavam destinadas ao lar: casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos (Stamatto, 2002, p. 02).

Tempos depois, foram criadas escolas só para meninas, ensinadas por professoras mulheres (e assim mulheres tiveram espaço nesse mercado de trabalho), e quando conseguiram o “direito” de estudar, não tinham acesso a todas as disciplinas (geometria, por exemplo – exatas e tecnologias). João Paulo dos Santos e Núbia Moreira (2020, p. 17) contam que as mulheres pretas só tiveram acesso a essa educação por volta de 1720 ainda na colônia, sendo outorgado no final de 1870 o direito ao ensino público para pessoas negras.

Nathalia Bezerra Feclesc (2010) verificou que a primeira mulher que ingressou no Ensino Superior no Brasil foi Rita Lobato Velho Lopes, uma mulher branca (1867-1954) que foi para o curso de medicina. Iniciou estudos no estado do Rio de Janeiro, mas concluiu e se formou na Bahia, em 1887. Rita pôde ir para a universidade, pois Dom Pedro II (Imperador do Brasil na época) autorizou, em 1879, que as mulheres pudessem frequentar o ensino universitário.

Jorge Luiz Santana (2013) escreveu uma monografia intitulada “Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular”. Ele conta que Enedina, nascida em 1913, foi a primeira mulher negra a se formar numa universidade no Brasil, mais precisamente no Paraná, ingressando em 1940 e concluindo o curso de engenharia em 1945.

O lugar de submissão e menosprezo em relação à mulher é nítido. Por muito tempo se acreditou que as mulheres eram biologicamente menos inteligentes e inferiores aos homens, o que foi criticado por Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo – Fatos e Mitos* (1970); sua crítica se baseou numa minuciosa análise biológica que comprovou que não há fator biológico que afirme que a mulher é inferior ao homem.

Apesar de não ter como pagar uma IES particular, nem ter como se mudar de cidade para cursar numa universidade pública, Íris tinha vários privilégios, mesmo que ela não tivesse plena consciência sobre isso até então.

4.1 Dia do Enem

O tão esperado e temido dia chegou. Dia 03 de novembro de 2019, dia da primeira fase/prova do Enem; neste ano, as provas serão nos dias 03 e 10 de novembro, os dois primeiros domingos do mês. Antes mesmo do dia amanhecer, Íris rola de um lado para o outro da cama; dorme, acorda, olha a hora, 3h42min (madrugada), passa o olho no *Instagram* sem, ao menos, prestar atenção e dorme de novo, pois não está na hora; sono leve e agitado, medo de perder a hora, ao mesmo tempo medo de chegar a hora; sem sonhos, ou pelo menos não há lembranças deles; pensamentos acelerados, expectativas, ansiedade. Quando o despertador toca, os olhos de Íris já estão abertos, o coração acelerado, as pernas chacoalhando. Levanta-se rápido, visualiza alguns *stories*, mas não reage nem comenta nada. Toma banho em silêncio, pois a ansiedade toma muito espaço e faz o seu próprio barulho, fazendo-a esquecer de colocar uma música. Puxa na memória fórmulas de matemática e física, tabela periódica. Tenta focar no

agora lembrando da semana passada, lembrando do que escreveu na redação... “Será que vou conseguir?” é a pergunta que se repete, variando entre o medo e a confiança de quem dedicou o seu melhor nos estudos até aqui.

Sai do banho e pega a roupa que separou no dia anterior para vestir; planejou tudo para não perder tempo nesse dia tão especial. Não é comum na sua rotina, mas hoje tem o momento do café da manhã! Café para acordar, pão quentinho com manteiga e, do lado do prato, alguns resumos anteriormente construídos sendo revisados. Dá tempo de tirar uma foto desse cenário atípico (café da manhã com folhas e mais folhas de resumos dividindo a mesa com toalha colorida) e postar nos *stories* com a legenda “#vemenem”. Logo acaba de tomar seu café e vai revisar seus resumos, refazer algumas questões da prova do ano passado. Lê, relê, refaz mais questões, ao mesmo tempo seus pensamentos a levam para lugares diversos, para perguntas inquietantes em torno de passar ou não passar na prova, conseguir ou não conseguir vaga para o curso desejado, morar perto ou longe da família, fazer novas amizades ou ficar isolada, ser aprovada ou reprovadas nas disciplinas ao longo dos semestres. “Calma! Respira e se concentra.” – fala Íris para si mesma, percebendo que não está rendendo tão bem no estudo naquele momento.

Enquanto Íris vivia esse momento especial, muitas mulheres, estudantes que estavam no ensino médio, estavam imersas em outras realidades e necessidades. No ano anterior, em 2018, “mais de 5 milhões de jovens de 18 a 20 anos não estudavam. [...] O motivo para um terço deles era ter de trabalhar, 21% não tinham interesse, 15% tinham de ajudar no cuidado de parentes e 12% não estudavam porque não tinham dinheiro” (Observatório de Educação Ensino Médio e Gestão, 2023). Segundo dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2022, 9,5 milhões de brasileiros entre 15 e 29 anos não completaram a educação básica, ou seja, 18% dessa população está fora dos estudos. Entre 18 e 24 anos, na fase de ingressar em uma universidade, 31,1% não estudam (Associação Brasileira de Estágios [ABRES], 2023). A PNAD 2022 levantou, ainda, informações sobre raça e renda das jovens que tinham entre 14 e 29 anos que estavam fora da escola na categoria de ensino médio:

Em 2022, dos jovens de 14 a 29 anos fora da escola, 70% eram negros e 28% brancos, índice que teve uma pequena variação na comparação com 2019, quando 71% dos jovens fora da escola eram negros, e apenas 27% destes brancos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, PNAD Educação 2022. A partir dos dados do IBGE, o estudo "Diagnóstico do abandono e da evasão escolar no Brasil", do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social, aponta que as chances de um jovem

preto ou pardo de 20 a 24 anos estar fora da escola sem ter concluído o ensino médio é 55% maior do que a de um jovem branco (ABRES, 2023).

São muitas pessoas que, sequer, concluem a educação básica no Brasil. Como falar de acesso ao ES, se a base ainda se encontra tão prejudicada? Mas vamos lá... Uma coisa de cada vez. O foco aqui é falar do ES, mas não tem como não pincelar sobre a educação básica. Íris estava tão preocupada com a realidade dela e da mãe dela, que nem imaginava o que acontecia ao seu redor, isso graças aos seus privilégios. Não quer dizer que ela não se importava, ou não queria um país mais justo, mas não fazia parte da realidade dela. Ela não imaginava que ao ingressar no ES iria aprender tanto sobre a vida, e que seus privilégios estavam alicerçados sobre tanto sofrimento e desigualdades.

Para Íris, ir fazer o Enem estava sendo possível, porque estudante de escola pública não precisava pagar a inscrição e porque ela estava contando com a possibilidade de uma bolsa do Prouni. Ela achava que o fato de não ter dinheiro para pagar a mensalidade no caso de não conseguir a bolsa, e de não ter dinheiro suficiente para se mudar, caso passasse numa federal, seria o fim do mundo. Ingenuidade ou alienação? Talvez nenhuma coisa nem outra, mas o resultado de uma sociedade historicamente desigual quanto ao acesso à educação.

Em poucos minutos muitas perguntas passam pela cabeça de Íris: “Eu deveria estar estudando mais... Provavelmente vai cair na prova o que eu ainda não consegui estudar direito... E se chegar na hora e me der um branco e eu esquecer tudo? Eu nunca me dou bem em provas assim objetivas, me enrolo nas opções e acabo marcando a errada... Eu não vou conseguir nota suficiente para passar para o curso que eu quero... Eu nunca faço nada direito... Eu não sirvo para nada...” O coração acelera, a respiração fica ofegante e dificultosa dando uma pressão no peito que chega a doer; as pernas tremem mais que o “comum”, as mãos também começam a tremer, a cabeça dói um pouco e a barriga parece se revirar por dentro, dando sinais de uma possível diarreia. Os pensamentos ecoam dentro de Íris de forma que a faz sentir muito medo, medo de não conseguir, medo de decepcionar sua mãe e suas amigas, medo de “não ser ninguém na vida”.

Esforça-se para inspirar e expirar devagar, pega o celular e vai olhar suas redes sociais como tentativa de se distrair, até que encontra no seu *feed* do *Instagram*:

Figura 17.

Post do Instagram “dando uma pausa nos estudos para chorar”

Descrição da imagem: Imagem em moldura preta e fundo branco, print de uma postagem no Instagram. A postagem é da conta “Foco nos jalecos” e está escrita “Dando uma pausa nos estudos para chorar um pouco”. Na imagem abaixo, observa-se uma criança branca de camiseta branca sentada em uma mesa de madeira e escrevendo em um caderno, enquanto parece chorar e assoar o nariz na camiseta. A imagem tem a legenda “É sobre isso” com um emoji de brilhos ao lado, tem 8.298 curtidas e 46 comentários.



Sem saber se ri ou se chora, sabe que se choca com o número de curtidas (mais de 8 mil). pergunta-se qual a chance de que todas as pessoas que curtiram passaram ou já tenham passado por isso; olha para trás, para os meses anteriores, e recorda que chegou a chorar por vezes incontáveis enquanto estudava. Um choro por tantos motivos ao mesmo tempo, por dificuldade em aprender determinadas matérias, por achar que não estuda o suficiente, por medo de não passar no Enem, de não conseguir entrar na universidade e de não conseguir mudar de vida. De repente uma lágrima cai, mas a mão solta o celular e vai secá-la, antes mesmo de descer pelo seu rosto. Pensa que não é momento para chorar, e sim para revisar tudo que estudou. E assim segue lendo os seus resumos até a hora do almoço. Dia de almoçar bem mais cedo para chegar no local de prova na hora certa; a mãe de Íris acompanha a filha no almoço às 10h30min, conversam coisas leves e ficam atentas à hora do ônibus. Acabam de almoçar, Íris ganha um abraço e um beijo de boa sorte de sua mãe, pega água, biscoito, chocolate e vai pegar o ônibus para o local da prova. Lá vai Íris fazer o Enem; aliás, lá vai ela e quase 4 milhões de pessoas (Ministério da Educação [MEC], 2019).

Como boa curiosa que é, aproveitou o tempo no ônibus para pesquisar a palavra “Enem” no *Google*, escolhendo entrar no *site* do Ministério da Educação, na parte do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep); se tem uma coisa que Íris já aprendeu é que, ao fazer uma pesquisa na internet, é necessário acessar *sites* de confiança para assegurar a legitimidade das informações colhidas. Encontramos no Decifrando o Enem, do Instituto Federal de Santa Catarina (Instituto Federal de Santa Catarina [IFSC], 2020) que:

A primeira edição do Enem foi realizada em 20 de agosto de 1998. Foram registradas 157.221 inscrições e 115.575 estudantes fizeram a prova em 184 municípios. O exame foi criado para avaliar o domínio de competências pelos estudantes concluintes do ensino médio e a participação era voluntária.

Em 2004, o recém-criado Programa Universidade para Todos, o ProUni, começou a usar a nota do Enem para concessão de bolsas de estudos integrais e parciais aos participantes em instituições de ensino superior privadas. Por causa do ProUni, aumentou consideravelmente o número de participantes que realizaram o Enem com o objetivo de entrar em uma faculdade. Eles representaram 67% do total de 3.004.491 inscritos em 2005.

As notas do Enem podem ser usadas para acesso ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni). Elas também são aceitas em mais de 50 instituições de educação superior portuguesas. Além disso, os participantes do Enem podem pleitear financiamento estudantil em programas do governo, como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Os resultados do Enem possibilitam, ainda, o desenvolvimento de estudos e indicadores educacionais.

Qualquer pessoa que já concluiu o ensino médio ou está concluindo a etapa pode fazer o Enem para acesso à educação superior. Os participantes que ainda não concluíram o ensino médio podem participar como “treineiros” e seus resultados no exame servem somente para autoavaliação de conhecimentos.

A aplicação do Enem ocorre em dois dias. A Política de Acessibilidade e Inclusão do Inep garante atendimento especializado e tratamento pelo nome social, além de diversos recursos de acessibilidade. Há também uma aplicação para pessoas privadas de liberdade.

Os participantes fazem provas de quatro áreas de conhecimento: linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e matemática e suas tecnologias, que ao todo somam 180 questões objetivas. Os participantes também são avaliados por meio de uma redação, que exige

o desenvolvimento de um texto dissertativo-argumentativo a partir de uma situação-problema.

Em 2009, com a criação do Sistema de Seleção Unificada, o Sisu, o Enem mudou de formato. O exame passou a ter 180 questões objetivas, 45 para cada área do conhecimento, e a redação. A aplicação passou a ser em dois dias e o exame começou a certificar a conclusão do ensino médio. No ano seguinte, em 2010, os resultados passaram a ser adotados pelo Fundo de Financiamento Estudantil, o Fies, um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior em instituições privadas.

E o Enem serve como processo seletivo fora do Brasil também. Desde 2014, algumas universidades portuguesas utilizam as notas do Enem como forma de ingresso de estudantes brasileiros.

A aplicação do exame em dois domingos consecutivos começou em 2017, após consulta pública para identificar melhorias para a prova, e assim segue até hoje.

O Sistema de Seleção Unificada, o Sisu, é o sistema informatizado do Ministério da Educação, no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Enem. Os candidatos com melhor classificação são selecionados, de acordo com suas notas no exame (IFSC, 2020).

Para o caso de escolher tentar ingressar numa universidade pública, o caminho será utilizar a nota do Enem no Sisu, podendo escolher duas opções de curso por instituições de todo Brasil cadastradas. estudantes que cursaram ensino fundamental e médio em escola pública, comprovando uma determinada renda familiar, poderão pleitear bolsas de 50% ou 100% em instituições particulares e o caminho é outro, é pelo Prouni, também utilizando a nota do Enem; nesse caso, a bolsa é fornecida pelo Governo Federal, não tendo a necessidade de devolução do valor investido. Já o Fies é um financiamento que o governo oferece e as estudantes pagam depois que se formam. “Ihh já desço no próximo ponto” – Íris falou baixinho para si mesma, enquanto ainda processava tudo que havia lido e se levantava para descer do ônibus.

Rua cheia, muitas pessoas para todos os lados, folhas, cadernos e celulares nas mãos sendo lidos atentamente. Íris tinha seus resumos das matérias no celular, e logo o pegou para ler também, relembrar o que fosse possível até dar a hora de entrar na sala. Os portões, que abriram às 12h, fecharam às 13h; a prova mesmo começa a ser feita às 13h30. Antes do horário da prova chegar, é como se cada minuto contasse tanto que nem sei dizer. Subiu logo no prédio, encontrando sua sala, mas desceu de novo, preferindo ficar no pátio estudando. Sentou-se no meio fio da calçada e seguiu lendo o que tinha para ler; de tempos em tempos olhava para os

lados e, ao olhar com mais calma, percebeu que não havia apenas pessoas lendo, encontrou pessoas conversando e rindo, também encontrou pessoas chorando. De repente um grupo de pessoas se juntou rapidamente e, daquele aglomerado, saiu uma jovem sendo carregada após desmaiar; perguntou-se, ao ver o ocorrido, se o desmaio teria sido pelo sol quente de meio dia, ou nervosismo, mas essa resposta não chegará a nós.

Faltam 5 minutos para o fechamento dos portões; algumas pessoas ainda chegando em passos acelerados, até que deu a hora, o portão se fechando e pessoas correndo para passar por ele; algumas conseguem e outras não. Do lado de fora da grade dos portões havia pessoas que correram e não conseguiram chegar a tempo, chorando, gritando, sentando no chão com as mãos na cabeça aparentando desespero. O coração de Íris aperta, mas ela precisa subir para a sala; ao longo do caminho manda uma mensagem para sua mãe pelo *chat* do *Facebook*: "Mãe!! Quase chorei vendo algumas pessoas ficando do lado de fora dos portões... Tô indo p sala agora, te aviso quando sair".

A primeira fase da prova é composta por 90 questões objetivas, sendo 45 de Linguagens e Códigos, e 45 de Ciências Humanas, e a redação; o tempo para realização da prova é de 5 horas e 30 minutos. A aplicadora da prova já está na sala, os celulares são guardados em envelopes de segurança. Mochila embaixo da cadeira, na mesa apenas canetas, documento original com foto, comprovante de inscrição no Enem, garrafa de água, biscoito e chocolate. As provas chegam lacradas na sala. Algumas pessoas são chamadas para assinar algo por verificar que os envelopes com as provas estavam, de fato, lacrados. Íris assiste tudo da primeira carteira na fila do canto esquerdo, com olhos atentos e pernas inquietas.

Provas e cartões de resposta distribuídos, instruções e regras lidas pela aplicadora, um sinal toca... É a hora de fazer a prova! Ela corre para ver o tema da redação e encontra "A democratização do acesso ao cinema no Brasil". Pensa "eita...vou deixar a redação por último, e começar a responder pelas Ciências Humanas. A sensação é de que o coração está batendo dentro da cabeça, a ponto de poder ouvir os batimentos cardíacos. Controla a respiração, bebe um gole de água de tempos em tempos e vai respondendo as questões. O silêncio na sala é, por vezes, interrompido por barulhos de pacote de biscoito ou de chocolate. Começa a fazer Linguagens e Códigos; também começa a suar e tremer um pouco as mãos; pede para ir no banheiro (o que é feito com supervisão de um acompanhante), lava o rosto, molha a nuca e volta para a sala. De repente a voz da aplicadora ecoa pela sala dizendo "falta 1 hora para o final da prova". A tensão aumenta e, apesar disso, a prova segue. Partiu redação! Mesmo tendo se surpreendido com o tema, em 40 minutos lá estava a redação pronta. Corre para passar a redação

a limpo e as respostas do caderno da prova para o cartão de respostas. O tempo fica apertado, e Íris entrega a prova faltando 2 minutos para o fim do tempo.

Desce já rasgando o saquinho onde seu celular estava guardado, faz uma chamada pelo *WhatsApp* com a sua mãe contando que já acabou e está indo para casa. Em seguida, lê a mensagem que sua amiga mandou:

- Amiga, q prova foi essaaa?? E esse tema de redação?? Acabou cmg a redação. Tbm achei difíceis algumas questões de Linguagens e Códigos, mas Humanas até que tava de boas, o que vc achou? Me avisa quando acabar!

- Eu saí faltando DOIS MINUTOS p acabar, acredita? Kkkkkkkk Que nervoso!!! Teve uma hora que comecei a suar, achei até q ia passar mal, mas fiquei tranquila. A redação eu só fiz, n sei dizer nem o que achei do q escrevi, pq o tempo já tava apertado, então corri mesmo sem saber p onde direito.

- Sua loka, ficou até o final mesmo!! Kkkkkkkk Eu saí faltando um pouco menos de 1 hora de prova...ahh tinha coisa que n sabia e nem adiantava ficar ali me torturando. Tô indo p casa já, no ônibus, dps a gnt se fala mais. Bjoo

- Blz. Bjo!

Durante aquela semana foi um mix entre falar ou não falar do Enem, sendo que na escola era o único assunto presente, revisar as matérias para a próxima fase e controlar a ansiedade (por vezes essa era a parte mais difícil). Num piscar de olhos chegou o dia 10! A rotina do dia foi bem parecida com a do dia 03, com a diferença que dessa vez Íris não percebeu se havia pessoas chorando, porque simplesmente ela estava chorando e tentando disfarçar para que ninguém visse. Subiu mais cedo para a sala, ficou aguardando por lá mesmo. Fez suas 5 horas de prova (o segundo dia do Enem tem 5 horas de prova, meia hora a menos que no primeiro dia por não ter redação), mandou mensagem para sua mãe dizendo que já estava voltando para casa e foi, sem muita vontade de conversar; colocou uma música e foi ouvindo no caminho.

Chegou em casa, tomou um banho, falou pouco com a sua mãe e foi logo deitar. Não tinha sono, mas a cama parecia o melhor lugar naquele momento. Nas redes sociais pipocavam coisas sobre o Enem, mas ela já não queria ver isso, então entrou num perfil de extração de cravos e ficou assistindo (por mais ou menos 1 hora e meia), na tentativa de esvaziar os pensamentos; um tempo depois procurou vídeos de cachorros e gatos, encontrando dos mais fofinhos aos mais engraçados (mais 1 hora e pouca assistindo vídeos aleatórios). O sono chegou, Íris adormeceu.

4.2 Saiu o resultado do Enem

Enem feito, agora as preocupações são outras, como aguardar a nota, se informar sobre Sisu, Prouni, Fies, e o que vai ser possível fazer. Na cidade em que Íris mora não tem universidade pública, a mais próxima fica a 3 horas de ônibus, e um ônibus caro; as universidades mais próximas são três particulares, mas apenas duas aceitam Prouni e Fies. Para as condições financeiras de Íris e sua mãe, não é possível pagar uma universidade. Uma coisa que ajuda a pensar e visualizar melhor as coisas é escrever! Então lá foi ela pegando seu caderno, suas canetas coloridas e organizando as ideias:

- Sisu – para universidades públicas – ficam longe daqui – e se a gente se mudasse? Minha mãe não teria mais os locais onde ela trabalha. Seria muito incerto e arriscado – as notas para passar no sisu costumam ser entre 600 e 900 pontos, dependendo do curso.
- Prouni – financiamento do governo com bolsas de 50% ou 100% – pela renda mensal daria para eu pegar uma bolsa de 100%, mas depende da nota – renda familiar de até 3 salários mínimos por pessoa (a gente se encaixa aqui) – nesse eu não precisaria pagar de volta o valor investido – tem duas universidades aqui na cidade que aceitam – as notas para passar no prouni precisam ter o mínimo de 450 pontos, mas dependendo do curso podem ser bem altas, e não pode zerar a redação.
- Fies – oferece bolsas de 50% e 100% que serão pagos após 18 meses de formada, sendo que a dívida pode ser parcelada em até 12 anos – e se eu não conseguir um emprego nesse tempo? Ou se o salário não for suficiente para eu pagar tudo? – é preciso ter renda familiar de até 10 salários mínimos – as notas para conseguir o Fies precisam ter o mínimo de 450 pontos, mas também irão depender do curso, e não pode zerar a redação.
- Ingresso Direto – usa a nota do Enem para entrar em universidades particulares, e dependendo da nota, ganhar uma bolsa da própria instituição – as bolsas podem variar entre 25%, 50%, 75% e, raramente, 100%.

Para Íris pesquisar sobre Sisu, Prouni e Fies era comum, mas o que ela não sabia é que eles surgiram com a Reforma do Ensino Superior, que aconteceu em 1990 (Íris nem tinha nascido). Essa reforma buscou a democratização do acesso ao Ensino Superior (Salata, 2018). Outra medida tomada em prol desta democratização foi o estabelecimento de horário/turno noturno, principalmente por instituições particulares; Clarissa Neves e Carlos Martins (2016) apontam que a maioria das instituições públicas oferecem a opção de horário diurno e, por mais

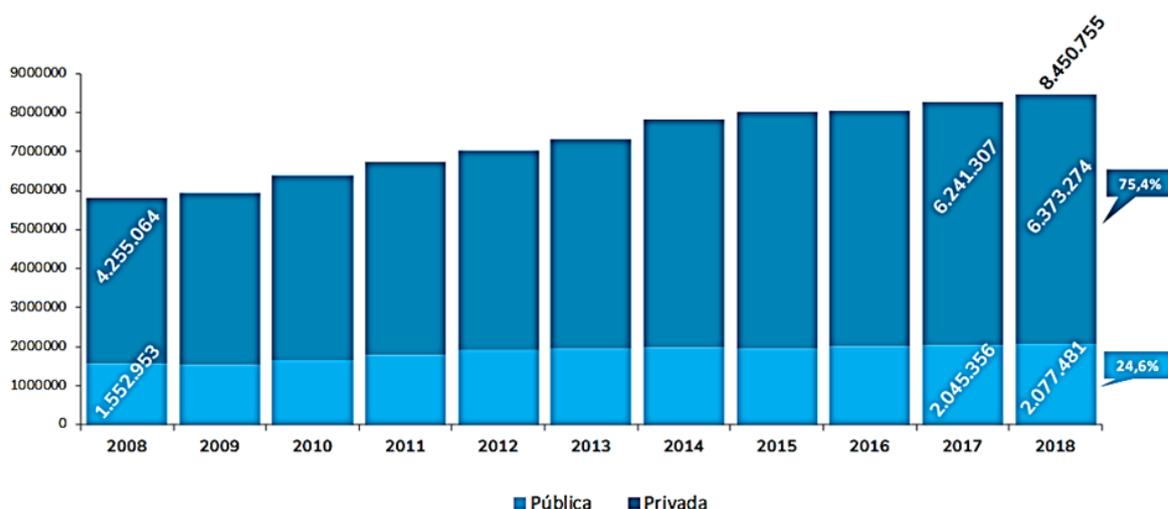
venham investindo em oferecer cursos no 3º turno, o destaque ainda é para as universidades privadas.

Neves e Martins (2016) analisaram o número de matrículas realizadas no Ensino Superior e identificaram que as instituições particulares tiveram um crescimento evidente em 2012. Em 2018, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) detectou que 3,4 milhões de pessoas se matricularam em universidades, sendo 83,1% delas em instituições particulares.

Figura 18.

Matrículas em Universidades públicas e privadas dos anos de 2008-2018.

Descrição da Imagem: Imagem de fundo branco, mostra um gráfico de barras azuis, no qual as barras azul-claras são referentes a universidades públicas e as escuras são de universidades privadas. Podem ser observadas dez barras que representam, da esquerda para a direita, os anos de 2008 a 2018. No lado esquerdo da imagem, existe um marcador que vai de zero a 9.000.000. Observa-se um aumento de matrículas no decorrer dos anos, principalmente na rede privada. No ano de 2008, o número de matrículas em universidades públicas é de 1.552.953 e em privadas de 4.255.064. No ano de 2017, são observadas em universidades públicas 2.045.356 e privadas 6.241.307. No ano de 2018, nas públicas 2.077.481 e privadas 6.373.274. Não se mostram os números dos outros anos. Acima do ano de 2018, mostra-se o somatório de 8.450.755 e no lado direito a porcentagem: 24,6% em universidades públicas e 75,4% em privadas.



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP] (2019).

Vai Íris para o *Instagram* passar o tempo, vê sua amiga *online* e manda mensagem:

- Oi! Tava aqui vendo informações do sisu, prouni e fies, acho que me encaixo melhor no Prouni, vc já viu qual o melhor p vc?
- Eu tava conversando com meus pais sobre isso, de início pensando no Fies, mas aí minha mãe tem uma irmã que mora na capital, acho que vou tentar uma federal pelo sisu. Mas tbm vou fazer o vestibular da universidade estadual no dia 02 de dezembro. Eu me encaixo nas ações afirmativas como mulher negra, então vai q!!
- Ahhh minha amiga vai p federaaal!! Dps vou pesquisar sobre ações afirmativas p entender melhor, conheço por alto só... – ela disse depois, mas foi simultaneamente à conversa pesquisando no *Google*.
- Outro dia vi um vídeo explicando q a política de ações afirmativa aqui no Brasil começou em 2001, a primeira universidade a adotar foi a minha futura casa, a UERJ.
- Dei um *Google* aqui, e vi q em 1996 “no Seminário Internacional sobre Multiculturalismo e Racismo, o então Presidente [do Brasil] Fernando Henrique Cardoso declarou que
 - [o preconceito racial] tem que ser desmascarado. Tem que ser, realmente, contra-atacado, não só em termos verbais, mas também em termos de mecanismos e de processos que possam levar a uma transformação na direção de uma relação mais democrática entre as raças, entre os grupos sociais, entre as classes (Brasil, 1996a).
- E teve tbm na África do Sul, em 2001, com a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, essa conferência foi organizada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Aí daí fizeram a Declaração de Durban, olha o que diz no artigo 18:
 - Realçamos que a pobreza, o subdesenvolvimento, a marginalização, a exclusão social e as desigualdades econômicas estão estritamente vinculadas com o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e as práticas conexas de intolerância e contribuem para a persistência de atitudes e práticas racistas, que por sua vez geram mais pobreza.
- Isso aí mesmo que vi no vídeo! Só n falou dessa fala do FHC. Mas as outras informações foram faladas bem detalhadas no vídeo, se eu achar o *link* te mando.
- Blz! Aí olha o q vi hj no *Facebook* e salvei p te mandar

Figura 19.

Print de Instagram sobre usar a inteligência artificial na prova

Descrição da imagem: Quadro em moldura preta e de fundo branco, se vê a postagem da página Vestibular da Depressão de 15 de novembro de 2019 com risos. Na legenda, aparece “Quando você está na metade da prova e a Siri (inteligência artificial do iPhone) fala: Não te escutei,

pode repetir?”. Na imagem abaixo, se vê o personagem Chaves que é representado por um homem de meia idade com camiseta listrada verde, preta e branca, com suspensórios laranjas e um chapéu verde com uma expressão assustada. Ele está em uma sala com diversos outros estudantes que parecem estar realizando uma prova. Post com 1,4 mil curtidas e 132 comentários.



- kkkkkkkk imagina só poder fazer o Enem usando a Siri! Ihhh, já viu que Siri é seu nome de trás p frente, Íris?? Hahahahahaha
- Vc q é xique usa Siri, eu uso *Ok Google* kkkkkkkk. Mas seria ótimo usar inteligência artificial p fazer o Enem mesmo...a gnt ia acertar td, passar p td e ficar rica!
- Ahhh tbm salvei algo p te mandar olha só

Figura 20.

Print de camiseta Não pergunte a minha nota do Enem.

Descrição da imagem: Quadro em moldura preta e fundo branco. Nele, uma postagem no Instagram do perfil Foco nos jalecos. Na imagem, a frase “Look para sexta-feira” acompanhada de um emoji que representa estar gritando. Abaixo, uma imagem de uma camiseta branca na qual está escrito em letras pretas “Não pergunte a minha nota do Enem”. Na legenda do post “Já separaram a de vocês?” com o mesmo emoji. Post curtido por 9.347 pessoas e 83 comentários.



- Ai, primeira sexta-feira dps do Enem e n se fala em outra coisa nas redes sociais. Q chegue logo 17 de janeiro p gnt ver as notas!
- Tomara q chegue logo msm! Tenho q sair p adiantar umas coisas aqui...até dps! Bjooo
- Bjoo!

17 de janeiro de 2020 finalmente chega, e a nota do Enem estava para sair entre 8h e 10h da manhã. Às 7h já estava Íris acordada, mas ainda deitada em sua cama e atualizando a página do Inep (por onde sairia a nota), passeando pelas redes sociais, esperando ansiosamente para ver sua nota. Os minutos se passavam devagar, demorando quase uma eternidade para a saída dos resultados. Durante a espera, tantos pensamentos atravessaram e atropelaram Íris.

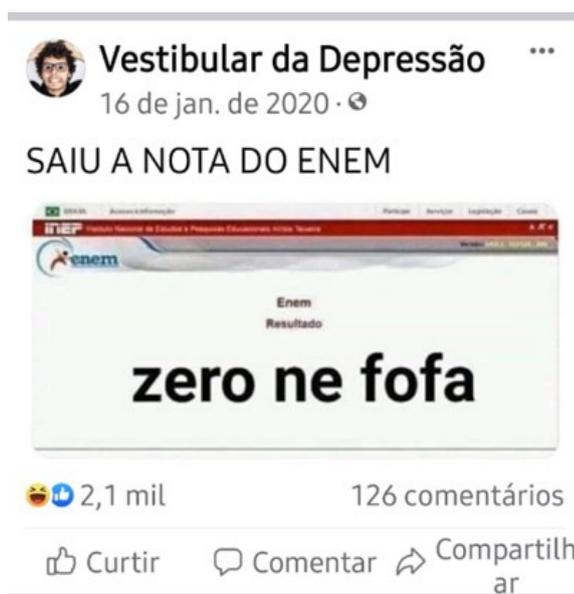
O dia tão esperado e tão temido estava ali, acontecendo lentamente pela manhã silenciosa na casa de Íris. Barulho só dentro de si mesma, onde podia gritar todos os seus anseios. Pelas redes sociais ainda rolavam também os *posts* do dia anterior, de forma a tornar cômico o que vinha angustiando tantas pessoas:

Figura 21.

Print do facebook sobre zerar o Enem.

Descrição da imagem: Imagem em fundo branco com postagem do perfil Vestibular da Depressão do dia 16 de janeiro de 2020. Nele, observa-se a frase “Saiu a nota do Enem” em caixa alta e abaixo uma imagem que é print da plataforma de acesso à nota do Enem (a plataforma é composta por uma barra superior vermelha escrita INEP e abaixo dela a logo do Enem que é um boneco colorido feito em linhas simples). Nessa plataforma, vem escrito

“Enem” e “Resultado” e logo abaixo escrito em tamanho maior do que o resto da imagem “Zero né fofa”. Post com 2,1 mil curtidas e 126 comentários.



“Que medo de zerar a prova” – pensou Íris, apesar de estar rindo, não teve coragem de mandar o *post* para a sua amiga. O silêncio permaneceu de mãos dadas à ansiedade. Os pensamentos eram tantos e tão bagunçados que era difícil identificar um. Os sentimentos sufocavam, as emoções afetavam o corpo; boca seca, olhos mareados, corpo tremendo, pele suando frio, estômago queimando, dor de barriga, respiração ofegante.

O tempo que parecia não querer passar ficou veloz quando a nota saiu! Sim, saiu! O coração também, quase saiu pela boca. Coloca o seu CPF e vai atrás da sua nota; abre a página com a nota, fecha os olhos com medo de olhar. Toma coragem e olha de novo, começa a ler:

Figura 22.

Representação da nota do Enem.

Descrição da imagem: Imagem em moldura cinza e com fundo branco. Na parte superior da imagem, observa-se um quadro azul escrito “Exame Nacional do Ensino Médio - Enem 2019, Resultado Enem 2019” e abaixo a logo do INEP e do Enem. Abaixo, estão dois quadros de moldura cinza, no qual o primeiro contém um número de inscrição, nome e CPF e no segundo contém a informação “Língua estrangeira: Espanhol”. Em seguida, vem escrito em formato de Tabela a Área de conhecimento, Nota e Situação em colunas separadas, nas quais se observam as informações: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias com nota 628,5 e situação Presente; Ciências Humanas e suas Tecnologias com nota 637,6 e situação Presente; Ciências da Natureza e suas Tecnologias com nota 523,3 e situação Presente; Matemática e suas Tecnologias com nota 584,2 e situação Presente e Redação com nota 900 e situação Presente.

EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO - ENEM 2019 Resultado ENEM 2019		
INEP enem		
Número de Inscrição: [REDAZÃO]		
Nome: [REDAZÃO]		
CPF: [REDAZÃO]		
Língua Estrangeira: ESPANHOL		
Área de Conhecimento	Nota	Situação
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	628,5	Presente
Ciências Humanas e suas Tecnologias	637,6	Presente
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	523,2	Presente
Matemática e suas Tecnologias	584,2	Presente
Redação	900	Presente

“900 na redação?? Como assim??” – grita sozinha dentro de casa. Tira um *print screen* da tela e manda para sua amiga e sua mãe ao mesmo tempo. Chora de emoção, de alegria. Ainda desacreditada volta a olhar as notas. Precisa falar com alguém, então faz uma chamada de vídeo com a amiga:

- Vc viu?? 900 na redação...nem tô acreditando... Já viu suas notas?
- Arrasou!! Parabéns amiga!! Tô abrindo a minha agora, procurando meu CPF hehehehe
- Tô muito feliz!
- Sua mãe já viu?
- Mandei o *print* p ela, mas ela ainda n viu...deve tá ocupada. Vê logo a sua!
- Calmaaa!! Kkkkkk N me deixa mais nervosa do q já tô. Consegui, te mandei! Ahh sabia que eu fui mal na redação...

Figura 23.

Notas do Enem.

Descrição da imagem: Quadro em fundo cinza, com as informações elencadas: Edição: 2019; Nome; CPF; Número de Inscrição. Logo abaixo, uma Tabela com a Área de conhecimento, Nota e Situação em colunas separadas, nas quais se observam as informações: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias com nota 586,6 e situação Presente; Ciências Humanas e suas Tecnologias com nota 609,9 e situação Presente; Ciências da Natureza e suas Tecnologias com nota 576,4 e situação Presente; Matemática e suas Tecnologias com nota 641,5 e situação

Presente e Redação com nota 680 e situação Presente. No fim do quadro, um botão azul com a opção “Versão impressa”.

Edição: 2019

Nome: _____

CPF: _____

Número de Inscrição: .. _____

Área de Conhecimento	Nota	Situação
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	586,6	Presente
Ciências Humanas e suas Tecnologias	609,9	Presente
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	576,4	Presente
Matemática e suas Tecnologias	641,5	Presente
Redação	680	Presente

VERSÃO IMPRESSA

- Não chegou a ir mal, tirou quase 700
- Peraí q vou mostrar p minha mãe! Vou desligar aqui rapidinho, dsp te ligo. Bjo
- Vai lá, bjo! E parabéns tbmm!!

Acaba uma etapa, começa outra. Com as notas do Enem lançadas, a próxima preocupação é conseguir a bolsa do Prouni. A amiga de Íris ainda aguardava o resultado do vestibular da UERJ que não aceita a nota do Enem para ingresso em determinados cursos. Quando a mãe de Íris viu as notas pulou de alegria, mandou um áudio para a filha dando parabéns e falando do quanto estava orgulhosa da filha. Quando chegou em casa, no finalzinho do dia, levou uma pizza para que pudessem comemorar as notas e o sucesso da sua filha.

Dia 28 de janeiro saiu o resultado do Sisu, no qual Íris se inscreveu, mesmo sabendo que não teria como se mudar para cursar; para sua surpresa, foi classificada! Sim, ela passou para uma federal, mas não pôde ir. Felicidade e tristeza se misturam de uma forma amarga, feliz por ver que é capaz, triste por não ter condições de ir. Enquanto isso, o vestibular da UERJ

divulgou o resultado e sua amiga passou! Em 04 de fevereiro foi a vez do Prouni lançar seus resultados, e lá estava na listagem o nome de Íris com bolsa de 100% para o curso escolhido.

Que felicidade por Íris, mas uma pena que essa realidade ainda não está ao alcance de todas. Assim como pudemos ver no capítulo 1 o quanto a raça e a renda determinavam quem tinha acesso à educação, observamos que hoje não é diferente. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) verificou em 2020 que das pessoas acima de 25 anos de idade que tinham formação acadêmica completa, 24,9% eram brancas e 11% negras. Houve também diferença nas notas do Enem, onde pessoas brancas têm notas 3% maiores se comparado à amostra geral e 7% maior que as notas de pessoas negras e indígenas. “O perfil de renda também é bastante desigual”, aponta Betina Fresneda, pesquisadora do IBGE: “As maiores proporções no nível superior eram compostas por alunos cuja renda domiciliar per capita estava no grupo das 25% mais altas do país” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2018).

Íris vinha de uma escola pública. Em 2018, o IBGE atestou que 36% dos estudantes que saíram do ensino médio de escolas públicas ingressaram no ES. Mas quando se inclinou para estudantes da rede privada, a taxa de ingresso foi de 79,2%. Nitidamente quem vem das escolas particulares têm vantagens sobre as estudantes da rede pública. Os padrões de exclusão se perpetuam desde a época colonial, arrastando, até os dias de hoje, formas de pré-determinar quem tem e quem não tem acesso ao básico, como a educação. Por mais que o movimento pela democratização esteja vigente, ainda há muito o que fazer (Observatório de Educação Ensino Médio e Gestão, 2023).

Deu tudo certo para Íris e sua amiga... Ambas passaram para a universidade! Mas e agora?

4.3 Primeiro dia de aula no Ensino Superior

Primeiro dia de aula e lá estava Íris, arrumada, mochila com seus cadernos, canetas coloridas, marca-texto e tudo mais que pôde comprar na papelaria, um pacote de biscoito e uma garrafinha de água. Empolgada, ansiosa, curiosa... Não podia deixar de postar algo num momento importante desses, então pegou o celular, abriu o *Instagram*, tirou uma foto estilo *selfie* (foto que ela tira dela mesma, mais especificamente do seu rosto) e escreveu na legenda “Partiu primeiro dia de aula! #universitária”.

- Tchau, mãe!

- Tchau, filha. Boa aula!

O que Íris não sabe é que quando ela saiu sua mãe chorou de emoção, de orgulho, de alegria, sentindo que valeu a pena todo esforço, todo apoio. O sentimento era tão intenso e surpreendente que nem se sabe dizer qual o nome, mas sabia sentir, chorando e ao mesmo tempo sorrindo, grata por estar vivendo esse dia.

O que Íris viu ao entrar na universidade? Estudantes, professoras, funcionárias gerais, coordenadoras, diretoras; muitas pessoas estão envolvidas ali, conectadas, compondo esse lugar. Composição que não para por aí, contando ainda com secretarias, salas de aula, quadros, canetas, aulas, laboratórios, bibliotecas, livros, computadores, cadernos, agendas, auditórios, refeitórios, cantinas, alimentos, escadas, rampas, pátios, lixeiras, janelas, ventiladores, ar condicionados, cadeiras, mesas, banheiros, pias, bebedouros, água, provas, seminários, trabalhos, aulas, estágios, pesquisa, extensão, notas, coeficiente de rendimento, aprovação, recuperação, reprovação, reuniões, mochilas, bolsas de carregar objetos, bolsas de fomento à pesquisa, potes, marmitas, xerox, filas, ônibus, trem, metrô, barco, bicicletas, caminhadas para chegar, estacionamento, árvores, prédios, andares, blocos, *campus*, portas e, claro, corredores. Ufa... Quanta coisa! E cabe muito mais dentro da universidade, coisas que Íris vai descobrindo ao longo do curso.

Como todas essas peças se encaixam nesse imenso quebra-cabeça? Como se relacionam entre si? Como Íris conhece e se adapta ao ambiente acadêmico? Quais as facilidades e dificuldades? Quais os motivos para risos e choros podem atravessar o caminho? Quais rastros as estudantes veteranas deixam para Íris? Quem é e quem será Íris nesse novo universo? Quais escolhas precisará fazer? Como vai se cuidar? Quem vai estar do lado dela no dia a dia? Com quem poderá contar? Ou quem irá evitar? Desistir, mudar de curso ou se formar? Vai viver ou sobreviver?

Mesmo longe da Ray, em universidades e cidades diferentes, Íris mantinha o contato diariamente, graças ao celular e às redes sociais:

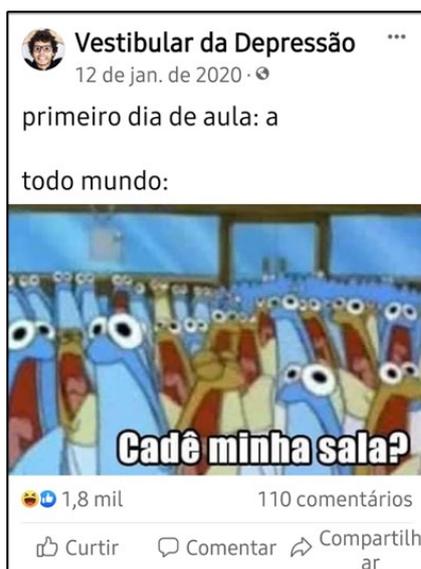
- Acabei de chegar na facul!! N tô entendendo nada, n sei onde é minha sala, tá lotado isso aqui, como tá aí? – perguntou Íris

- Já achei minha sala, mas não falei com nmg até agora... olha o q salvei q tem td a ver com o nosso dia hj

Figura 24.

Meme sobre primeiro dia de aula.

Descrição da imagem: Quadro em moldura preta e fundo branco com postagem do perfil Vestibular da Depressão do dia 12 de janeiro de 2020. Nele, está escrito “Primeiro dia de aula: a”, “Todo mundo:” E uma imagem em desenho de diversos peixinhos nas cores azul e verde com rostos assustados e alguns gritando, passando a ideia de desespero. Na imagem dos peixes, a frase: “Cadê minha sala?” Postagem com 1,8 mil curtidas e 110 comentários.



- Eu tô exatamente assim kkkkkkk. Vou correr aqui p tentar me achar. Boa primeira aula!!
- Vai lá...bjoo e boa primeira aulaa!!

Íris passa pela secretaria, vira à esquerda e encontra a rampa e no começo dela uma moça com uma prancheta rodeada de estudantes perguntando ao mesmo tempo “qual a sala da matéria ‘tal?’” Ela sabe que precisa ir lá perguntar também, mas tem tanta gente que ela fica um tempinho de longe olhando, na esperança de que esvazie um pouco. Olha em volta e vê duas cantinas, um local para tirar xerox e/ou imprimir... quando ela volta os olhos para a moça da prancheta, ela sumiu, estava subindo a rampa ainda com muitas estudantes ao seu redor. Vai para o começo da rampa e de lá consegue ver a biblioteca de um lado, a sala dos professores de outro. Uma menina para do seu lado e pergunta:

- Com licença, bom dia. Você sabe onde fica a sala 203?
- Bom dia. É meu primeiro dia, estou procurando a sala 205, elas devem ser perto, né?
- É meu primeiro dia também, estou me sentindo super perdida, mas empolgada (risos). Acredito que sejam perto uma da outra sim, vamos procurar?
- Vamos! Meu nome é Íris, qual é o seu?

- Patrícia.

Lá foram as duas calouras em busca de suas salas. Ao final da rampa, havia uma sinalização com os números das salas, e olha que coincidência, a sala 203 ficava de frente para a 205. Joana Casanova, Alexandra Araújo e Leandro Almeida (2020) apontam que os dois primeiros semestres podem ser considerados período de adaptação acadêmica. Vamos conhecer alguns aspectos dessa fase adaptativa nas experiências de Íris e da sua amiga Keyth. As autoras(res) dizem que há cinco tipos de dificuldades que afetam as estudantes, sendo elas:

1. Dificuldade acadêmica a desconhecimento dos métodos de ensino e de avaliação dos professores, aulas sem recurso a manual escolar, abordagem mais compreensiva da aprendizagem, maior autonomia e gestão do tempo de estudo;
2. Dificuldade interpessoal ou social a novos padrões de relacionamento com professores e colegas, diversidade social e cultural dos colegas, necessidade de novas redes de suporte social;
3. Dificuldade familiar a ausência de suporte familiar, ter saudades da família;
4. Dificuldades financeiras a baixos rendimentos pessoais, gestão cuidada dos recursos financeiros para assegurar a manutenção diária;
5. Dificuldades emocionais a sentimentos de confusão, frustração, ansiedade, isolamento (Casanova et al., 2020).

Para a realidade de Íris, as dificuldades acadêmicas, financeiras e emocionais são as mais presentes. Ela que, desde o Enem, sentia as pernas tremendo com frequência, além do coração acelerado, começa a sentir umas coisas que antes não sentia, como falta de ar, respiração ofegante como se tivesse corrido uma maratona sem um pinga de condicionamento físico. Oséas Oliveira da Silva (2019) fala que esse período inicial do curso pode acarretar sentimentos de desamparo, irritabilidade, preocupação, impaciência e medo da graduação, tornando-se gatilho para a ansiedade, prejudicando a saúde da pessoa e o desempenho acadêmico. Vamos ver como Íris vai lidar com essa adaptação.

Encontrou sua sala, entrou olhando discretamente para as pessoas que lá estavam, um “bom dia” daqui e outro dali, sentou-se no primeiro lugar vazio que encontrou, sem olhar para trás nem para os lados. Foi para o celular enquanto a professora não chegava; uma forma, na sua opinião, de conhecer um pouco mais sobre a instituição, o curso e as pessoas ali inseridos é entrar nos perfis e/ou grupos das redes sociais da universidade e do curso em específico; olhar as últimas publicações, quem as curtiu e comentou. Ficou navegando no que havia *online* sobre aquele ambiente presencial.

Íris se sentou numa carteira nem tão no fundo, nem tão na frente; olhava discretamente ao seu redor, reparando nas pessoas, nas mochilas, bolsas, tênis, roupas, já que para ela era novidade que as estudantes não estivessem de uniforme. De repente, uma mulher bem vestida, com uma bolsa grande no ombro, um crachá no pescoço e uma vibe boa entra na sala:

– Bom dia, turma! Sou Fernanda, e estarei ministrando essa aula para vocês neste semestre! Hoje é o primeiro dia de todas vocês aqui, certo?! O que acham de fazermos uma roda para nos conhecermos melhor?! Vamos...

A professora Fernanda foi pegando sua cadeira e iniciando a roda:

- Vamos fazer uma breve apresentação?! Cada uma se apresente dizendo seu nome, o porquê de ter escolhido esse curso e suas expectativas com a formação.

“Ahhh pra que fazer a gente falar já no primeiro dia? O que eu vou dizer? Poxa, odeio falar em público, ainda mais com um monte de pessoas desconhecidas...” pensou Íris enquanto acomodava sua carteira na roda. A respiração foi ficando mais ofegante, mas tentava disfarçar, fingindo naturalidade. Bebeu um pouco de água e seguiu tentando prestar atenção na apresentação das outras pessoas. “Pensa, pensa, pensa...o que eu vou falar? Já sei!” – disse o inquieto pensamento de Íris, fazendo-a pegar o celular e mandar mensagem para sua amiga:

- Vou ter q me apresentar p turma, NÃO FAÇO IDEIA DO Q FALAR! Me ajuda??

Dessa vez a amiga não respondeu imediatamente, afinal ela também estava em aula. O jeito foi ouvir o que as estudantes diziam ao se apresentar e tentar criar algo. Foi ouvindo, ouvindo, contando quantas pessoas faltavam para chegar a sua vez, pensou em sair da sala para ir no banheiro, mas achou que chamaria muita atenção e tudo que ela não queria era ser vista. Olhava para as pessoas falando e achava que todas falavam tão bem; sua vergonha e insegurança só aumentavam.

Por alguns segundos era como se Íris nem estivesse ali, pois já não via nem ouvia nada, nem ninguém. Não se sabe quantos segundos se passaram, mas de repente já faltava uma pessoa para Íris falar. Sem nada planejado com a ansiedade lá para cima, chega a sua vez:

- Oi, meu nome é Íris. – com a voz trêmula e dando uma pequena pausa até continuar – eu estou aqui para ser alguém na vida...quero fazer o melhor que eu puder para ter uma boa formação – disse ela lembrando das palavras de sua mãe, com vontade de sair correndo, achando que não teve nada a ver o que ela falou, querendo abrir um buraco no chão e enfiar sua cabeça.

- Obrigada pela sua apresentação, Íris; e olha, você já é alguém na vida, querida! Talvez você só precise descobrir isso. Vamos à próxima pessoa?!

Aquelas palavras foram um abraço para Íris. Apesar de seu coração ainda estar bastante acelerado e as mãos frias e suando, sentiu-se melhor após as palavras da professora,

conseguindo ouvir, de fato, as próximas pessoas a se apresentar. Todas as aulas desse dia tiveram esse mesmo formato de apresentação e conversas sobre a escolha do curso. Na cabeça de Íris já no primeiro dia teria aprendido vários conteúdos diferentes, mas ela ainda não tinha percebido que as apresentações também lhe ensinavam algo.

Muitas perguntas permeiam as estudantes recém chegadas à universidade. Já no primeiro dia, foi criado um grupo de *WhatsApp* da turma – aplicativo de comunicação instantânea que funciona conectado à *internet*, geralmente utilizado em *smartphone* – para facilitar a comunicação, acesso a informações e materiais necessários. Uma lista em folha de caderno foi passada de pessoa a pessoa para que fossem colocados o nome, *e-mail* e telefone; grupo feito! Íris, com seu sorriso tímido, frio na barriga e curiosidade, foi ver a lista de participantes do grupo, especificamente os nomes e as fotos.

Hora do intervalo. Ela desce pela rampa sozinha, comendo seu biscoito e olhando as grandes filas nas cantinas. Pensava na sua amiga, em como queria passar pela experiência da universidade com ela, assim como foi o Ensino Médio. Poderia não estar perto fisicamente, mas o celular as mantinham juntas. Chega mensagem:

- Amiga, respira fundo e fala o q vier no seu coração. Todo mundo deve tá nervoso igualzinho vc rsrs.
- Oiii, fiz uma apresentação meio nada a ver, mas fiz, já foi kkkkk. Como tá aí?
- Tá muito legal! Teve trote!! To toda pintada e agora tenho tipo uma madrinha q é veterana q vai meio q acompanhar minha adaptação por aqui.
- Como assim madrinha? Como é isso? Manda foto sua pintada!!
- É assim, a gnt q chegou agora q tá no 1º período foi recebido pelas pessoas da turma de 5º período. Aí cada pessoa do 5º meio q apadrinha uma pessoa do 1º p ajudar a tirar dúvidas, a conhecer aqui a universidade e td mais, entendeu?
- Humm entendi, parece bem legal! Aqui a gnt se apresentou só e foi isso, nem sei quem são as pessoas dos outros períodos ainda.
- Aqui vai ter tipo um aulão temático p todo curso de tarde, como vai ser aí?
- Estarei em casaaaa kkkkkk. A aula acaba meio dia, dps só amanhã.
- Sortuda!! Cheguei na casa da minha tia ontem, né, mas sei lá, n me sinto em casa lá.
- Ué, vc n tinha falado q ela era legal?
- Ela é...qdo tá lá em casa ou eu na dela e dps cada uma vai p sua casa. Vou ver como vai ser morar com ela, mas é estranho, n me sinto à vontade p mexer nas coisas da cozinha nem da casa, me sinto meio intrusa. Sem contar q acho q vou ter atividade hj até umas 18h, acho q vai ser por aí o ritmo das aulas tbm.

- Nossa, n me imagino morando num lugar q n a minha casa... mas pensa q vc tá lá por um bom motivo, pela sua formação!

- É só o q eu penso msm...

Para a amiga de Íris, morar com parentes que costumava ver apenas em dias de feriado era um desafio. As coisas mais simples, como abrir a geladeira e pegar algo para comer, pode se tornar difícil quando uma pessoa não se sente em casa. Imagina quem mora com desconhecidos numa república com pessoas totalmente desconhecidas? Para Karen Graner e Ana Teresa Cerqueira (2019), esse novo arranjo de moradia é um fator de risco à saúde mental das estudantes; elas organizaram em seis categorias os fatores que estão associados ao sofrimento psíquico de estudantes do Ensino Superior:

Sociodemográficas – idade, sexo, arranjo de moradia, dados familiares, renda e religiosidade; Saúde – condições e percepções sobre a sua saúde, estilo de vida e histórico de tratamentos psicológico/ou psiquiátrico; Relacionais – percepção sobre relacionamentos sociais/apoio social; Acadêmicas – características do curso, percepções sobre o curso, ambiente educacional e desempenho acadêmico; Psicológicas – traços de personalidade, estratégias de *coping* e resiliência; e Sociais/Violência – discriminação e violência social (Graner & Cerqueira, 2019, p. 1329).

Ir para a universidade envolve um universo de coisas. A estudante não deixa de ser pessoa, não deixa de ter limites, nem de ter uma saúde para cuidar, uma família, laços sociais. tornar-se estudante é levar toda sua bagagem anterior, tudo que aconteceu até o ingresso na academia, e preparar a mala para experiências novas.

Íris volta para as últimas aulas do dia. Na sala os olhares se encontravam com tom de curiosidade, timidez e animação. Logo uma pessoa puxa assunto com outra e quem se tornava mais próxima era adicionada no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, como forma de estreitar laços, já que ser amiga presencialmente é ser amiga nas redes sociais. Como já havia um grupo de *WhatsApp* com todas as pessoas da turma, Íris voltou para lá e foi pegando o nome de uma por uma e colocando na pesquisa das redes sociais. Descobriu que algumas pessoas estudaram no mesmo colégio que ela, e que outras seguiam perfis que ela também seguia; foi olhando as fotos das pessoas e vendo onde elas costumavam ir e fazer. Enquanto ouvia mais uma rodada de apresentações para um professor diferente, foi aprimorando as informações obtidas da turma, principalmente pelo *Instagram*.

Fim das aulas, hora de pegar o ônibus e ir para casa. No caminho, a busca por saber da vida das pessoas da turma continuou. De repente, uma nova pessoa começou a seguir Íris nas redes sociais, era uma das estudantes da sua sala. Apesar de ter ficado surpresa, seguiu de volta.

Mais tarde, em casa, contou detalhadamente para sua mãe como foi o dia, ao mesmo tempo conversando pelo celular com a sua amiga. Era comum Íris fazer coisas no celular simultaneamente com outras atividades/interações. Entre duas conversas diferentes, ainda sobrava tempo para procurar vaga de emprego; ela queria começar a trabalhar para ajudar em casa, e para dar conta do seu material da faculdade.

Estudar em apenas um período possibilita a ideia de trabalhar, e essas duas atividades juntas reforçam o fato de estar se tornando adulta. Íris começou a entregar seu currículo em alguns estabelecimentos perto de casa; ainda no Ensino Médio ela se inscreveu para o Programa Jovem Aprendiz, mas infelizmente não chegou a ser chamada. Buscar um emprego sem ter experiência alguma lhe dava a sensação de que não conseguiria encontrar nada que a contratasse.

4.4 Pandemia de Covid-19

Os dias foram se passando, as aulas foram acontecendo, a turma se entrosando. Algumas notícias começaram a passar com mais frequência nos telejornais sobre uma pneumonia, que começou em dezembro de 2019, na China, mas logo foi contaminando pessoas de outros países e continentes. Não se tratava de uma pneumonia “comum”, mas sim de uma nova cepa/tipo de coronavírus que ainda não havia sido identificado em seres humanos.

Íris ouviu sobre o assunto da tal doença em uma de suas aulas. Algumas pessoas sequer sabiam o que estava acontecendo, outras achavam que não era nada demais. Uma professora chegou com a notícia de que havia sido confirmado o primeiro caso do coronavírus aqui no Brasil, no estado de São Paulo; ela mandou para o grupo de *WhatsApp* da turma uma reportagem sobre o assunto:

Figura 25.

Notícia sobre a pandemia do coronavírus.

Descrição da imagem: Quadro em moldura preta com fundo branco. Na parte superior do quadro, uma barra com a bandeira do Brasil e escrito “Acesso à informação” ao lado. Abaixo, uma barra azul escuro escrito “UNA-SUS” com outra barra azul claro escrito “Institucional” e “Una-Sus em números”. Abaixo dessa barra, uma aba escrita “Geral” no lado esquerdo da imagem, abaixo da qual se vê a manchete em azul: “Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso

da doença” acompanhada da informação em letras cinzas menores: “Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de coronavírus em São Paulo. O homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, com histórico de viagem para Itália”. Abaixo, a data da notícia: quinta-feira, 27 de fevereiro de 2020 às 11:26. Pode-se também ler o início da notícia: O Ministério da Saúde confirmou, nesta quarta-feira (26/2), o primeiro caso de novo coronavírus em São Paulo. O homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, nesta terça-feira (25/2), com histórico de viagem para Itália, região da Lombardia. O Ministério da Saúde, em conjunto com as secretarias estadual e municipal de São Paulo, investigava o caso desde então. A SES/SP e SMS/SP estão realizando a identificação dos contatos no domicílio, hospital e voo, com apoio da Anvisa junto à companhia aérea”.



Foram, devagar, entendendo a gravidade do que estava acontecendo, enquanto o contágio do coronavírus corria o mundo. Na primeira semana de março de 2020, ao chegar na universidade, Íris, sua amiga e todo o Brasil tiveram a notícia de que se entraria em quarentena. A expectativa inicial era de que passariam uns dias ou semanas em casa para evitar que as pessoas se contaminassem com a doença. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que se tratava de uma pandemia, a então conhecida Pandemia de Covid-19. A disseminação da Covid-19 foi tão rápida quanto uma busca na *internet*.

De um dia para o outro, o uso de máscaras e álcool 70% virou prioridade para as pessoas. O isolamento social por tempo indeterminado demandou que empresas e universidades se moldassem à realidade. Foi o começo das aulas na modalidade remota, e assim se iniciou uma vida quase que totalmente *online*. Numa mesma casa agora havia a casa, o trabalho, a escola, e o que mais a criatividade/necessidade pudesse permitir. No começo, muitas casas se tornaram

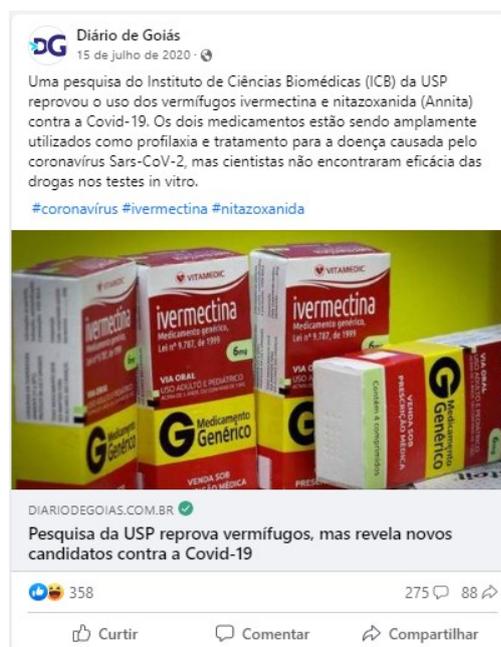
academia, passeio, reinvenções das mais diversas. Mas com o passar do tempo, para ser mais específica, depois de um ano, as casas se tornaram sinônimo de esgotamento, cansaço e angústia. O lar se tornou mais uma fonte de ansiedade. Pessoas dividindo o mesmo aparelho, seja ele computador ou celular, a *internet* que não aguentava tantas conexões e caía de tempos em tempos. Se a conexão da *internet* passou a cair mais, imagina a conexão entre as pessoas...

O aumento do número de internações e mortes assustava cada vez mais a população. Internações que não permitiam visitas e velórios que não permitiam despedida entre as pessoas. Foi uma fase mundialmente difícil! Brigávamos contra Covid-19 e as *fake news*, tivemos que lidar com mentiras que eram disseminadas rapidamente *online* - conhecidas como *fake news* - para nos mantermos vivos. Como se não bastasse o cenário caótico por conta do vírus, o Brasil tinha um presidente que, dentre muitas atrocidades fascistas, disseminava informações falsas sobre como prevenir ou até mesmo tratar a infecção por Covid-19. O que acelerou a proliferação dessas notícias foi a *internet*, principalmente via redes sociais e conversas pelo *WhatsApp*.

Figura 26.

Notícia sobre o uso de vermífugos contra a Covid-19.

Descrição da imagem: Quadro em fundo branco de uma notícia do Diário de Goiás de 15 de julho de 2020 compartilhada pelo Facebook. No texto da postagem: “Uma pesquisa do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da USP reprovou o uso dos vermífugos ivermectina e nitazoxanida (Annita) contra a Covid-19. Os dois medicamentos estão sendo amplamente utilizados como profilaxia e tratamento para a doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2, mas cientistas não encontraram eficácia das drogas nos testes *in vitro*. #coronavírus #ivermectina #nitazoxanida”. Abaixo do texto, uma imagem de caixas de ivermectina que tem a cor vermelha e uma tarja amarela que indica que é o medicamento genérico e a chamada do link para a notícia completa: “Pesquisa da USP reprova vermífugos, mas releva novos candidatos contra a Covid-19. A postagem tem 358 curtidas, 275 comentários e 88 compartilhamentos.



Assim foi com a notícia de que a ivermectina, medicamento utilizado contra alguns vermes e parasitas, poderia prevenir a contaminação ou até mesmo tratar pessoas com covid. Quais as consequências desta *fake news*? Muitas e muitas mortes. A mãe de Íris chegou a ouvir de uma vizinha que tinha tomado ivermectina para não pegar covid. Íris ficou revoltada e preocupada com a notícia, pois sabia a gravidade do que se passava.

O mundo todo precisou se ajustar à realidade de conviver com o tal vírus, mas como a vida não tem botão de pausa, fomos inseridas no fluxo sem nem entendermos bem onde e como estávamos, só no “segue o fluxo” mesmo... As aulas de Íris - e de todas as universitárias do país e do mundo - foram interrompidas por alguns meses, retornando na modalidade de ensino remoto emergencial (ERE), ou seja, *online*, como explicaram Remi Castioni, Adriana, Almeida Sales de Melob, Paulo Meyer Nascimento e Daniela Lima Ramos (*In Memoriam*) (Castioni et al., 2021). “Como vou assistir aulas e fazer trabalhos e provas com a *internet* do celular?” - perguntou-se Íris, olhando para o seu smartphone já antigo, com a tela rachada e com a bateria que acabava tão rápido que tinha que colocar para recarregar de duas a três vezes por dia. Preocupada com as aulas? Sim! Mas também havia preocupação em ter que fazer a *internet* durar o mês inteiro para continuar se comunicando, principalmente com a sua amiga, e acompanhar as notícias e as pessoas que seguia.

Precisou aprender a mexer em plataformas digitais novas, o que para quem só usava redes sociais acabou sendo difícil. No começo, as aulas eram novidade, já que se passaram meses sem ter nenhuma atividade com outras pessoas. Ter aula em casa foi estranho. Apesar do tempo das aulas ter sido reduzido, fazia bem ver e ouvir outras pessoas, ainda que bem pequenininhas nas janelas que apareciam na tela rachada do celular. Não muito tempo depois,

assistir aula não era a única coisa que Íris fazia, pois já que estava em casa, podia, simultaneamente, preparar algo para comer, lavar a louça, assistir tv ou simplesmente ficar deitada na cama (ao invés de sentada como ficaria em sala de aula presencial). E a qualidade de presença nas aulas? Foi embora junto com a animação de estar no ES.

As aulas viraram quase que um detalhe para Íris, pois já não fazia apenas assistir aula, muito pelo contrário, cada vez mais arrumava coisas para fazer dentro de casa enquanto suas professoras falavam. A ansiedade começou a aparecer em meio a pensamentos de “não estou aprendendo nada”, “não vou conseguir me formar assim”, “que profissional eu vou ser estudando desse jeito?”, mas quanto mais pensava, mais coisas pegava para fazer, de lavar o quintal a ir no mercado. Ainda tinha o medo de apertar o botão do microfone sem querer e ser ouvida pela turma.

Figura 27.

Meme do Facebook sobre o Ensino Remoto.

Descrição da imagem: Quadro em moldura preta e fundo branco, postagem do perfil Vestibular da Depressão de 5 de outubro de 2021. Observa-se o texto: “Eu fico é nervoso com isso, de vez em quando sempre erro os botões! kkkk” com emojis chorando de rir. Abaixo, a postagem que tem o texto “o maior medo do estudante que faz o EAD (ensino à distância) é errar um desses botões”, e abaixo um retângulo de fundo preto no qual aparecem três botões de chamada de vídeo: no lado esquerdo, o botão que liga e desliga o microfone, no meio o botão de desligar a chamada e do lado direito o botão que liga e desliga a câmera.



Vira e mexe alguém abria o microfone sem querer e estava conversando com outra pessoa, assistindo filme, por exemplo. Isso quando uma pessoa era chamada pelo nome para

falar ou responder algo e não respondia, como se nem estivesse ali (ou será que teria dormido?). Foi uma fase exaustiva para todas.

“Não aguento mais a pandemia de Covid-19. Não aguento mais isolamento. Não aguento mais notícias de tantas pessoas morrendo todos os dias. Não aguento mais tudo pelo *notebook* e pelo celular. Não aguento mais telas. Não aguento mais assistir aulas de pijama, com a câmera fechada, sem conseguir aprender nada direito. Não aguento mais o medo de morrer quando sinto dor de garganta, tosse, febre (mesmo sem ser covid). Não aguento mais o medo de perder a minha mãe para a covid, pois ela precisa sair para trabalhar no meio dessa loucura que estamos vivendo. Não aguento mais. Não aguentamos mais. Ninguém aguenta mais.” – sussurrou Íris sentada no sofá de sua casa, sozinha, com a televisão ligada enquanto mais notícias de mortes passavam, enquanto sua mãe estava na rua, pegando ônibus, em contato com pessoas por necessitar de dinheiro para dar conta do sustento delas duas.

Mais um dia cansada de sentir tantos medos. Mais um dia de aula pela tela, com interferências por causa da *internet* que oscila quando chove. Tanto tempo sem ver pessoas presencialmente, se bem que *online* também não se vê muito, já que é comum as câmeras fechadas durante as aulas. Saudade do ônibus cheio de gente sem medo de ficar doente, das salas de aula, das filas do mercado, das cadeiras e da pipoca do cinema, do ir e vir pelas ruas. Saudade de poder respirar sem máscara, de poder sorrir e ver o sorriso das outras pessoas, de poder abraçar sem ter que tomar um banho de álcool 70 depois.

Íris utilizava a *internet* 3G do celular, aquela que se contrata direto com a operadora de telefonia móvel. Não era a melhor opção, visto que o sinal caía muito, comprometendo o acompanhamento das aulas síncronas e o estudo no geral. Não era possível contratar um serviço de melhor qualidade naquele momento por falta de recursos financeiros. Essa fase pandêmica trouxe novas barreiras de acesso aos estudos: a conexão via *internet*, a falta de aparelhos que suportassem baixar tantos materiais e, ainda, a habilidade de manuseio dessas ferramentas. Esse problema levou o MEC a criar o projeto Alunos Conectados, que:

Fornecer e monitorar pacotes de dados em Serviço Móvel Pessoal (SMP) para alunos em condição de vulnerabilidade socioeconômica das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) e Colégio Pedro II, para o desenvolvimento de suas atividades acadêmicas no contexto da pandemia da Covid-19 (Ministério da Educação [MEC], 2020).

Figura 28.*Notícia sobre o projeto Alunos Conectados*

Descrição da imagem: Imagem em fundo branco, com barra na parte superior com a logo gov.br composta pelas cores azul, amarelo e verde. Ao lado da logo, as opções “Órgãos do Governo”, “Acesso à informação”, “Legislação”, “Acessibilidade” e “Entrar com o gov.br”. Abaixo, a indicação de que a notícia é do Ministério da Educação e a manchete: “Quase 30 mil estudantes de instituições federais de ensino recebem chips do projeto Alunos Conectados do MEC” com a informação abaixo: “Iniciativa visa garantir que alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica deem continuidade aos seus estudos durante a pandemia”. Notícia publicada em 22/10/2020 às 15:05 e atualizada no dia 28/10/2020 às 11:09.



Para Íris, o projeto não fez diferença, pois contemplava apenas estudantes de instituições públicas. “Como ter uma *internet* melhor sem pagar?” - perguntou-se Íris. Lembrou que, quando ia para a casa de sua melhor amiga, a Ray (Rayanne) a *internet* era ótima. Conversou com sua mãe, sua amiga e a família dela, assim decidiram que Íris poderia ir para lá assistir às aulas síncronas, fazer download de todo material e teve a possibilidade de também imprimir o que quisesse lá. A condição foi que a máscara fosse usada todo tempo.

Ah, mas era tudo que Íris e Ray precisavam! Estudar juntas em casa, poder conversar pessoalmente, olhar uma para a outra e amenizar aquela sensação horrível de solidão, silêncio e tédio. Óbvio que nos primeiros dias o tempo de aulas/estudo foi compartilhado com muitas conversas e brincadeiras simultâneas. Não podiam se abraçar, porém conseguiam fazer piada e se divertir com o toque de cotovelos - foi assim que as pessoas passaram a se cumprimentar, com a ponta do cotovelo de uma pessoa tocando a ponta do cotovelo da outra pessoa.

O ano de 2020 inteiro e o primeiro semestre de 2021 foram assim, um ano e meio que pareceu uma eternidade, com as atividades acadêmicas acontecendo pelas telas conectadas à *internet*. Uma eternidade entediante que refletia o privilégio daquelas que tinham os recursos necessários para estudar *online*, e que não precisaram abrir mão dos estudos para cuidar e

sustentar a família, visto que foi um período de muitas dificuldades relacionadas aos empregos de tantas pessoas. A pandemia não acabou em 2021, mas, graças à ciência, tivemos vacinas! Assim, voltamos às atividades presenciais com todo cuidado (ainda com máscaras e álcool em gel).

4.5 De volta ao presencial

Lá estava Íris numa praia paradisíaca num dia ensolarado, deitada numa espreguiçadeira, tomando água de coco enquanto olhava e ouvia o mar à sua frente, sentia a brisa com cheiro de mar em seu rosto, a areia fina em seus pés, a paz em seu coração e celular na mão; *stories* perfeitos, fotos lindas para o *feed*. Foto do coco para *story*. Foto dos pés na areia com o mar ao fundo para o *feed*. De repente, ainda de longe ela ouvia um som diferente: PI-PI-PI-PI, PI-PI-PI-PI, PI-PI-PI-PI, PI-PI-PI-PI!! Era o despertador do celular avisando que já era hora de acordar, às 6h da manhã. Aquele paraíso todo era um sonho. Ainda na cama, meio sonolenta, Íris já desliga o despertador abrindo o aplicativo do *Facebook*, vai rolando o *feed* sem prestar tanta atenção em nada, olha alguns *stories* e logo (vinte minutos depois) fecha o aplicativo e abre o do *Instagram*. Vai levantando correndo para o banheiro, apertada para fazer xixi, rolando o *feed* do *Instagram*, curtindo algumas fotos olhando *stories*; na sequência, manda mensagem para sua amiga Fernanda:

- Chegou o diaaaaa... Vamos voltar a ser universitárias de verdade!! Presencialmente!!
- Bom dia!!! Simmm, chega de aula *online*! Tanto tempo sem sair q nem sei mais o q vestir kkkkkkk
- Nem eu, to me inspirando numa blogueira q to acompanhando
- To com pouca internet, mais tarde a gnt se fala e vou querer saber td do seu dia! Boa volta às aulas!
- Pode dxar, tbm vou querer saber do seu. Bjoo.

Coloca uma música para tocar no celular e vai tomar banho. Já sai do banho animada. Vira e revira o guarda-roupa, a hora está correndo e o ônibus vai passar às 7 horas e 10 minutos, ou seja, daqui a 15 minutos! Corre! Mas calma, dá tempo de tirar uma foto da manhã de hoje vista da janela do quarto, céu azul com poucas nuvens, sol reluzente, alguns postes e fios no meio, um pouco do muro e do telhado da casa do vizinho e, claro, seu lindo coqueiro; foto já tirada pelo aplicativo do *Instagram*, coloca um filtro para realçar a beleza, digita “De volta ao

presencial!” e posta no *story* do *Instagram* que publica ao mesmo tempo no *story* do *Facebook*. Veste-se de acordo com as inspirações que viu nas redes sociais, pega a mochila e já coloca nela o livro que está lendo, fone no ouvido, celular no bolso, dinheiro da passagem no outro bolso. “Será que estou esquecendo alguma coisa? Ih nem deu tempo de tomar café...vou levar um biscoito para ir comendo no caminho.”

- Tchau, mãe! Bom dia, até mais tarde – falou Íris.

- Tchau, filha. Se cuida e boa aula...está levando máscara e álcool? – respondeu sua mãe.

- Sim!

Íris anda rápido para o ponto de ônibus, onde já chega perto da hora da condução passar. Ponto cheio de estudantes e trabalhadoras, algumas uniformizadas e outras não, algumas poucas se reconhecem e até se cumprimentam, mesmo de máscara. Há outra coisa em comum entre essas pessoas, além de estar aguardando o transporte público: todas, de instantes em instantes, estão com o celular na mão. Aqueles minutos de espera logo se tornam minutos para uma passada de olho no celular. Ali era só uma passada mesmo, havia a preocupação de ficar com o celular na mão pela rua e se expor ao risco de sobre um assalto; nem todas se importavam com essa preocupação, mas a maioria logo guardava o aparelho no bolso/bolsa/mochila. Em poucos minutos, ali no ponto, Íris reagiu com “coração” a três *stories* de “bom dia”, respondeu quatro *stories* de enquetes, curtiu cinco fotos no *feed* do *Instagram* e quatro no *Facebook*, salvou dois *posts* e chegou o ônibus! Bloqueia o celular, coloca no bolso, pega o dinheiro, entra e paga a passagem, vai olhando para as pessoas – a maioria com o celular na mão, olhando fixamente para a tela, algumas com fone no ouvido, – lá no fundo ainda tem lugar vazio para sentar. Íris se senta e logo pega o celular, volta para as redes sociais, com a música tocando nos fones em seus ouvidos. Tantas pessoas compartilhando um mesmo ônibus e, ao mesmo tempo, navegando em mundos completamente diferentes, graças a um pequeno aparelho – o celular.

Íris tinha um percurso que duraria em média 1 hora até chegar na universidade; só teria aula às 10 horas, mas ela queria chegar cedo, aproveitar o espaço da universidade. Nessa 1 hora dentro do ônibus, muita coisa acontecia! Mas o que estava evidente era a alegria de poder sair de casa, de ter aula presencialmente de novo!

Figura 29.

Meme sobre ter aulas presenciais.

Descrição da imagem: Quadro em moldura preta com fundo branco e postagem no Facebook do perfil Estácio da Depressão. Nela, aparece o texto “Nossa, tô com saudades das aulas presenciais” e abaixo “Eu no primeiro dia de aula após a pandemia” que se segue por uma

imagem da Jojo Toddynho, que é uma mulher negra, falando: “Preciso de férias”. A postagem dem 2,6 mil curtidas e 298 comentários.



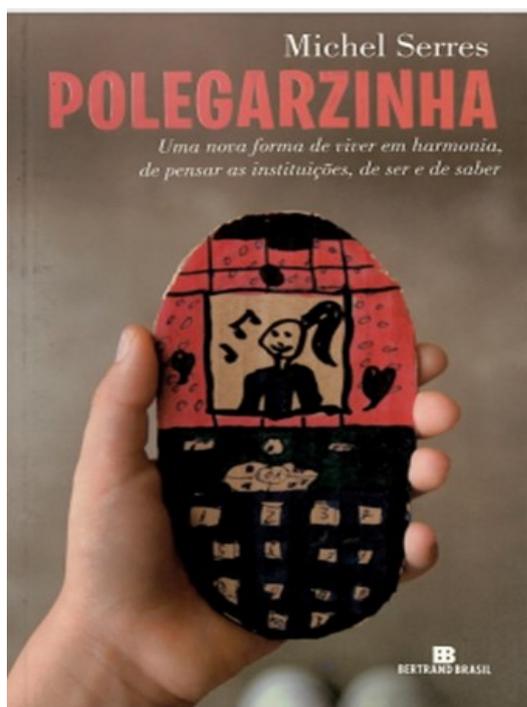
Ao longo do trajeto, dá uma boa verificada no *Face* e no *Insta*, olha quem visualizou seu *story* de mais cedo, mas nem só de redes sociais vivia Íris; ela era curiosa, gostava de ler e pesquisar coisas que vinham à sua cabeça. Passado um tempo no ônibus com os olhos quase sem piscar na tela, guardou o celular e pegou o livro que havia colocado em sua mochila. *Polegarzinha*, do autor Michel Serres. Sempre que ela pega esse livro, passa um instante olhando para a capa e rememorando o quanto seu desenho a intrigou e interessou; livro de capa marrom acinzentado ao fundo e em tom algo embaçado, no foco centralizado uma mão segurando um celular de papelão, com os botões desenhados de caneta, a tela feita de canetinha, com o que pode-se dizer ser a imagem de uma pessoa de cabelos compridos e amarrados no estilo “rabo de cavalo”, com duas notas musicais do lado do seu rosto que sorri, dos lados esquerdo e direito da tela existem dois corações (um de cada lado), e acima dela a bolinha que representa o alto falante.

Figura 30.

Capa do livro Polegarzinha.

Descrição da imagem: Na imagem, um livro no qual a capa apresenta fundo acinzentado, e em primeiro plano, uma mão segura uma pedra com desenhos que imitam um celular. Na pedra, os desenhos observados são as teclas do celular, um botão central e uma tela com uma boneca de cabelos presos e um símbolo musical. Na parte superior da capa, se observa o nome do autor

Michel Serres em fonte branca e o título do livro Polegarzinha em letras vermelhas. Abaixo do título, a frase: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber.



Quando Íris bateu o olho na capa de novo ficou impactada, pois quando ela era criança, brincava muito com papelão e desenhos, mas não com celular; e agora, na fase de jovem adulta recém saída da adolescência, não sai do celular. Chama sua atenção que costuma ver crianças cada vez mais novas, frequentemente, com um celular na mão assistindo algum vídeo, jogando ou até mesmo se comunicando com outras pessoas. Esse chamar atenção envolve uma mistura de preocupação com admiração. Ela pensa nisso por achar que a mão na capa do livro é de uma criança. Por mais que haja um fascínio pelo ciberespaço, principalmente pelas redes sociais, há também, em Íris, um encanto por livros, pelo cheiro das páginas ao folhear, pelo toque das suas mãos no livro que aperta e afrouxa de acordo com o trecho lido. Claro que esse encanto todo faz com que seja irresistível tirar uma fotinho e colocar no *story* com a legenda “Nunca me vi tão feliz dentro do ônibus hahahahaha #leituraemdia”. Volta para a leitura e é momento de se demorar nas palavras ali impressas:

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias

informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados.

Não têm mais a mesma cabeça.

Por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber: circulam, então, por um espaço topológico de aproximações, enquanto nós vivíamos em um espaço métrico, referido por distâncias.

Não habitam mais o mesmo espaço.

(Michel Serres – Polegarzinha, p. 19)

A cabeça de Íris borbulhava de ideias, perguntas e reflexões: “Será que as crianças de hoje em dia não brincam tanto quanto as crianças de antigamente? Lembro de brincar na rua de pique-esconde, pique-pega, futebol com as outras crianças presencialmente; pergunta-se como as crianças brincaram do começo de 2020 para cá, em isolamento social. O que está mudando nas pessoas com a pandemia? Como e o quanto estamos utilizando a *internet*, as redes sociais, o celular?”

Hora de descer do ônibus e andar até a faculdade. Empolgada, andava rápido querendo chegar logo e ver pessoas! Quando chegou e viu um monte de gente, diminuiu a velocidade dos passos, parou num canto; olhou em volta e tinha quem usasse a máscara da forma correta, mas tinha gente sem máscara, com máscara no queixo e até na mão. Sentiu seu coração muito acelerado, dificuldade de respirar e um pouco de tontura. Sentiu medo, mas nem sabia ao certo de que ou quem. A vontade era de voltar para casa correndo, contudo não sabia o que fazer, além de sentir aquela sensação estranha, como se fosse desmaiar ou cair morta naquele chão. Isso não aconteceu no ônibus; ela nem lembrava se o ônibus estava cheio ou vazio, nem se as pessoas estavam com ou sem máscara. De repente, percebeu que ouvia as vozes das pessoas de um jeito estranho, como se todas tivessem gritando a ponto de fazer doer seus ouvidos. Seus olhos começaram a marejar, até que alguém chega e pergunta:

- Oi! Você sabe onde fica a sala 205?

Íris olha, mas não entende a pergunta e fica parada, olhando para aquela pessoa desconhecida na sua frente que insiste, dessa vez colocando a mão no ombro de Íris enquanto pergunta:

- Oi?! Você está bem?
- Estou, estou - respiração ofegante e continuou - na verdade não sei.
- Quer água? - perguntou já tirando sua garrafa da mochila.
- Tenho minha garrafa aqui - respondeu Íris, pensando que a garrafa daquela pessoa estaria cheia de covid-19.

Bebeu água olhando em volta meio assustada, e voltou atenção para quem estava ali do seu lado ao ouvir:

- Meu nome é Vivian, se você quiser a gente pode ir ali para fora, pois está mais vazio lá. Vamos?!
- Vamos sim.
- Qual é o seu nome?
- Íris.
- A gente pode ficar lá o tempo que você quiser, tá?
- Tá.

Íris e Vivian acharam um banco vazio numa parte mais distante da área externa da faculdade. Sentaram-se lá, cada uma numa ponta do banco, em silêncio. Vivian não sabia mais o que falar e Íris não fazia ideia do que estava acontecendo, mas se sentiu um pouco melhor por ter alguém por perto, mesmo que esse alguém fosse uma completa desconhecida até então. Depois de uns dez minutos, Íris começa a se sentir melhor e pergunta de novo o nome da Vivian, visto que havia esquecido.

- Você estuda aqui há muito tempo? - perguntou Vivian.
- Sim e não, ingressei em 2020, mas tive menos de duas semanas de aula presencial, aí veio a pandemia... Mal conheço a minha turma pelo grupo do Whatsapp e as aulas *online*. Tem gente que acho que nunca vi pessoalmente.
- Poxa, complicado mesmo, eu estou no último período, surtando com monografia e algumas poucas matérias. Posso fazer uma pergunta?
- Claro.
- O que você estava sentindo naquela hora que te encontrei lá na entrada?
- Eu não sei explicar, do nada veio um medo absurdo, fiquei ofegante, com o coração que parecia que eu ia infartar e morrer...foi horrível!
- E você já sentiu isso antes?
- Não, foi a primeira vez.
- Olha, não sou especialista nem nada, mas já senti coisas assim muitas vezes e depois de um tempão entendi que eram crises de pânico. Hoje eu faço psicoterapia, tenho uma psiquiatra que me acompanha também.
- Pronto, eu fiquei doida de vez... - pensou em voz alta.
- Ter crises de pânico ou ansiedade não é estar doida!
- Ai, desculpa, eu não falei por mal...
- De boa. Qual a sua sala?

- 205, e a sua?
- (risos) você nem ouviu o que eu perguntei quando te encontrei, né?
- Não...o que perguntou?
- Perguntei se você sabia onde ficava a sala 205 (risos).
- Caramba! A gente é da mesma sala, que legal! Mas espera aí, você não está no último período?
- Estou, mas reprovei essa matéria na primeira vez que fiz e deixei para fazer de novo agora.
- Hummm...ela é muito difícil?
- Não sei te responder, na época que a fiz pela primeira vez, eu estava mal da saúde mental, mas nem sabia, achava que eu era fraca e não conseguia dar conta de nada, me culpei e sofri muito até descobrir que eu precisava de ajuda profissional, mas isso eu te conto depois. Você está bem para ir para sala?
- Acho que sim.
- Então bora.

Foi um alívio para Íris ir para sala com Vivian. Assistiram a aula e no intervalo Vivian falou para Íris:

- Vamos ali que eu quero te mostrar uma coisa!
- Vamos... - respondeu com certo receio.
- E aí, a aula foi tranquila para você? Ficou quietinha o tempo todo.
- Fiquei pensando no que senti mais cedo, no que você falou.
- Isso tem a ver com para onde estamos indo!
- Como assim?
- Você vai ver, calma... Confia. (risos)

Foram até o último andar da faculdade, numa sala que ficava no final do corredor. Vivian chegou cumprimentando as pessoas e foi logo apresentando Íris:

- Fala, pessoal! Nossa, como é bom ver vocês aqui! Trouxe uma pessoa para conhecer o nosso projeto. Íris, essas são Alexandra, Loíse, Lorena e Danielle. Gente, essa que veio comigo é Íris, estamos fazendo juntas aquela matéria que eu reprovei.
 - Oi, Íris, seja bem-vinda! - disse Danielle.
 - E aí, Íris, tudo bem? - disse Alexandra.
 - Oi! Senta aqui com a gente - disse Loíse.
- Lorena acenou com a mão, pois estava numa ligação no celular.
- Oi, gente. - respondeu Íris toda tímida.

- Bom, agora você está conhecendo as fundadoras do projeto *Mindfulness*⁴ para universitárias! A professora Monique nos orienta. Esse projeto começou há quatro anos, foi a época que fui diagnosticada com síndrome do pânico. Eu faltei muitas aulas e acabei reprovando na matéria que estamos fazendo agora.
- Nossa - respondeu Íris.
- A Vivian nunca tinha se dado conta que tinha uma saúde mental para cuidar, ela achava que era de ferro, sabe? - disse Alexandra.
- Nesse mesmo período, eu tive problemas com depressão e ansiedade, e quando nos demos conta que tinha tanta gente adoecendo, percebemos que a saúde mental de todo mundo estava indo para o ralo. - disse Danielle.
- Cheguei com o bonde andando, mas ouvi tudo. Bem-vinda, Íris. Isso tudo que você ouviu foi o começo do nosso projeto. A gente estava sofrendo e precisava de algo para ajudar no nosso autocuidado. A profa Monique é especialista em *Mindfulness*, aí conversamos com ela do que estava acontecendo com a gente, e a nossa proposta inicial era aprender para a gente conseguir se cuidar melhor, sabe?! - Disse Lorena.
- Mas aí o que era para ser uma ajuda meio que isolada, viralizou e todo mundo queria aprender também - disse Vivian.
- E assim nasceu esse projeto de extensão. Não só as alunas aqui da faculdade podem participar, mas qualquer pessoa que tenha vontade. Temos recebido muita gente aqui do bairro, de escolas de ensino médio, principalmente de estudantes que estão se preparando para entrar na faculdade - disse Loíse.
- Coitadas, já sabem que vão entrar para sofrer - disse Íris.

Ficou um silêncio na sala e Íris pensou “falei o que não devia! Por que eu falei isso?”.

Vivian puxou uma risada, tentando levar o comentário como piada e as demais embarcaram.

- Está confirmado o retorno do projeto hoje de 14h? - perguntou Vivian.
- Está sim, tudo certo! - respondeu Danielle - vem conhecer, Íris!
- Não sei se hoje vai dar, mas vou ver - respondeu Íris, sem fazer ideia do que era *Mindfulness*.

Vivian e Íris foram para a área externa. No caminho, pelas rampas e corredores, Vivian falava com muitas pessoas que passavam. Até que encontraram a Patrícia, aquela jovem que conheceu Íris no primeiro dia de aula da faculdade, da sala 203.

- Oi, Patrícia! Tudo bem?

⁴ *Mindfulness* é atenção plena e diz respeito à capacidade de concentração no exato momento presente (Conexão PUC-Minas, 2022)

- Oi, Íris, estou bem e você?
- Bem também. Essa é a Vivian.
- Eu já conheço! Vivian, estou muito animada para participar do *Mindfulness* presencialmente hoje! - disse Patrícia.
- Ahh, eu também! Depois de tanto tempo *online*... estou ansiosa para ver o pessoal que começou *online*.
- Como vocês se conheceram? - perguntou Íris.
- Eu conheci a Vivian no projeto *Mindfulness* durante a pandemia. Olha, me ajudou a não surtar nessa fase - desabafou Patrícia.
- E como você ficou sabendo do projeto? Porque eu só estou sabendo dele hoje - Íris.
- Eu comecei a fazer psicoterapia no SPA aqui da facul, aí lá eles me indicaram - Patrícia.
- O que é SPA? - Íris.
- É o Serviço de Psicologia Aplicada. Lá as estudantes dos últimos dois anos do curso de psicologia atendem por um valor simbólico, esse é o estágio profissional delas - explicou Patrícia.
- E é uma grande vantagem para a universidade e para a cidade em si, porque fazer psicoterapia é meio caro, sabe?! Aí lá no SPA as pessoas que não têm grana para pagar conseguem fazer. Se vier encaminhada do CRAS, que é o Serviço de Referência de Assistência Social, dependendo do caso, nem precisa pagar - complementou Vivian.
- Nossa, que legal! Mais uma coisa que estou descobrindo hoje (risos) - Íris.
- Eu tenho que ir que a fila da cantina está enorme e daqui a pouco o intervalo acaba. Te vejo mais tarde, Vivian! Você vai, né, Íris? - Patrícia.
- Até mais! - Vivian
- Ainda não sei, talvez eu vá - Íris.

Sabe uma curiosidade? Até aquele momento Íris não tinha falado com Ray por nenhuma rede social. O novo primeiro dia de aula presencial foi bem diferente do esperado. Será que ter ficado muito tempo sem ter contato presencial com as pessoas mexeu com Íris? A volta às aulas presenciais no terceiro período lhe fez sentir diferente; havia ainda o grande medo de ser contaminada pela covid-19, além do medo de não ter aprendido nada direito na modalidade remota e agora ter que aprender tudo de uma vez para seguir os estudos. O ânimo que Íris sentia inicialmente, foi se diluindo em seus medos, refletindo em sintomas em seu corpo. No retorno do intervalo, sentiu dor de cabeça, o que a deixou um tanto quanto dispersa na explicação da professora ao longo da aula. Por vezes, olhava em volta e achava que não tinha porque estar ali, não se sentia pronta, nem capaz. Vivian percebia que Íris estava pensativa e sem prestar muita

atenção na aula, e acabava, Vivian, prestando mais atenção na nova possível amiga do que na aula também.

Íris conversava consigo mesmo em seus pensamentos, perguntava-se por que passou mal daquele jeito pela manhã. Não encontrava respostas, mas sim pistas de que algo vinha sendo sinalizado há mais tempo; ao longo da fase dos estudos em casa, passou a ter dores de cabeça com certa frequência. Excesso de telas? Era uma possibilidade. O sono passou a demorar para chegar e, quando chegava, era leve ao ponto de acordar por qualquer coisa. A vontade de ir passar o dia na casa da amiga foi acabando, até que nem ia mais. Nada tinha acontecido de errado entre elas, só não havia mais vontade de encontrar e conversar mesmo. Em meio ao isolamento por conta da covid-19, Íris se isolou de outra forma, talvez até dela mesma. Mas só conseguiu se dar conta disso quando voltou para o modo presencial das aulas.

perceber-se mal em casa, fazendo sempre a mesma coisa, não deixava explícito que algo não estava bem. Ela sentia uma tristeza forte e sem motivos objetivos, mas achava que era pela pandemia, afinal de contas, todas estavam mal por estar em casa. Nem navegar nas redes sociais tinha mais graça, mesmo assim passar o dedo na tela para fazer correr o *feed* parecia ter se tornado um hábito, quem sabe até uma fuga ou um vício. sentindo-se mal para copiar a matéria no caderno, Íris tirou foto do quadro com esperança de transcrever mais tarde. Até cogitou a ideia de colocar o celular para gravar a aula, tudo que era falado, mas preferiu não fazer. Depois da aula, Íris decidiu ir logo para casa, não queria ver nem falar com ninguém. Só queria ir para a sua cama e ouvir o silêncio do seu quarto.

- E aí, vamos lá fazer *Mindfulness*? - Vivian
- Hoje não, talvez outro dia... - Íris
- Tá bom. A gente se vê. - Vivian
- Tchau! - Íris

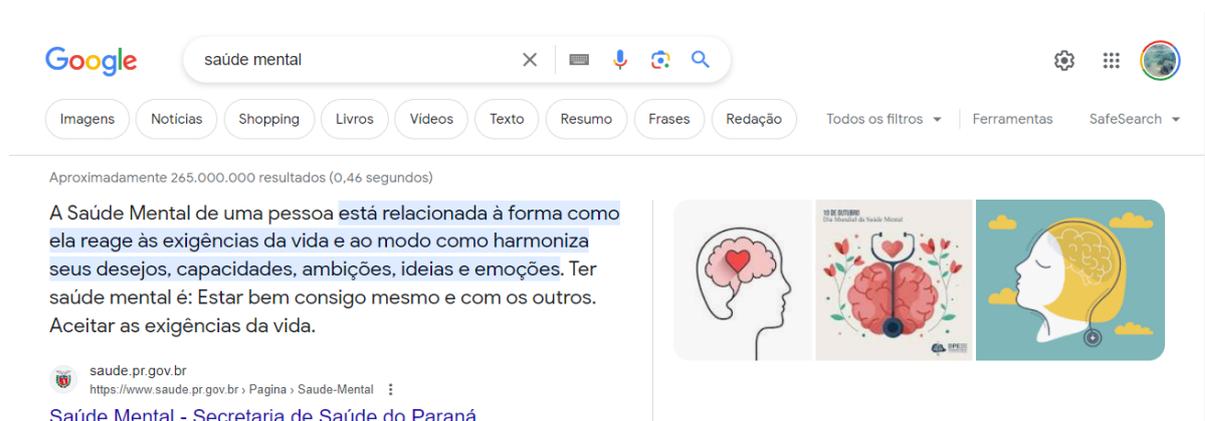
Voltou para casa ouvindo música pelos fones, tentou ler um pouco do seu livro, mas não conseguiu. Foi a viagem toda olhando pela janela e se perguntando o que estava acontecendo consigo, se era algo sério ou não. Quem mais poderia ajudar nessa hora senão o Google?! Colocou para pesquisar “saúde mental” e encontrou:

Figura 31.

Pesquisa no Google sobre saúde mental.

Descrição da imagem: A imagem em fundo branco mostra a busca no Google pelo termo “saúde mental”. Na parte superior, pode-se ver a barra de pesquisa com o termo ao lado do logo da *Google* nas cores azul, vermelho, amarelo e verde. Abaixo, a informação de que são

aproximadamente 265.000.000 de resultados. No lado esquerdo do resultado da busca, observa-se a descrição: “A saúde mental de uma pessoa está relacionada à forma como ela reage às exigências da vida e ao modo como harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções. Ter saúde mental é: Estar bem consigo mesmo e com os outros. Aceitar as exigências da vida.” Do lado direito da busca, aparecem três imagens: A primeira tem fundo branco mostra o contorno em linhas do rosto de uma pessoa de perfil com o desenho de um cérebro com um coração no seu centro; a segunda imagem tem fundo cinza mostra um cérebro rodeado com flores vermelhas com folhagens, e a terceira imagem tem fundo azul e mostra um desenho de uma pessoa de perfil na qual a pessoa está pintada de branco e o que parece ser seu cabelo está pintado de amarelo. No interior do cabelo pode-se ver o cérebro fazendo alusão ao formato de nuvens. No fundo azul se vê mais nuvens amarelas. Na parte inferior do quadro de busca, se vê o site da Secretaria de Saúde do Paraná.



Leu a primeira informação que apareceu e pensou “quem ainda consegue harmonizar alguma coisa no meio de uma pandemia, falta saúde, falta dinheiro, falta força... falta tudo”. Desistiu de continuar lendo sobre o assunto e voltou a olhar pela janela tentando ignorar seus pensamentos.

Ao longo do semestre, Íris pensou na possibilidade de conhecer o grupo de *Mindfulness*. O que a motivou a isso? Percebeu que estava dormindo mal e, ao acordar, já ficava preocupada com os prazos dos trabalhos e provas, se conseguiria passar nas matérias que estava cursando ou não, afinal de contas, como ela era bolsista pelo PROUNI, para manter a bolsa era necessário manter no mínimo 75% de aprovação do total das disciplinas cursadas ao longo da formação acadêmica. Seu medo era, por algum motivo, perder a bolsa, já que sabia que não teria recursos financeiros para pagar... Mas calma aí, percebeu que essa preocupação toda já estava acontecendo no primeiro período? Ela não tinha sido aprovada nem reprovada em nada, nem tinha feito as avaliações, mas a ansiedade e o medo plantaram em seus pensamentos essa, dentre outras, preocupações.

Ao mesmo tempo que ela queria ir para o grupo para tentar se sentir melhor com seus próprios pensamentos, ficava se perguntando se não seria perda de tempo que poderia ser utilizado em estudo. Então, por que não praticar em casa, sozinha, ou melhor, com um vídeo que encontrou nas redes sociais? Achou que era simplesmente sentar com as pernas cruzadas na postura de lótus, aquela posição de sentar com a coluna ereta, as pernas cruzadas e, se possível, a sola dos pés viradas para cima, esvaziar seus pensamentos, deixar de ter preocupações e sentir o relaxamento em seu corpo. Mas nada disso aconteceu. Ela não conseguia ficar sentada na mesma posição por mais de 1 minuto, pois as pernas doíam, quanto mais pensava que não podia pensar, mais ela pensava! E aí o que era para, teoricamente, alcançar o relaxamento, alcançou mais angústia. Mas sabe por que aconteceu dessa forma? Íris achou que sabia praticar *Mindfulness* intuitivamente, e que um vídeo curto a ensinaria tudo sobre a prática. Quando se deu conta, passaram-se 2 horas na tentativa de encontrar o relaxamento. O que era mais importante naquele momento? Estudar ou se cuidar... Íris escolheu estudar.

Alguns semestres depois, Íris se sentia acostumada ao ritmo. Acostumada a dormir mal, comer pouco, não se divertir e só estudar. Sua melhor amiga? Mal se falavam... Não havia tempo para encontros, conversas ou nada que não fosse estudar. Acostumou-se com as crises de ansiedade, com o choro que a visitava com certa frequência. Mas nada disso podia ser demonstrado para ninguém, ela “tinha que” dar conta de tudo da melhor forma possível.

Raros eram os dias que Íris e Ray se encontravam, mas eles aconteciam. O presencial era combinado *online*:

- Amiga, bora fazer algo hj, nem q seja só dar uma volta p conversar, atualizar as fofocas? – perguntou Ray.
- Não to animada p sair não...
- Tem um tempo que vc só responde isso, se arruma e simbora! Dessa vez não aceito seu não!
- ... (Íris está digitando...)
- E pára de digitar, vai se arrumar logo!
- Tá...

Tinha uma praça no centro da cidade que era perto da praia, Íris e Ray gostavam de se encontrar lá, pois dali chegavam logo na praia. Elas gostavam do som do mar, as ondas batendo, o cheiro de praia, ou melhor, da maresia. Lá era o lugar delas!

- Amiga, estou achando você tão estranha ultimamente...o que tá acontecendo?
- Não sei... Acho que tá tudo bem?
- Você acha mesmo?

- Sei lá... Não quero falar de mim, me fala de vc...
- Eu estou bem, apesar da correria da universidade, da cidade grande. Gosto quando volto para casa, para nossa cidade onde é possível fazer tudo a pé ou de bicicleta.
- Lá na capital você pega aqueles transportes públicos lotados, né?
- A maioria das vezes sim, mas até que tem dia que é tranquilo, às vezes consigo ir sentada e lendo alguma matéria.
- Aqui pra mim já está difícil, imagino se eu estivesse por lá, onde tudo é mais longe, e o seu curso é integral... Nossa!
- É... fácil não é, né. Mas sabe o que está me ajudando muito? Estou fazendo terapia em grupo, lá na faculdade mesmo.
- Você fala de você na frente de um monte de gente e isso te ajuda?
- No começo achei que não conseguiria falar, mas eu falei até demais - risos - e ouvi também... Mas acho que o que me fez sentir mais acolhida foi o fato de ser um grupo só de pessoas pretas.
- Conta mais...
- O nome do grupo é Com-Por UERJ Pessoas Negras, ele é feito por e com pessoas negras e pelo que eu soube foi criado em 2019 por um pessoal da graduação e da pós-graduação. Os atendimentos acontecem uma vez por semana e dura 1 hora e meia.
- Parece legal...
- Mais que legal, é importante! Elas falam, ajudam a aprofundar o letramento étnico-racial, falam de afrofuturismo, práticas antirracistas, branquitude.

Figura 32.

Divulgação do Com-Por.



Descrição da imagem: Imagem de um post no Instagram, na parte superior da imagem o nome do perfil que compartilhou: Laboratório Afetar. A foto compartilhada é uma divulgação que tem fundo rosa claro e vem escrito em letras cinzas e marrons: Inscrições para a 7ª edição do Com-Por Grupo terapêutico com-por pessoas negras. Logo abaixo, escrito em marrom a informação: Psicóloga responsável Loíse Lorena Santos - CRP - 05/62204. Na parte inferior, a logo do laboratório é composta por um círculo cheio de linhas marrons e laranjas de espessura média que se entrelaçam e ao lado de laranja o

nome: Laboratório afeTAR. Embaixo da logo, “Coordenado por Alexandra Tsallis, CRP 05/23496. No canto inferior direito, algumas folhagens acinzentadas.

- Estou vendo aqui - disse Íris pesquisando alguma coisa em seu *smartphone* - tem divulgação do Com-Por no perfil desse laboratório aqui, olha:
- Já ouvi falar desse laboratório afeTAR lá na universidade...
- O que te fez procurar esse grupo de terapia?
- Eu estava me sentindo muito sozinha, como se eu não coubesse ali naquele lugar, naquela universidade, como se eu não conseguisse dar conta de nada, como se eu fizesse tudo errado.
- Sei bem como é...
- Mas tem um ponto que você não tem como saber, que é sobre o racismo, ele deixa tudo muito pior... Mas você falou que entende bem, como está sendo para você estar na faculdade?
- Normal... Tem dia que dá vontade de faltar todas as aulas e ficar na cama olhando para o teto, mas eu levanto e vou. Tenho me sentido com raiva e triste, sei lá, difícil de explicar. Mas deve ser assim mesmo, acho que faz parte...
- O que você tem feito para se cuidar?

- Não tenho tempo para me cuidar, tenho que me formar logo. Procurar um emprego bom e...
- Espera aí, como assim não tem tempo para se cuidar? Se você não estiver bem, nada vai estar bem também... Não tem nada na sua faculdade que possa te ajudar?
- Não... (tempo de silêncio) Quer dizer, tem um pessoal lá que faz *Mindfulness*.
- Nossa, já ouvi falar bem! Você tem ido nesse grupo? Como que é?
- Nunca fui por falta de tempo.
- Se você não se der esse tempo, onde você acha que vai chegar?
- Sei lá, nem sei direito onde eu estou...

Naquele dia Íris decidiu conhecer o grupo de *Mindfulness* assim que acabassem as férias. Ela e sua amiga aproveitaram o final da tarde assistindo o sol se pôr, falando sobre a vida, sobre como é importante se cuidar e uma lembrando à outra que essa amizade estava ali apesar da distância, do tempo corrido e do que mais pudesse haver.

O primeiro dia de Íris no grupo de *Mindfulness* foi bem diferente do que esperava. A expectativa era de sair de lá em pleno relaxamento, mas a realidade foi uma conversa sobre o que é *Mindfulness* e, ao final, experimentar a prática vivendo o presente. Durante a conversa mediada por Gabriela Bandeira Santos (2018), que explicou rapidamente que aquele grupo era inspirado na sua dissertação de mestrado, dizendo que:

- Ao longo da minha formação como psicóloga, me chamou atenção o estresse ao qual as estudantes universitárias são submetidas ao longo da graduação, e essa inquietação me acompanhou mesmo após formada (Santos, 2018, p. 11). Foi assim que me encontrei com o *Mindfulness*, com a ideia de oferecer essa prática para universitárias como a promoção de um autocuidado. Vocês sabem quem iniciou o treino de *Mindfulness*?
- Não... – algumas estudantes responderam.
- Foi um homem chamado Kabat-Zinn (1990) “em sua clínica de redução de estresse para pacientes não hospitalizados, na Universidade de Massachusetts”, lá ele lidava com a dor crônica das pessoas (Santos, 2018, p. 28).

Kabat-Zinn (1990) define *mindfulness* como estar em estado de atenção plena concentrando-se no momento atual (que significa não estar envolvido com lembranças ou pensamentos futuros), intencional e sem julgamentos. Para o autor, funcionamos em piloto automático e a prática do *mindfulness* teria exatamente a intenção de trazer a atenção plena para a ação do momento atual. Viver o momento presente de forma intencional significa ir ao sentido oposto à tendência geral das pessoas de estar desatento; é estar plenamente atento e se esforçar para que isso ocorra. E para que isso aconteça, os conteúdos dos pensamentos não são categorizados em positivos ou

negativos, eles apenas são vivenciados da forma como se apresentam (Santos, 2018, p. 28).

Gabriela Bandeira Santos (2018) contou que *Mindfulness* é conhecida por ser uma técnica de meditação, mas na verdade é como uma “filosofia de vida, com um modo de viver e ver o mundo” e “tem sete fatores como seus pilares: o primeiro é o de não julgamento, seguido de paciência, mente de principiante, confiança, “não forçar”, aceitação e deixar fluir” (Santos, 2018, p. 28) e continuou dizendo:

– “Não é raro encontrar em estudantes universitários problemas psicossociais, ansiedade, depressão e preocupações com os estudos, ainda assim é possível pensar em possibilidades de melhor receber e manter esses alunos na universidade” (Santos, 2018, p. 39).

Muitas vezes chegamos em casa exaustos do dia e com trabalhos para entregar no dia seguinte, mas rapidamente, o trabalho da semana que vem parece mais urgente e é por ele que você decide começar. Porém, o celular toca e você se distrai absolutamente do que estava fazendo e ainda se lembra que era o último dia para pagar uma conta que estava vencendo. Sem nem perceber, já estava pensando no quanto se enrolaria por não pagar o aluguel da casa e como seria caso tivesse que arrumar outra casa para morar. Em poucos minutos, estamos absolvidos por pensamentos e atividades que não percebemos como chegamos até ali. Isso é viver no “piloto automático” (Santos, 2018, p. 61).

Íris recebia atentamente cada palavra, e se identificava com a exaustão mencionada. Ali ela percebeu que, de fato, não tem estado bem e que isso não é normal. A insônia de noite, o excesso de café para se manter acordada de dia, a preocupação e ansiedade o tempo quase que todo, a tristeza que ecoava no silêncio quando estava sozinha, a sensação de que dava o seu máximo e o resultado parecia sempre menor que o mínimo, desespero, desamparo...

Voltando para o grupo de *Mindfulness*... Chegou a hora que Íris mais esperava: hora de praticar! Aprendeu já no primeiro dia que “na prática da atenção plena, não é necessário desligar a mente. Ao invés de tentar esvaziá-la, veja se é possível reconhecer o que está ocorrendo” (Santos, 2018, p. 64). Seu primeiro exercício foi a meditação do chocolate. Sim, tinha chocolate!

Saber que ia ter chocolate já fez Íris se animar. A meditação durou pouco menos de dez minutos e ocorreu da seguinte maneira: todas as pessoas já estavam com seus celulares desligados; cada uma recebeu um bombom, uma folha de papel e uma caneta. A proposta era que pudessem vivenciar por 20 segundos cada uma das seguintes etapas: segurar o bombom, sentindo-o pelos seus dedos, na palma da mão, reconhecendo a textura da embalagem, o peso.

Em seguida, olhar para o bombom, perceber cada detalhe enquanto ia retirando a embalagem. Depois era o momento de tocar o chocolate, perceber seu formato fora da embalagem e descobrir quais sensações esse toque provocaria. A próxima etapa era cheirar o chocolate, saborear seu aroma, de preferência de olhos fechados, e devagar, levá-lo até a boca, deixando que a língua sinta seu sabor derretendo aos poucos, prestando atenção em como a língua e a boca recebem o bombom. Dá-se a primeira mordida ouvindo a crocância que emite som e, então, começa a mastigar, sentindo a mistura de sabor do chocolate com a camada crocante que envolve o recheio. Mastiga, mastiga, mas sem engolir ainda, percebendo que a intenção de engolir aparece involuntariamente. Chegada à deglutição, é hora de sentir os efeitos e afetos que esse bombom vivenciou com você... O gosto que ficou na boca, o que ficou...

– Quantas vezes prestamos tanta atenção assim no que fazemos? Quantas vezes comemos um bombom atrás do outro sem, sequer, aproveitar o seu sabor? E mais, com quantas coisas mais agimos com pressa, sem atenção, sem aproveitamento, sem vivenciar tal experiência? Peço que registrem na escrita tudo que sentiram, como se perceberam, as sensações, tudo que as marcou nesta prática – falou Gabriela já em tom de encerramento da prática.

Ao final, cada uma leu como foi sua experiência, falaram sobre as dificuldades e sensações com aquele momento de meditação, trocaram sobre a importância da atenção plena e à tomada de consciência nas atividades do dia a dia. Íris ficou surpresa ao participar e se perceber como há tempos não se percebia. Comer aquele bombom foi uma forma dela se reencontrar dentro de si. A partir daquele dia Íris passou a tirar um momento do dia para praticar *Mindfulness*. O plano foi esse, de praticar diariamente, mas na prática ela fazia, em média, uma vez por semana ou quando lembrava. E vale ressaltar que ela se lembrava quando já estava bastante ansiosa.

O ritmo da volta às aulas presencial foi muito desejado, mas muitas não sabiam que seria tão cansativo no começo. Parece que as pessoas meio que desaprenderam a sair, interagir presencialmente. Ficar horas sentada prestando atenção na aula sem ter como fechar a câmera e se jogar na cama ou no sofá foi difícil no começo, mas o ritmo foi se fazendo da maneira possível de ser.

Ao longo dos anos que Íris vivenciou a experiência de formação acadêmica em meio a muitas histórias acontecerem e delas muitas marcas ficaram. Íris passou a tomar café, muito café! Aprendeu a dormir poucas horas por noite, pois precisava estudar e a madrugada, muitas das vezes, era o tempo que tinha. Com o tempo ela foi entendendo a importância de cuidar da sua saúde mental, mas ao longo desse tempo de ressignificação, sentiu um sofrimento que a paralisava na dor; foi graças ao contato com as amigas, a família e algumas professoras que Íris

aguentou a parte mais pesada da sua formação acadêmica, e também graças às mesmas pessoas que pôde ter momentos felizes durante esse longo período. Ela começou a fazer terapia no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) que tinha na própria faculdade. A decisão de procurar ajuda profissional se deu depois de viver e presenciar situações mais do que desconfortáveis, eu diria que foram situações inaceitáveis. Algumas dessas histórias que afetaram negativamente Íris e muitas outras universitárias, repercutiram nas redes sociais.



ALERTA DE GATILHO!

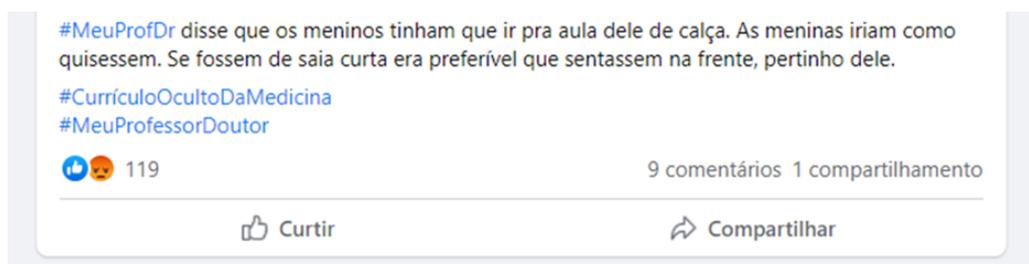
O que você vai encontrar a seguir se trata de histórias que foram relatadas por universitárias nas redes sociais com as quais interagimos para construir esta tese. Essas histórias possuem conteúdos sensíveis com diferentes formas de assédio, preconceito e questões suicidas.

Como forma de demonstrar como é a dinâmica das redes sociais, *prints* de *posts* serão apresentados e haverá dois comentários em cada: um de Íris, identificada por “Íris-ciborgue” e outro meu, identificada por “Dani.pierre”.

Figura 33.

Print nº 1 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Quadro em fundo branco print de facebook, com o texto: “#MeuProfDr disse que os meninos tinham que ir para a aula dele de calça. As meninas iriam como quisessem. Se fossem de saia curta era preferível que sentassem na frente, pertinho dele. #CurrículoOcultodaMedicina #MeuProfessorDoutor”. A imagem tem 119 curtidas, nove comentários e um compartilhamento.



Comentário de Íris-ciborgue: Mais um dia de macho escroto abrindo a boca para cagar.

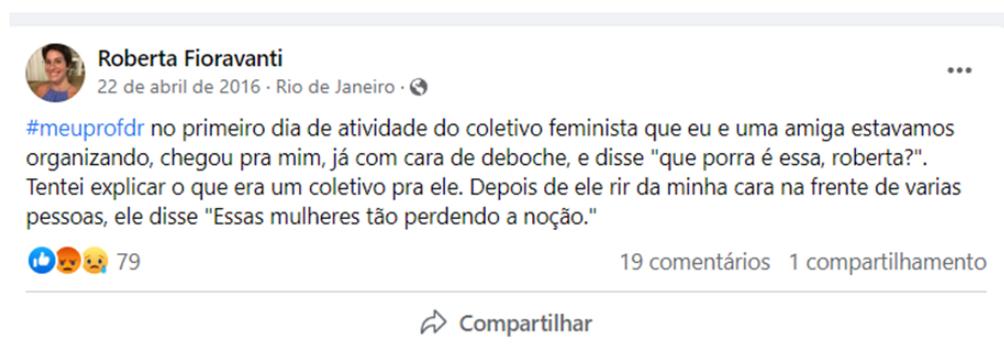
Comentário de Dani.pierre: Dei um Google aqui e olha o que encontrei: “De acordo com o Código Penal (art. 216-A), o assédio sexual é o crime de ‘constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua

condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função’. O Assédio Sexual, portanto, vem a ser toda conduta de natureza sexual, manifestada fisicamente, por palavras, gestos ou outros meios, propostas ou impostas a pessoas contra sua vontade, causando-lhe constrangimento e violando a sua liberdade sexual, conforme explica a Controladoria-Geral da União (CGU)”. Isso aí não é professor, e sim assediador, agressor, um lixo humano (Ministério da Defesa, 2023).

Figura 34.

Print n° 2 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Imagem de fundo branco, postagem de Roberta Fioravanti do dia 22 de abril de 2016 no Rio de Janeiro. Na foto à esquerda, Roberta é uma mulher branca de cabelo moreno e curto. No texto: “#MeuProfDr no primeiro dia de atividade do coletivo feminista que eu e minha amiga estávamos organizando, chegou para mim, já com cara de deboche, e disse “que porra é essa, Roberta?”. Tentei explicar o que era um coletivo para ele. Depois de ele rir da minha cara na frente de várias pessoas, ele disse ‘essas mulheres tão perdendo a noção’”. O post tem 79 curtidas, 19 comentários e um compartilhamento.



Comentário de Íris-ciborgue: Falou o desprovido de noção, de respeito, de educação e de qualquer coisa que preste!

Comentário de Dani.pierre: É triste demais o quanto o machismo aparece nas universidades de um modo que cala suas vítimas. Nós, mulheres, precisamos nos apoiar, falar, gritar e berrar se for preciso, para que esse tipo de situação não passe despercebida.

Figura 35.

Print n° 3 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Post em fundo branco de Isabela Becattini de 22 de abril de 2016. Na foto à esquerda, Isabelle é uma mulher branca de cabelo ruivo. No texto: “#MeuProfessorDr

diz que mulheres não devem usar maquiagem no hospital para não chamar atenção e que estudantes não podem ter tatuagens/piercings pois não somos apenas ‘simples estudantes’, fazemos medicina e temos uma ‘imagem a zelar’”. Post com 67 curtinhas de 22 comentários.



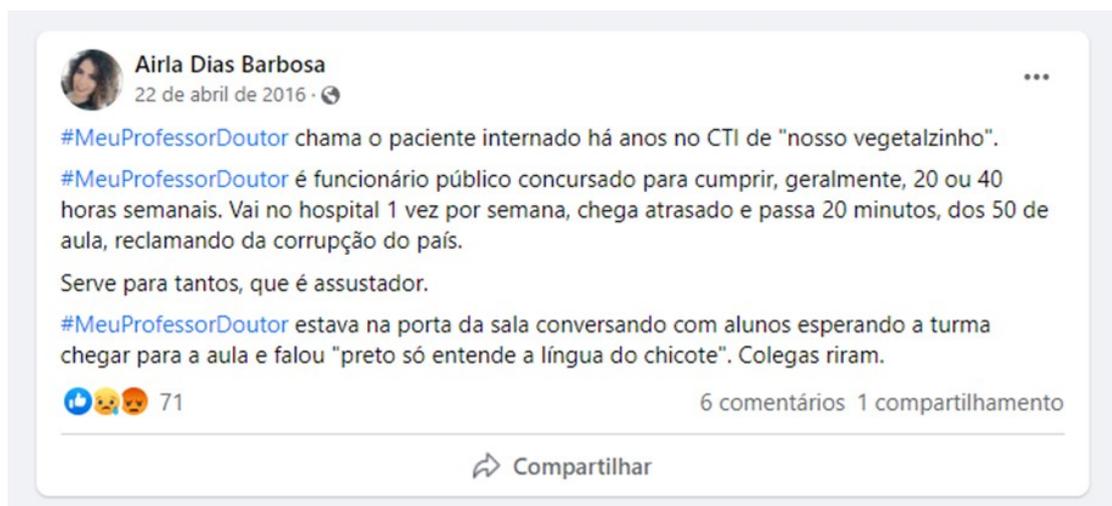
Comentário de Íris-ciborgue: Oh o misógino que acha que tem uma estrelinha na testa por ser médico aí, geeente...

Comentário de Dani.pierre: Uma vez ouvi uma fala mais ou menos assim: “Estudantes de medicina entram na universidade achando que são deuses e saem com a certeza. Mas na verdade somos pessoas e espero que vocês não esqueçam disso ao longo da formação”. A competitividade e a hostilidade permeiam aspirantes à médicas desde o ensino médio... Acredito que a preocupação com a imagem a zelar deveria ser em não se tornar tão desprezível e desumano, nem em achar que pode dizer o que a mulher pode ou não fazer.

Figura 36.

Print nº 4 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Post de Facebook em fundo branco de Airla Dias Barbosa do dia 22 de abril de 2016. Na foto à esquerda, Airla é uma mulher branca de cabelo moreno com pontas loiras cacheado. No texto: “#MeuProfessorDoutor chama o paciente internado há anos no CTI de ‘nosso vegetalzinho’. #MeuProfessorDoutor é funcionário público concursado para cumprir, geralmente, 20 ou 40 horas semanais. Vai no hospital 1 vez por semana, chega atrasado e passa 20 minutos, dos 50 de aula, reclamando da corrupção do país. Serve para tantos, que é assustador. #MeuProfessorDoutor estava na porta da sala conversando com alunos esperando a turma chegar para a aula e falou ‘preto só entende a língua do chicote’. Colegas riram.” Post com 71 curtinhas, seis comentários e um compartilhamento.



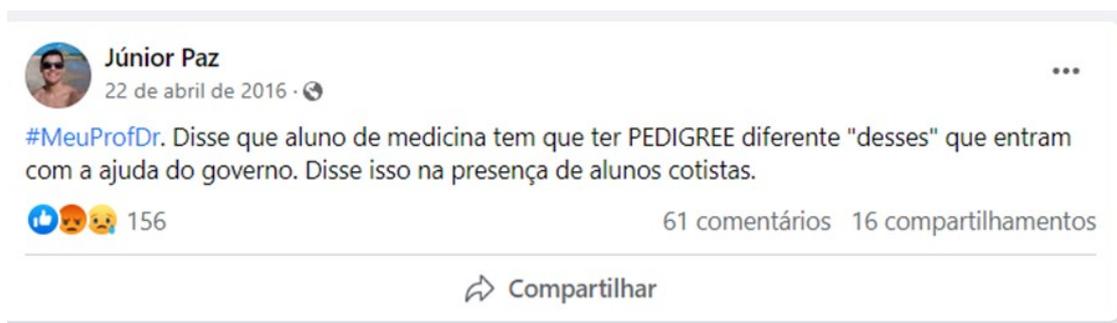
Comentário de Íris-ciborgue: Muita falta de respeito relatada em um *post*... A gente entra na faculdade achando que vai encontrar inteligência, generosidade, sabedoria, respeito, acreditando que vai aprender as mais importantes lições... Mas o que a gente não espera é que vai aprender a lidar com esse tipo de gente aí, se é que dá para chamar de gente...

Comentário de Dani.pierre: Estudam, se formam, fazem concurso e passam, ganham seus salários para dar aula, mas fazem isso... Não consigo entender nem aceitar! #issonaoénormal

Figura 37.

Print nº 5 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Post de Facebook em fundo branco de Júnior Paz do dia 22 de abril de 2016. Na foto à esquerda, Júnior é um homem branco de cabelo moreno. No texto: “#MeuProfDr disse que aluno de medicina tem que ter PEDIGREE diferente ‘desses’ que entram com a ajuda do governo. Disse isso na presença de alunos cotistas.” Post com 156 curtidas, 61 comentários e 16 compartilhamentos.



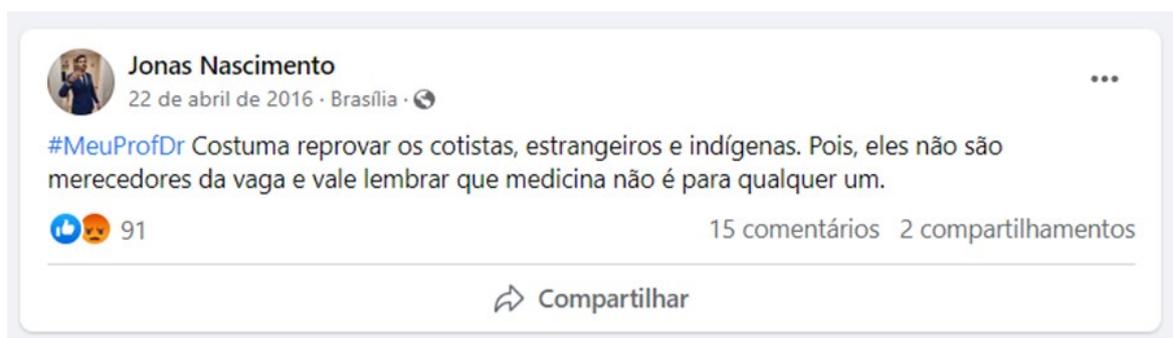
Comentário de Íris-ciborgue: Só não vou dizer que esse cara tem que ser tratado como cachorro, porque eu amo cachorro! Me atrevo a dizer que qualquer bicho tem mais humanidade que esse aí...

Comentário de Dani.pierre: Íris, não dá para comparar esse indivíduo nem com vermes, que dirá com cachorros! Vivemos num país em que, historicamente, alimenta a desigualdade. Lutamos para mudar esse cenário... E aí quando começam a acontecer algumas mudanças, como o caso do movimento de democratização do ensino superior, temos que ver um PROFESSOR falar uma atrocidade dessa. Nem todo homem, mas sempre um homem.

Figura 38.

Print nº 6 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Post de Facebook em fundo branco de Jonas Nascimento do dia 22 de abril de 2016. Na foto à esquerda, Júnior é um homem branco de cabelo moreno. No texto: “#MeuProfDr costuma reprovar os coristas, estrangeiros e indígenas. Pois eles não são merecedores da vaga e vale lembrar que medicina não é para qualquer um”. Post com 91 curtidas, 15 comentários e dois compartilhamentos.



Comentário de Íris-ciborgue: Se medicina não é para qualquer um, como essa criatura se formou? Tá errado isso... (leiam com ironia)

Comentário de Dani.pierre: Imagina só... Lutar para ter acesso ao ensino superior que atravessa tantas desigualdades sociais e, ao chegar na universidade, ter ISSO como “professor”... Decepcionante demais!

Figura 39.

Print nº 7 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Post de Facebook em fundo branco de João Roger do dia 22 de abril de 2016. Na foto à esquerda, é difícil identificar as características físicas de João. No texto:

“#MeuProfDr nega analgesia intra parto para mulheres negras porque, segundo ele, elas ‘aguentam’ a dor”. Post com 130 curtidas, oito comentários e 14 compartilhamentos.



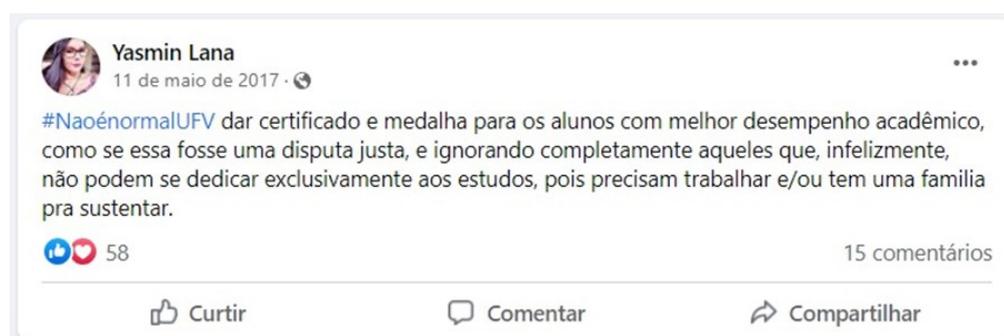
Comentário de Íris-ciborgue: Ainda me surpreendo com a maldade das pessoas... Não é possível que ele não saiba que racismo é CRIME!

Comentário de Dani.pierre: Íris, é CRIME SIM. Nitidamente uma fala que discrimina raça e gênero com tamanha crueldade. Não sei o que me choca mais: pensar que se trata de um professor que “ensina” isso para estudantes de medicina, ou que é um médico que maltrata suas pacientes. Alguém devia mandar para ele que a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 no Art. 1º diz “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” (Brasil, 1989).

Figura 40.

Print nº 1 de crítica à competitividade nas faculdades.

Descrição da imagem: Print de fundo branco mostra uma postagem de Yasmin Lana, de 11 de maio de 2017. Na foto à esquerda, Yasmin é uma mulher branca de cabelo moreno e liso e usa óculos. No texto: “#NaoénormalUFV dar certificado e medalha para os alunos com melhor desempenho acadêmico, como se essa fosse uma disputa justa, e ignorando completamente aqueles que, infelizmente, não podem se dedicar exclusivamente aos estudos, pois precisam trabalhar e/ou tem uma família para sustentar”. Post com 58 curtidas e 15 comentários.



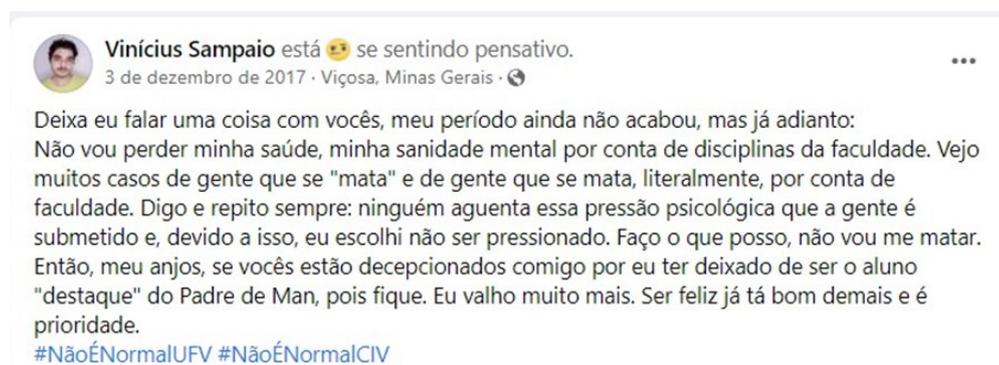
Comentário de Íris-ciborgue: Bando de filhinho-de-papai que não sabe o que é a vida real do povo brasileiro, da maioria em quantidade que é colocada como minoria.

Comentário de Dani.pierre: Pra que alimentar a competitividade com medalhas?? Sério isso?! Deve ser meme, não é possível.

Figura 41.

Print nº 2 de crítica à competitividade nas faculdades.

Descrição da imagem: Print de fundo branco mostra uma postagem de Vinícius Sampaio, de 3 de dezembro de 2017. Na foto à esquerda, Vinícius é um homem branco de cabelo preto e usa um bigode e compartilha que está “se sentindo pensativo”. No texto: “Deixa eu falar uma coisa com vocês, meu período ainda não acabou, mas já adianto: Não vou perder minha saúde, minha sanidade mental por conta de disciplinas de faculdade. Vejo muitos casos de gente que se “mata” (entre aspas) e de gente que se mata, literalmente, por conta de faculdade. Digo e repito sempre: ninguém aguenta essa pressão psicológica que a gente é submetido e, devido a isso, eu escolhi não ser pressionado. Faço o que posso, não vou me matar. Então, meus anjos, se vocês estão decepcionados comigo por eu ter deixado de ser o aluno “destaque” do Padre de Man, pois fique. Eu valho muito mais Ser feliz já tá bom demais e é prioridade. #NãoéNormalUFV #NãoéNormalCIV”. O post também mostra uma foto de fundo cinza no qual se observam seis medalhas de aluno destaque. Post com 58 curtidas e 15 comentários.





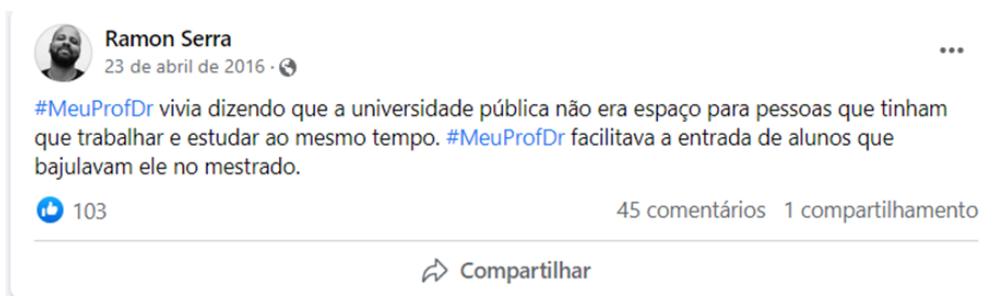
Comentário de Íris-ciborgue: Aqui @Dani.pierre não é meme o lance das medalhas. Absurdo demais, né?!

Comentário de Dani.pierre: E do outro lado da medalha, será que ainda lembram que existem pessoas com limites? Quem não ganha a medalha, será que ganha algum tipo de ajuda ou motivação para alcançar seus objetivos? A pessoa que postou isso falou sobre ter quem se mate, literalmente, por conta da faculdade. Isso é muito grave! Pesquisei aqui e encontrei que “no Brasil, a taxa de suicídio entre universitários tem crescido de ano a ano desde 2002 e o país ocupa o primeiro lugar na América Latina” (Centro de Valorização da Vida [CVV], 2021).

Figura 42.

Print nº 8 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Print de fundo branco mostra uma postagem de Ramon Serra, de 23 de abril de 2016. Na foto à esquerda, Ramon é um homem negro de barba. No texto: “MeuProfDr vivia dizendo que a universidade pública não era espaço para pessoas que tinham que trabalhar e estudar ao mesmo tempo. #MeuProfDr facilitava a entrada de alunos que bajulavam ele no mestrado”. Post com 103 curtidas, 45 comentários e um compartilhamento.



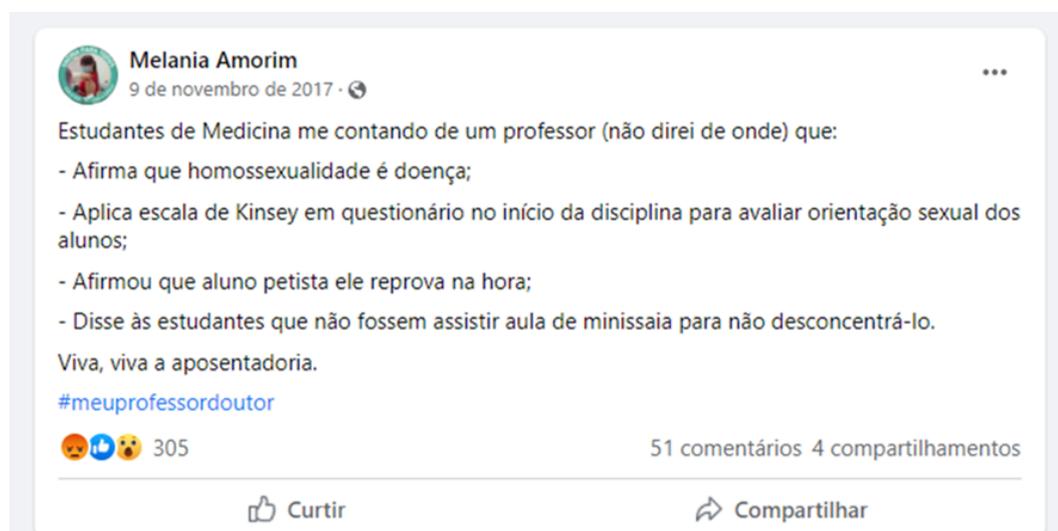
Comentário de Íris-ciborgue: A cara do privilegiado que nunca PRECISOU trabalhar na vida.

Comentário de Dani.pierre: E tem quem bajule esse tipo de gente aí... Tenho até nojo!

Figura 43.

Print n° 9 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Print de fundo branco mostra uma postagem de Melania Amorim, de 9 de novembro de 2017. Não é possível identificar as características físicas de Melania. No texto: “Estudantes de medicina me contando de um professor (não direi de onde) que: Afirma que homossexualidade é doença; aplica Escala de Kinsey em questionário no início da disciplina para avaliar a orientação sexual dos alunos; afirmou que aluno petista ele reprova na hora; disse às estudantes que não fossem assistir aula de minissaia para não desconcentrá-lo. Viva, viva a aposentadoria. #Meuprofessordoutor”. Post com 305 curtidas, 51 comentários e quatro compartilhamentos.



Comentário de Íris-ciborgue: Aff... Alguém avisa que homofobia é crime.

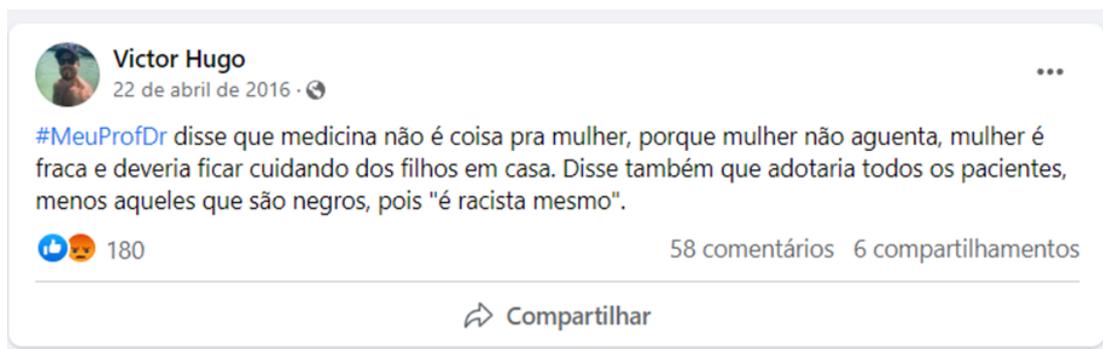
Comentário de Dani.pierre: Além de homofóbico, um potencial assediador de mulheres.

Figura 44.

Print n° 10 de post com denúncia de assédio de professor.

Descrição da imagem: Print de fundo branco mostra uma postagem de Victor Hugo, de 22 de abril de 2016. Na foto à esquerda, Victor é um homem branco de barba. No texto: “#MeuProfDr disse que medicina não é coisa para mulher, porque mulher não aguenta, mulher é fraca e deveria ficar cuidando dos filhos em casa. Disse também que adotaria todos os pacientes, menos

aqueles que são negros, pois ‘é racista mesmo’”. Post com 180 curtidas, 58 comentários e seis compartilhamentos.



Comentário de Íris-ciborgue: Misoginia e racismo na universidade em pleno XXI...
#édecairocudabunda

Figura 45.

Meme sobre surpresa e descontentamento.

Descrição da imagem: A imagem tem fundo rosa claro e um desenho de uma pessoa de costas, a qual só aparece a parte debaixo das nádegas para baixo. Na imagem, se dá a ideia de que o ânus da pessoa se desprende e caiu no chão. Abaixo, uma explicação: “É de cair o cu da bunda: Expressão de surpresa ou descontentamento quando algo inusitado acontece e não estava previsto”.



Comentário de Dani.pierre: #fogosracistas E para quem não sabe “A frase “fogo nos racistas!” tornou-se um dos hinos da luta antirracista no Brasil. O verso icônico é o refrão do single Olho de Tigre, de 2017, escrito pelo rapper Djonga, de 28 anos. A canção entona versos afiados contra o racismo e o fascismo no Brasil, com ira lírica que informa a consciência do autor quanto a sua identidade singular de jovem favelado negro de pele retinta; do seu papel na coletividade; seu orgulho; e o chamado para a juventude negra contemporânea estar pronta para ruir o castelo dos brancos” (Silva, 2022).

Perceberam que em alguns comentários voltei a escrever no masculino? Foi proposital, visto que a hashtag #MeuProfDr foi construída assim, no masculino, e como verificamos, a maioria do corpo docente nas IES é composto por homens. Além disso, a história de exclusão e violências contra a mulher foi protagonizada por homens, então não podia escrever essa parte no feminino! Porém, voltamos ao plano inicial de uma escrita no feminino.

Essas histórias afetaram vidas, corpos, famílias e, infelizmente, ainda afeta. Ao longo dos anos, Íris se encontrou com essas histórias que a atravessaram, deixando marcas. Muitas vezes ela chorou sem saber o que fazer, com sensação de impotência, chegou a pensar em desistir dos estudos e até mesmo da vida. A terapia foi muito importante para ela, que, por

indicação da sua psicóloga, iniciou tratamento psiquiátrico. Em alguns momentos, enquanto tomava seus remédios, Íris pensava “É... Não dá para aguentar isso tudo - referindo-se à vida acadêmica - pura não...”. Além disso, Íris passou a frequentar o grupo de Mindfulness semanalmente, estreitando laços de amizade com as pessoas do grupo, o que a fez bem.

Fato foi que as expectativas que Íris tinha em relação ao ES e a realidade foram muito diferentes. Ainda assim, ela aprendeu muito sobre a vida, sobre se cuidar e perceber o mundo de um jeito diferente. Sua tela do smartphone a presenciou chorar e sorrir muitas vezes, seus *posts* e interação *online* ajudaram a tornar o caminho um pouco melhor. Ter um lugar para falar - nas redes sociais - e ler outras pessoas foi um alívio que deu forças para Íris. Ela conheceu, *online* e presencialmente, pessoas com histórias que traziam marcas da desigualdade social, racial, de gênero, etnia, classe, sexualidade... Seu encontro com essas pessoas a fez compreender seus privilégios e notar que ela pode fazer mais por um mundo melhor.

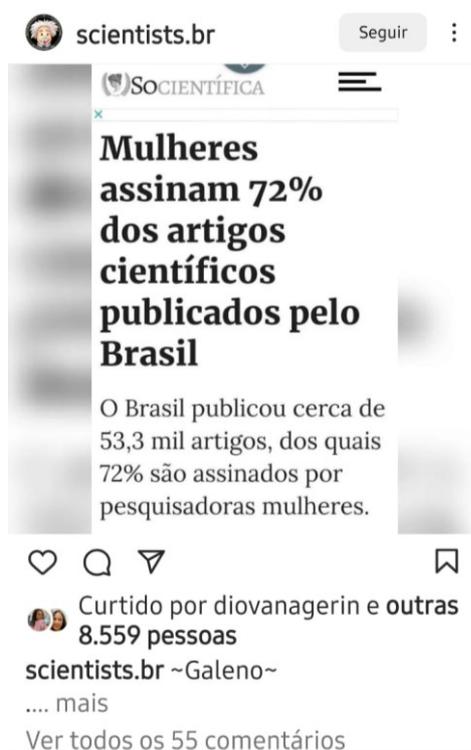
No último dia de aula, Íris sentiu uma felicidade enorme. Sua mãe então, nem sei como descrever... Ela não participou da formatura, pois demandava um alto valor que não cabia nas suas condições financeiras, mas ela comemorou da melhor forma que encontrou: pediu pizza para comer com a sua mãe em casa!

5 OS EMBARAÇOS DA HISTÓRIA DE ÍRIS SOBRE O ACESSO À UNIVERSIDADE

Figura 46.

Print de notícia sobre artigos assinados por mulheres.

Descrição da imagem: Imagem de *print* no instagram da página scientists.br, pode se observar a manchete em fundo branco: “Mulheres assinam 72% dos artigos científicos publicados pelo Brasil” com a informação abaixo: “O Brasil publicou cerca de 53,3 mil artigos, dos quais 72% são assinados por pesquisadoras mulheres. Post curtido por 8.560 pessoas e com 55 comentários.



Bom, como mencionei na carta sobre quem é Íris, o que você viu até aqui foi uma história baseada na minha história pessoal e nas histórias com as quais me encontrei nas redes sociais. Mas há um grande embaraço nisso: Esta história não representa a realidade de muitas mulheres. De quem estou falando? Que mulheres são essas que chegam no ES, as que não chegam? E essas que têm acesso à *internet* ou ainda um pão quentinho para tomar café, uma casa para morar e uma mãe para cuidar e apoiar sua trajetória? Seria irresponsabilidade da minha parte pegar essa história e generalizar como se todas as estudantes do Ensino Médio pudessem viver a ansiedade de fazer o Enem, escolher e ingressar no curso desejado e se formar, quando, infelizmente, muitas sequer têm a oportunidade de pensar sobre esses assuntos (acadêmicos), pois são tomadas por necessidades mais emergenciais. Ter que interromper os

estudos no Ensino Médio para trabalhar e ajudar nas despesas de casa, o que faz com que muitas dependam do turno escolar noturno, que por sua vez não tem em todos os lugares, e quando tem, geralmente as estudantes chegam sobrecarregadas de um dia inteiro de trabalho ou cuidados com filhos e demais familiares. Estudar à noite envolve dupla ou tripla jornada, isso quando se tem acesso à educação básica.

Outros marcadores sociais da diferença que tornam o acesso ao ensino desigual é o preparo dos ambientes físicos e dos profissionais para lidar com pessoas com deficiências, sejam elas física, auditiva, visual, intelectual, psicossocial ou por saúde mental, ou deficiência Múltipla. De acordo com o IBGE (2023) “a população com deficiência no Brasil foi estimada em 18,6 milhões de pessoas, [...] o que corresponde a 8,9% da população”. Pensando na educação como um direito de todas as pessoas, leis vêm sendo implementadas para amparar e tornar possível tal democratização, contudo, nem tudo que está no papel acontece na prática.

Figura 47.

Print de notícia sobre o abandono do Ensino Médio.

Descrição da imagem: Print de notícia em fundo branco, na parte superior esquerda a área temática “Educação” escrita em vermelho. Logo abaixo, a manchete em preto: “1 em cada 5 jovens brasileiros deixou a escola sem ter concluído o Ensino Médio”. Abaixo da manchete, a informação: “A pesquisa ainda aponta para um crescimento na preferência pelos cursos de educação à distância.” A notícia foi escrita por Wendal Carmo e publicada no dia 10 de outubro de 2023, às 17 horas e 10 minutos, atualizada há 6 meses. Ao fim do print, observa-se os ícones do *Whatsapp*, do *X* (antigo *Twitter*), do Facebook, do Telegram e do E-mail.

EDUCAÇÃO

1 em cada 5 jovens brasileiros deixou a escola sem ter concluído o Ensino Médio

A pesquisa ainda aponta para um crescimento na preferência pelos cursos de educação à distância

POR WENDAL CARMO

10.10.2023 17H10 | ATUALIZADO HÁ 6 MESES



Fonte: Carta Capital (2023)

A realidade de cada pessoa está submetida a uma histórica desigualdade social, econômica e, conseqüentemente, educacional. As desigualdades permeiam muitas camadas: gênero, sexualidade, raça, classe e nacionalidade, o que distancia ainda mais o acesso ao que é direito básico de qualquer pessoa, como a educação. As diversas camadas que tornam as desigualdades ainda maiores colocam as pessoas num lugar de privilégio. De acordo com Flávio Dantas Martins (2021, p. 511) o Brasil é “uma sociedade herdeira do escravismo que continuava as formas mais perversas de racismo, exclusão sócio-racial, analfabetismo generalizado e permanência das estruturas de mercê e privilégios”.

Já parou para pensar no que esse conceito significa? Mariana Costa Loiola, Heytor de Queiroz Alves, Mariana Fonseca Vaz, Alexandre Palma de Oliveira, Luís Aureliano Imbiriba e Adriana Ribeiro de Macedo (2019, p. 03) realizaram um estudo sobre privilégios entre estudantes do curso de graduação em Educação Física, e como base para falar de privilégio utilizaram a autora, pedagoga antirracista Peggy McIntosh (1989). As citadas autoras afirmam que “o privilégio se estabelece na vantagem de um grupo ocasionado pela desvantagem do outro grupo, decorre da relação imbricada entre o desfavorecimento de um e o favorecimento de outro” (Loiola et al., 2019, p. 03).

O que fomenta as desigualdades sociais são os privilégios. Peggy McIntosh (1989, p. 2) fez uma lista de vinte e seis privilégios e, vale lembrar que existem bem mais que esse número, mas a lista nos ajuda a entender sobre muitos privilégios que podemos ter sem, ao menos, perceber.

- “1. Se eu desejar, consigo estar na companhia de pessoas da minha raça a maior parte do tempo.
2. Caso eu precise me mudar, posso seguramente alugar ou comprar uma casa em uma área que eu possa pagar e onde eu queira viver.
3. Posso me sentir segura de que meus vizinhos em tal lugar irão ser neutros ou agradáveis comigo.
4. Posso fazer compras sozinha a maior parte do tempo, sabendo que não serei seguida ou assediada.
5. Posso ligar a televisão ou abrir a primeira página do jornal e ver pessoas da minha raça amplamente representadas.
6. Quando me falam da minha identidade nacional ou sobre “civilização”, sou mostrada que pessoas da minha cor fizeram do meu país o que ele é.
7. Posso ter certeza que meus filhos receberão materiais curriculares que atestam a existência da raça deles.

8. Se eu quiser, posso com facilidade encontrar um editor para esse artigo sobre privilégio branco.
9. Posso entrar em uma loja de música e encontrar música da minha raça representada, em um mercado e encontrar as comidas básicas que fazem parte da minha tradição cultural, em um cabeleireiro e encontrar alguém que saiba cortar meu cabelo.
10. Posso usar cheques, cartões de crédito ou dinheiro em espécie e contar que a minha cor de pele não vai prejudicar minha aparência de rentabilidade financeira.
11. Consigo proteger meus filhos a maior parte do tempo de pessoas que podem não gostar deles.
12. Posso falar palavrões ou me vestir com roupas de segunda mão, ou não responder cartas, sem que as pessoas atribuam essas escolhas à baixa moral, pobreza ou analfabetismo da minha raça.
13. Posso falar em público para um grupo masculino poderoso sem colocar minha raça em julgamento.
14. Posso me dar bem em uma situação desafiadora sem que digam que o crédito é da minha raça.
15. Nunca sou chamado a falar em nome de todas as pessoas do meu grupo racial.
16. Posso ignorar a língua e os costumes das pessoas de cor que constituem a maioria do mundo sem sentir culpa nenhuma por tal ignorância.
17. Posso criticar nosso governo e falar sobre o quanto eu tenho medo de suas políticas e comportamentos sem ser visto como excluído culturalmente.
18. Posso me sentir segura de que, quando eu pedir para falar com o responsável, vou encontrar uma pessoa da minha raça.
19. Se um guarda de trânsito me pede para parar ou se um fiscal da receita auditar meus impostos, posso seguramente saber que tal decisão não ocorreu por conta da minha raça.
20. Posso facilmente comprar pôsteres, cartões postais, livros de fotos, cartões de aniversário, bonecas, brinquedos e revistas infantis com fotos de pessoas da minha raça.
21. Posso ir para casa depois de reuniões de organizações às quais pertenço me sentindo acolhida, ao invés de fora do meu lugar, subrepresentada numericamente, não ouvida, mantida a distância, ou temida.
22. Posso aceitar um emprego em um empregador que aplica ações afirmativas sem que meus colegas de trabalho suspeitem que eu tenha conseguido tal emprego por causa da raça.

23. Posso escolher acomodações públicas sem temer que as pessoas da minha raça não poderão entrar ou serão destratadas nos lugares que eu escolhi.
24. Posso ter certeza que se eu precisar de ajuda médica ou legal, minha raça não trabalhará contra mim.
25. Se meu dia, semana ou ano está indo mal, não preciso questionar se cada episódio negativo tem um subtexto racial.
26. Posso escolher um corretivo ou curativo cor “da pele” e saber que ele mais ou menos vai ter o mesmo tom da minha pele.”

Conforme falei no capítulo 1, no qual fiz uma breve contextualização histórica do ES no Brasil, esse vem sendo, historicamente, um lugar restrito. Apesar de todo movimento de democratização do ES, para muitas pessoas ainda é impensável uma formação acadêmica. Muitas, sequer, concluem o Ensino Médio. Quando citei a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/1996, título III - Do Direito à Educação e do Dever de Educar - no artigo V encontramos que o “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (Brasil, 1996b) cheguei a grifar “segundo a capacidade de cada um”, pois esse trecho me fez interpretar que o acesso ao ES está interligado aos privilégios de cada pessoa. Não é sobre ter vagas e instituições disponíveis para todas, mas sim sobre quem pode ocupar essas vagas, quem não precisa trabalhar em tempo integral para estudar, quem teve um ensino médio que oferecesse suporte para um bom desempenho no Enem, e claro, sobre ter os recursos financeiros necessários seja para mensalidade, transporte, material e moradia.

Não ter consciência dos privilégios que se possui, negando-os ou simplesmente não querendo saber da sua existência é uma maneira de se distanciar de uma possível justiça social, conforme aponta Peggy McIntosh (1989). Aliás, a autora diz que as pessoas são ensinadas a não perceber seus privilégios. Adriana Ribeiro de Macedo, Kerollane Pereira de Araujo Dias, Mariana Costa Loiola, Natalia Correia da Silva Ramos, Susana Engelhard Nogueira e Luís Aureliano Imbiriba (2022, p. 03) acrescentam que:

A recusa do sujeito branco gera resistência em reconhecer o seu racismo ou a existência do racismo e de privilégios raciais. Adicionalmente, quando o sujeito negro fala de seu sofrimento, nem sempre há escuta devido aos mecanismos de defesa. Essa perspectiva de compreensão das resistências ao debate de temas socialmente dolorosos, sensíveis, a partir de seus processos inconscientes se aplica não só à questão racial, mas também a questões de gênero, orientação sexual, classe, dentre outras relações de opressão (Macedo et al., 2022).

Ter uma casa para morar e uma mãe que chegava do trabalho com pão quentinho eram alguns dos privilégios de Íris. Privilégios esses que ela (no caso, eu) tinha dificuldade de perceber como tal, assim como ter dinheiro para pegar ônibus para ir e voltar da faculdade, ter um lanche para comer no intervalo... Isso não quer dizer que não havia dificuldades, mas não dá para negar que também havia privilégios. E são eles (privilégios) que fazem com que não pensemos muito sobre as desigualdades sociais. Exatamente por isso precisamos refletir! Olhar em volta e identificar quem está ao nosso redor, em quais papéis e funções, perceber quem são as outras “estudantes”, quem são as “professoras” e quem são as “responsáveis pela limpeza”. No afeTAR, a Ale mencionou a importância do Teste do Pescoço (Portal Geledés, 2013), que vem a ser você girar seu pescoço e olhar em volta, identificar a presença ou ausência de pessoas negras naquele espaço e observar qual função cada pessoa ocupa. Esse teste fala sobre desigualdade social e econômica pelo viés do preconceito racial. O Teste do Pescoço é uma dinâmica criada pelo Geledés Instituto da Mulher Negra por volta de 2013, e pode ser encontrado no *link* <https://www.geledes.org.br/existe-racismo-brasil-faca-o-teste-pescoco-e-descubra/> (Portal Geledés, 2013).

Quando olhamos para o ES ao longo da sua história no Brasil, observamos que fatores como classe, raça, gênero e sexualidade vêm fazendo com que pessoas não possam acessar tal modalidade de ensino. Mesmo com o passar do tempo e mudanças das leis vigentes, ainda assim, ingressar no ES parece sair da categoria de “direito de todas” para um “mérito individual” que privilegia uma parcela da população. Mas e hoje? As políticas de ações afirmativas iniciadas em 2003, conforme Joaquim Gomes são políticas públicas e (privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física (Gomes, 2007, p. 51). Deusemar Alves Bezerra (2016) diz que “as ações afirmativas constituem-se medidas justas que promovem a igualdade material ou substancial dos grupos minoritários ou vulneráveis, através do acesso a bens disponibilizados pela sociedade” (Bezerra, 2016, p. 86).

O que se espera dos governantes é que compreendam afirmações como, por exemplo, de Aristóteles nos ensinou “Se as pessoas não são iguais, não receberão coisas iguais.” A parte desta certeza devemos entender que precisamos tratar os desiguais de forma diferenciada para que possamos, enfim, alcançar a almejada isonomia. Ou seja, diante de tal imperativo não basta o Estado adotar uma ação neutra, mais que isso, veda-se ao Estado a prática de ações ou projetos que versem sobre a criação, promoção ou execução de discursos e condutas que tenham por essência a cultura da desigualdade e de outros

mecanismos de discriminação e exclusão. A saber, o que se espera do Estado, registre-se, sobretudo, do Estado Democrático de Direito é que ele patrocine, chancela e execute ações, comportamentos e projetos voltados a estancar e superar tais realidades (Bezerra, 2016, p. 06).

Fernanda Vieira Guarnieri e Lucy Leal Melo-Silva (2017, p. 184-185) dissertam que desde 2003, quando a Universidade do Estado do Rio de Janeiro implementou o Programa de Cotas - o primeiro do Brasil - outras universidades também foram aderindo, chegando a 83 IES com Cotas em 2010. “As Cotas Universitárias surgem como um tipo de “ação afirmativa” que visaria à valorização da identidade de grupos étnicos (negros e indígenas) e sociais, além da inserção desses grupos na sociedade” (p. 184) antes mesmo da aprovação da Lei de Cotas nº 12.711 em 2012. Vale lembrar que neste mesmo período o número de IES privadas cresceu e, atualmente elas representam 88% das instituições de educação superior no Brasil (INEP, 2023b, p. 09).

O Censo da Educação Superior 2022 (INEP, 2023b, p. 33) verificou que de 1960 até 1997 o número de matrículas no ES não passava de um milhão, apresentando um crescimento quase linear. Em 1998 chegou a pouco mais de 2 milhões - 2.125.958 - e em 2003 já chegava perto dos 4 milhões de estudantes universitárias - 3.936.933. A partir de 2003 o crescimento do número de pessoas matriculadas foi evidente.

Entre 2012 e 2022, a matrícula na educação superior aumentou 33,8%. [...] Em 43 anos de estatísticas produzidas pelo Inep, o número de matrículas se aproxima da marca de 10 milhões de estudantes na educação superior de graduação. Em 2022, o aumento foi de 5,1%, o maior desde 2015 (INEP, 2023a, p. 32).

O movimento das Ações Afirmativas em busca da democratização do acesso ao ES teve a Lei de Cotas na rede pública de ensino e programas de bolsa e financiamento na rede privada (Prouni e Fies). A imagem a seguir demonstra o gráfico com número de ingressantes por Cota no ES público de 2012 até 2022. Podemos observar que desde 2020, quando vivenciamos a pandemia de Covid-19 esse número caiu.

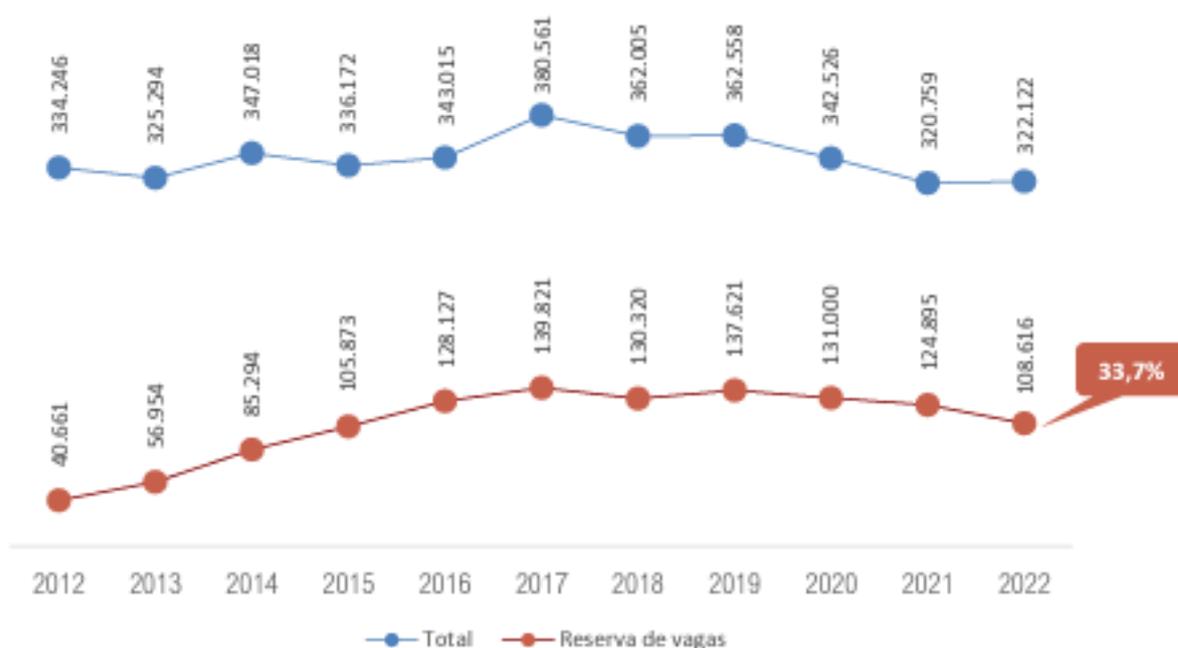
Figura 48.

Número de ingressantes em cursos de graduação na rede federal – Brasil de 2012 a 2022.

Descrição da imagem: Na imagem de fundo branco, são observados dois gráficos de linha que marcam o ingresso em cursos de graduação dos anos de 2012 a 2022. Na parte superior, um gráfico na cor azul marca o ingresso no total, na qual observa-se uma constância com algumas oscilações. No ano de 2020, a marca era de 342.526 ingressantes, com queda para 320.759 em

2021 e 322.122 em 2022. Na parte inferior, um gráfico na cor vermelha marca o ingresso na reserva de vagas, no qual por sua vez é possível observar um aumento constante no número de ingressantes entre 2012 a 2017, quando existe uma estabilização. No ano de 2020, o gráfico marca 131.000 ingressantes, em 2021 marca 124.895 e por fim, 108.616 ingressantes em 2022, que representaram 33,7% dos ingressantes.

Gráfico 34. Número de ingressantes em cursos de graduação na rede federal – Brasil 2012-2022



Fonte: INEP (2023a).

Em 2022, 4,7 milhões de alunos ingressaram em cursos de graduação. Desse total, 89% em instituições privadas (INEP, 2023b, p. 15). E essa diferença vem sendo observada nos últimos 10 anos, conforme o Prouni e o Fies foram sendo mais utilizados. Embora haja mais estudantes, dentro do ES se pode observar evidências da discriminação. Conforme Matheus Monteiro Nascimento (2020, p. 28) a primeira vez ao longo da história do ES no Brasil que a maioria das estudantes não eram brancas foi em 2019. Ele trouxe dados do INEP 2018 organizados numa tabela que mostra o número e percentual de candidatas que atingem a nota de corte para cada curso, apontando que as pessoas brancas “tendem ainda a ocupar as posições mais destacadas nas instituições de ensino, corroborando a noção de que a branquitude consiste na ocupação de posição de vantagem no espaço social” (Nascimento, 2020, p. 28). Ou seja, à

medida que as pessoas brancas têm mais acesso a cursos que costumam ter maior remuneração, sugere-se que se mantenham as desigualdades sociais.

Tabela 3.

Número e percentual de candidatos que atingem a nota de corte para cada curso.

	Lic. Física		Administração		Eng. Civil		Medicina	
Amarela	25438	87,68%	7072	24,38%	1585	5,46%	36	0,12%
Branca	449079	92,17%	171080	35,11%	39676	8,14%	823	0,17%
Indígena	6347	77,13%	778	9,45%	60	0,73%	0	0,00%
Parda	479454	83,33%	97409	16,93%	13324	2,32%	178	0,03%
Preta	120279	84,00%	21275	14,86%	2004	1,40%	15	0,01%

Fonte: Nascimento (2020).

Outro gráfico do mesmo autor, que não poderia deixar de trazer para cá, demonstra o percentual de estudantes com acesso à *internet* e computador disponível em casa. Esse dado evidencia como as desigualdades sociais estão atravessadas pelo fator racial. A maioria das estudantes que possuem computador e acesso à *internet* em casa são brancas.

Tabela 4.

Percentual de estudantes com acesso à internet e computador disponível em casa.

	Na sua residência tem acesso à internet?		Na sua residência tem computador?				
	Não	Sim	Não	Sim, 1	Sim, 2	Sim, 3	Sim, 4 ou mais
Amarela	34,16%	65,84%	59,43%	37,92%	2,64%	0,36%	0,15%
Branca	26,45%	73,55%	48,13%	47,16%	4,01%	0,56%	0,14%
Indígena	48,49%	51,51%	69,25%	28,29%	2,06%	0,26%	0,14%
Parda	42,40%	57,60%	65,38%	31,51%	1,82%	0,24%	0,05%
Preta	38,22%	61,78%	62,95%	34,89%	1,87%	0,21%	0,07%

Fonte: Nascimento (2020).

Para Maria Aparecida da Silva Bento (2002) “evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da branquidade, o que não é pouca coisa”. Por isso, ao analisar acesso ao ES e

desigualdade social é preciso olhar para raça, gênero, etnia, sexualidade e toda forma de discriminação (Bento, 2002, p. 28).

Para um ES mais democrático, de fato, muitas mudanças ainda são necessárias. Considerando um país com território tão extenso com sua diversidade social, cultural e econômica, torna-se imprescindível que as interseccionalidades sejam consideradas ao longo do planejamento e, principalmente, na prática das ações voltadas para a educação no país.

O apagamento social das intersecções cumpre a função de invisibilizar relações de opressão e privilégios, ocultando as lógicas que demarcam espaços para determinados corpos/fenótipos/experiências subjetivas. Para entender tais articulações é preciso que a pesquisa interseccional faça outras perguntas aos fenômenos que historicamente têm sido abordados pelas metodologias científicas numa perspectiva de neutralidade, imparcialidade e centralidade da visão do pesquisador sobre os fenômenos estudados (Siqueira et al., 2019).

6 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 49.

Meme “dando aquela última lida na tese/dissertação”.

Descrição da imagem: Quadrado em moldura preta com fundo amarelo, sendo um post do perfil chamado depressãoposgraduacao, onde há uma imagem de um sapo de pelúcia segurando o que seria seu filho enrolado numa coberta branca, na primeira parte o sapo diz “coisa feia” enquanto olha para seu filhote, e na imagem ao lado diz “eu que fiz”. Vem escrito abaixo da imagem “Antes de mandar para a banca”. Na legenda “quando você não tem mais tempo, e só precisa entregar”. 1005 curtidas.



Corpos femininos de carne, osso, pele, afetos e tela; pessoas, mulheres, universitárias, híbridas que se encontram num mundo virtual, onde contam histórias que vivenciaram em algum momento ao longo da formação acadêmica, no ES. Como elas entraram nesse mundo? Pela tela do *smartphone*, do *notebook* ou qualquer aparelho semelhante. Mas o *smartphone* é quem está ali, praticamente 24h, acoplado, como um pedaço orgânico. É como se a tela se

tornasse uma terceira face que “dá a cara a tapa” na imensidão *online*, seja através de textos de autorrelato, ou textos compartilhados, imagens, vídeos ou *memes*.

Dar a cara a tapa é uma expressão que significa enfrentar de frente. E foi isso que aconteceu, dei a cara a tapa diante de tantas histórias que me atravessaram através da tela resultando, por muitas vezes, em lágrimas. Também tive a fase dos risos, principalmente com os *memes*, que me proporcionaram aquele famoso “rindo de nervoso”, que é quando uma pessoa rir pra não chorar, ri por conseguir fazer piada de situações ruins, fruto do famoso tragicômico.

Conhecer a história do ES no Brasil foi fundamental para compreender sobre essa modalidade de ensino nos dias atuais, atravancada por tanta desigualdade de acesso por parte de uma população tão diversa. Atrevo-me a dizer que os filhos dos senhores do engenho de antigamente, são os filhos do privilégio de hoje. Filhos no masculino mesmo, pois quando se trata de nós, mulheres, continua havendo muito mais dificuldades. Pois se enquanto colônia nosso primeiro acesso à educação era para sermos boas esposas e mães, atualmente somos esposas, mães, filhas, estudantes universitárias, pesquisadoras, cientistas. Ainda é nossa a tripla ou quádrupla jornada de trabalho. Com isso, ainda é nossa a sobrecarga, o cansaço.

É muito difícil ser mulher numa sociedade patriarcal, machista, misógina, racista, capacitista, dentre outras formas de desigualdade social. Ser estudantes universitária traz consigo essa dificuldade, embora esperamos que a educação possa mudar e melhorar o mundo, ainda temos muita luta pela frente. A porta que se abre na tela dos *smartphones* conectados à *internet* é uma oportunidade de nós, mulheres, podermos falar sobre o que tem sido historicamente calado. Stela Nazareth Meneghel (2019) afirmou que no decorrer dessa história pautada nas desigualdades, as mulheres foram sistematicamente excluídas e a ciência ocupou “um espaço unilateral, pois, via de regra, outras vozes – femininas, negras, indígenas, não ocidentais, homossexuais, transexuais, rurais e imigrantes – foram e são silenciadas” (Meneghel, 2019, p. 02).

O Boletim Jurídico Nacional - Violências nas Universidades: O acolhimento às vítimas e enfrentamentos às violências de gênero e raça, coordenado pelo Programa de Extensão Fordan da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES): Cultura no Enfrentamento às Violências afirmou que:

As instituições de ensino superior reproduzem um microcosmo da sociedade brasileira, extremamente patriarcal, hierarquizada, homofóbica, racista e misógina. As pessoas que se tornam vítimas de assédio e de discriminação encontram uma grande dificuldade de furar esta bolha para denunciar quem as violentaram, se sentindo incapazes e descrentes nos mecanismos de proteção. [...] O assédio nas universidades é um assunto vital para a

permanência de nós mulheres dentro da academia, para elaboração e descoberta de novos saberes (Boletim Nacional, 2023, pp. 23-24).

Os regulamentos internos e as ouvidorias gerais das IES não estão dando conta de tantas violências. Carla Apollinario de Castro disse (Boletim Nacional, 2023, p. 32) que as instituições precisam se implicar mais no que acontece dentro de seus muros e “admitir que, como parte indissociável da sociedade, são passíveis de reproduzir as violências e adotar protocolos específicos voltados à prevenção e repressão de toda e qualquer forma de discriminação e violência em seus âmbitos de atuação”. As autoras desenvolveram o conceito de violência acadêmica, que podem ser:

Assédios sexuais que ocorrem em salas de aula, em grupos de estudos, na biblioteca, são estupros coletivos ou corretivos, que acontecem nas áreas externas das Universidades, nos caminhos de acesso perigosos, sem seguranças dos campos universitários, com baixa luminância, enfim, são violências físicas e psicológicas, injúrias e calúnias, que denotam menosprezo, ao fato da/as vítima/s serem mulheres e/ou integrantes da comunidade LGBTQ+. Lado outro é importante visibilizar também, que o assédio sexual, pode ocorrer de forma simbólica, através de comentários, gestuais e verbalizações sexualmente explícitas, carícias, abraços não consentidos, ameaças/insinuações sobre uma possível avaliação prejudicial, e/ou propostas de facilitação de notas altas em troca de “vantagens sexuais”, podendo ocorrer nas relações professor/estudante, e entre os próprios professores/as, e os próprios estudantes (Boletim Nacional, 2023, p. 15)

Ariane Guanini da Silva, Nuria Criado Scarpin, Maria Eduarda Monico Timoteo Silva, Luisa Grespan Danhoni Neves, Luciane Ferreira Silva, Marcos Cesar Danhoni Neves e Josie Agatha Parrilha da Silva acrescentam que a “agressão moral, intelectual e sexual são as principais vivenciadas no meio acadêmico. Tais violências fazem com que as vítimas se afastem desse ambiente ou até desistam” (Silva et al., 2022, p. 88). Alfredo Macedo Gomes e Karine Nunes de Moraes dizem que o modelo do ES traz fortes marcas de um histórico “fechado, meritocrático e seletivo, destinado a incorporar apenas os membros das classes sociais privilegiadas” (Gomes & Moraes, 2012, p. 186). Para o Boletim Nacional - Violências nas universidades: o acolhimento às vítimas e enfrentamentos às violências de gênero e raça, uma maneira de lidar com a persistência desse modelo é:

As universidades brasileiras precisam aprender com os erros históricos. Criar instâncias de indução de equidade de gênero, identidade de gênero e raça deve ser prioridade. Precisam ser implantadas ouvidorias, conselhos de discussão e proposição de novas

políticas inclusivas, além de coordenações que pactuem essas demandas dentre outras ações que estimulem o debate e incorporem em espaços decisórios essas ações. Com ações concretas e propositivas será possível reverter a desigualdade histórica que ainda perpassa esses espaços acadêmicos. [...] É importante, por óbvio que diversas universidades do Brasil tenham formulado resoluções internas no que diz respeito à discriminação e ao assédio, mas falta colocar em prática tais ações, e dar transparência, para incentivar que as demais universidades façam o mesmo, e as vítimas se ancoragem a denunciar, ao se sentirem acolhidas, legitimadas e protegidas (Boletim Nacional, p. 09; 19)

Mas como aprender com os erros que ainda são tão presentes e até mesmo normalizados? Como falar desses erros quando, na maioria das vezes, a figura agressora ocupa um lugar de poder? Com quem ou onde falar? Quantas estudantes não denunciam situações absurdas por medo de falar com a coordenação, isso quando o tal #MeuProfDr ocupa o cargo da coordenação ou, simplesmente, banalizam tais violências.

Estar por trás de uma tela ajudou muitas mulheres a falar o que vivem e sentem. Arrisque-me a dizer que, atualmente, em 2024, é possível que realizemos manifestações e protestos na modalidade *online*. E penso que possamos encontrar isso nas *hashtags* como: #meuprofdr, #nãoénormal, #suaalunanaoeumanovinha, dentre outras. Pois também é assim que as pessoas se encontram hoje, por *hashtags*, perfis com temas específicos, navegando pelas redes sociais. Parece que a vida *online* e *offline* estão cada dia mais juntas e articuladas quase que numa aglutinação - um modo de unir partes que depois fica difícil diferenciar quem é quem, formando assim uma nova unidade. Isso me faz retornar ao conceito de ciborgue, de Donna Haraway (1985), a figura feminina composta da união organismo-máquina em busca de emancipação. A autora, que prefere “ser uma ciborgue a uma deusa”, dialoga com as palavras de Bruno Latour (1984) e defende que a articulação entre ciência e tecnologia resulta em renovadas fontes de poder, análise e ação política. “Alguns dos rearranjos das dinâmicas da raça, do sexo e da classe, enraizados nas relações sociais propiciadas pela cultura high-tech (alta tecnologia), podem tornar o feminismo-socialista mais relevante para uma política progressista eficaz” (Haraway, 1985, p. 67).

O caminho na direção da diminuição das desigualdades está relacionado ao desenvolvimento tecnológico? O Boletim Nacional - Violência nas Universidades: o acolhimento às vítimas e enfrentamento às violências de gênero e raça (Boletim Nacional, 2023, p. 38) pontuou que “individualmente foram mulheres quilombolas, indígenas, trabalhadoras, mães (muitas solo) que enfrentaram o sistema patriarcal, colonial e ultraviolento ao longo da

História do Tempo Presente e, nas universidades, não pode ser diferente” (2023, p. 38). Seriam as mulheres-ciborgues essenciais para esse enfrentamento? Para Donna Haraway (1985) a escrita ciborgue tem a ver com sobrevivência, “com base na tomada de posse dos mesmos instrumentos para marcar o mundo que as marcou como outras. Os instrumentos são, com frequência, histórias recontadas, que invertem e deslocam os dualismos hierárquicos de identidades naturalizadas” (Haraway, 1985, p. 86).

As mulheres que foram excluídas do acesso à educação, limitadas às atividades do lar, diminuídas, ridicularizadas e até agredidas nas redes sociais, são as mulheres que hoje se empoderaram de si, utilizam as ferramentas em seu favor e ocupam os espaços que querem ocupar. São as mulheres que fazem ciência, que ensinam com afeto sem perder o rigor, que dão as mãos umas às outras como forma de apoio, que vêm de uma história em que cuidam de todas ao seu redor, menos de si, mas agora começam a aprender a se colocar em primeiro lugar, a ser sua própria prioridade.

AS mulheres, AS universitárias, AS pesquisadoras, A internet, AS redes sociais, A tela, AS universidades, A luta, A mudança giram em torno delAS. Fiz questão de destacar AS para evidenciar quantas vezes o feminino se manifesta. Nós, mulheres que estamos no ambiente acadêmico precisamos trazer mais mulheres para cá, principalmente aquelas que acham que não conseguem ou que não é o seu lugar, aquelas que querem, mas não sabem como entrar nesse caminho. Esse movimento tem que ser executado por muitas partes, desde a educação básica, moradia, alimentação, até as medidas de democratização de acesso ao ES que não pode se bastar em abrir vagas, mas sim em garantir a permanência das estudantes em um ambiente acadêmico que não seja nocivo à integridade física nem à saúde mental. Cabe às IES implantar “ouvidorias, conselhos de discussão e proposição de novas políticas inclusivas, além de coordenações que pactuem essas demandas dentre outras ações que estimulem o debate e incorporem em espaços decisórios essas ações” (Boletim Nacional, 2023, p. 09).

Eu precisei estar COM os actantes que fazem esse caminho existir para entender que fazer ciência tem a ver com saberes localizados, corporificados, heterogêneos, assim como apontou Donna Haraway em *Saberes Localizados* (1995). Segundo a autora, “não é possível realocar-se em qualquer perspectiva dada sem ser responsável por esse movimento” (Haraway, 1995, p. 25). Quando fui aceita no afeTAR, admirava as pesquisas das pessoas que compunham o laboratório, mas me parecia quase impossível eu conseguir fazer algo minimamente à altura. E foi essa tese que me permitiu, de fato, aprender.

Ciência no feminino é um desafio e forma de resistência diante de uma sociedade machista em que vivemos. Ao mesmo tempo sinto esperança quando penso na força que as

mulheres estão ganhando na ciência, em saber que a maioria das estudantes universitárias são mulheres, que aliás, a maioria da população no Brasil hoje é composta por mulheres, sendo um total de 203.080.756 pessoas, onde temos 104.548.325 mulheres e 98.532.431 homens. A mulher tem, hoje, sua força alimentada pelo movimento feminista.

O feminismo tem a ver com as ciências dos sujeitos múltiplos com (pelo menos) visão dupla. O feminismo tem a ver com uma visão crítica, conseqüente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero. [...] A questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. Suas imagens não são produtos da escapatória ou da transcendência de limites, isto é, visões de cima, mas sim a junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meios de corporificação finita continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar (Haraway, 1995, p. 31; 33-34).

As IES, essas mesmas que fazem ciência, precisam se inclinar mais em fazer projetos de extensão e pesquisa dialogando com a história e o cenário social e sua pluralidade. O ambiente acadêmico tem potencial para ser um lugar de acolhimento, cuidado, respeito, principalmente se a ciência feminista se engajar cada vez mais.

É importante a utilização dos recursos disponíveis, como o caso da *internet* e das redes sociais, além de novas tecnologias que surgiram nesse meio tempo, como o *Chat GPT*, por exemplo. A informação precisa se encontrar com as pessoas, e o que as pessoas vivenciam precisa encontrar acolhimento, socorro, mudança e justiça.

Do lado de cá da tela do *notebook* chego ao último capítulo desta tese. A tela foi a minha grande companheira, esteve comigo 24 horas por dia (no caso do *smartphone*). Essa tela que quando desligo ou bloqueio o aparelho, consigo me ver. E quando ligo, conectada à *internet*, me leva para onde eu quiser e puder ir. A tela foi a minha estrada até aqui, me permitiu conhecer histórias, adquirir conhecimento, dialogar com as autoras das referências que utilizei. Aliás, se eu li dois livros em papel foi muito... Estava tudo aqui, na tela!

Espero que do outro lado da tela esse estudo encontre as pessoas que precisam ler o que está aqui, e quando falo “precisam”, refiro-me às pessoas que não conhecem os recursos disponíveis para acessar o ES. Se eu pudesse fazer um pedido, seria que as minhas palavras possam encontrar as mulheres que acham que seu sonho de ir para universidade não é possível, e que as universitárias que já estão em formação tenham voz, sejam respeitadas e possam ocupar

esse lugar sem ataques machistas, racistas, classicistas, capacitistas ou de qualquer outra forma de discriminação.

Uma carta para Íris... A última carta

Oi, Iris... Não foi fácil passar por esses mais de dez anos como estudante em diferentes universidades, não é mesmo?! Graduação, mestrado e agora doutorado. Gostaria de dizer que você conseguiu, independente de qualquer resultado, até porque ainda nem passamos pela banca, mas você conseguiu! Aprendeu a fazer pesquisa com um método que você realmente admira, a não se cobrar nem culpar tanto e, acima de tudo, aprendeu a se cuidar e respeitar, e é por isso que posso afirmar que você conseguiu! Aprendeu a pedir ajuda, a pertencer a um grupo (laboratório), aprendeu que ser lida por muitas pessoas é muito bom e que escrever a muitas mãos torna o caminho mais leve.

Já percebeu que tem um tempo que você não chora? Aliás, agora o choro é outro... É de alívio e felicidade, ainda que um pouco desacreditada em estar aqui. Eu sei que você não tem certeza do motivo que te fez escolher esse caminho, pois a sua pressa e medo de “não ser ninguém na vida” te aterrorizou por anos e anos. Sei de cada dificuldade que passou, cada crise de ansiedade que você teve, cada fase depressiva, do sono excessivo, das noites de insônia, cada vez que pensou em desistir de tudo... Sei que você tem ou tinha uma tendência feia a achar que tudo que você faz e escreve está péssimo e de achar que você é a pessoa mais “burra” que existe, mas fecho os olhos e posso perceber que você sente uma paz com você mesma, que agora sabe que fez o seu melhor e esse melhor te fez tão bem.

Graças a você, a essa jornada e a todas as pessoas envolvidas eu voltei a perceber e sentir as coisas boas da vida, voltei a me sentir viva... Ainda não sei muito bem o que fazer com isso, mas essa incerteza já não me amedronta mais. Gostaria de lhe dizer que você sempre foi alguém! Você sempre foi você! E peço desculpa por ter feito você duvidar disso por tantas vezes.

Sem você, Íris, nada disso teria acontecido. Eu precisei de você como meu avatar para compreender dar um direcionamento mais saudável para tanta coisa que já vivenciei em diferentes IES e na vida...

Sou imensamente grata a você por me ensinar a ser eu!

REFERÊNCIAS

- Araujo, E. V. F., & Vilaça, M. L. C. (2016). Sociedade conectada: Tecnologia, cidadania e infoinclusão (pp. 17-40). In: M. L. C. Vilaça; E. V. F. Araujo (Orgs.). *Tecnologia, Sociedade e Educação na era digital*. Universidade Unigranrio.
http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeeducacaonaeradigital_011120181554.pdf
- Arendt, R., Moraes, M., & Tsallis, A. (2015). Por uma psicologia não moderna: o PesquisarCOM como prática meso-política. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(4), 1143-1159. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844506002>
- Associação Brasileira de Estágios [ABRES]. (2023). *Estatísticas*.
<https://abres.org.br/estatisticas/>
- Beauvoir, S. (1970). *O Segundo Sexo – Fatos e Mitos*. Difusão Europeia do Livro.
- Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://doi.org/10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514>
- Bezerra, D. A. (2016). *Ações afirmativas e o princípio da igualdade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa] Sistema Integrado de Bibliotecas Repositório.
<http://hdl.handle.net/10451/32135>
- Boletim Nacional. (2023). *Violência nas Universidades: O acolhimento às vítimas e enfrentamento às violências de gênero e raça*.
https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/boletim_nacional_fordan_e_parcerias_2_023.pdf
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Branco, U. V. C. (2004). *A construção do mito do meu filho doutor: fundamentos históricos do acesso ao ensino superior no Brasil-Paraíba* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco] Repositório Digital da UFPE.
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7452>
- Brasil. (1810). *Carta de Lei de 4 de dezembro de 1810*. Cria uma Academia Real Militar na Corte e Cidade do Rio de Janeiro. <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/18325>

Brasil. (1932). *Decreto nº 21.076 de 24 de fevereiro de 1932*. Decreta o Código Eleitoral. <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=21076&ano=1932&ato=7540zZE5UMBpXTb04>

Brasil. (2023). *Guia de Boas Práticas para Acessibilidade Digital: Programa de Cooperação entre Reino Unido e Brasil em Acesso Digital*. <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-e-usuario/acessibilidade-digital/guiaboaspraaticasparaacessibilidadedigital.pdf>

Brasil. (1827). *Lei de 11 de agosto de 1827*. Crêa dous Cursos de sciencias Juridicas e Sociaes, um na cidade de S. Paulo e outro na de Olinda. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim.-11-08-1827.htm

Brasil. (1989). *Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989*. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%202%C2%BA%20\(Vetado\).](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%202%C2%BA%20(Vetado).)

Brasil. (1996a). Presidente (1995-2002): Fernando Henrique Cardoso. *Discurso na abertura do seminário internacional “Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos estados democráticos contemporâneos”*. Brasília, 2 de julho de 1996. <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/discursos/1o-mandato/1996-1/02.pdf>

Brasil. (1996b). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

Brasil. (2006). *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm

Brito, M. A. M. (2021). *Retirância-mulher: Uma epistemologia nordestina produzida COM as extra-vagâncias e assentamentos da vida*. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro] Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ.

Carta Capital. (2023). *1 em cada 5 jovens brasileiros deixou a escola sem ter concluído o Ensino Médio*. <https://www.cartacapital.com.br/educacao/um-em-cada-cinco-jovens-brasileiros-deixou-a-escola-sem-ter-concluido-o-ensino-medio/>

Casanova, J. R., Araújo, A. M., & Almeida, L. S. (2020). Dificuldades na adaptação acadêmica dos estudantes do 1º ano do Ensino Superior. *Revista E-Psi*, 9(1), 165-181. <https://artigos.revistaepsi.com/2020/Ano9-Volume1-Artigo11.pdf>

Castioni, R., Melo, A. A. S. D., Nascimento, P. M., & Ramos, D. L. (2021). Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. *Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação*, 29(111), 399-419. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002903108>

Centro de Valorização da Vida [CVV]. (2021). *Suicídio entre universitários*. <https://cvv.org.br/suicidio-entre-universitarios/>

Centro Tecnológico de Acessibilidade [CTA]. (2019). *Conceito*. <https://cta.ifrs.edu.br/acesibilidade-digital/conceito/>

Ciribeli, J. P., & Paiva, V. H. P. (2011). Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. *Revista Mediação*, 13(12), 57-74. <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/509>

Conexão PUC-Minas. (2022). *Entenda o que é o Mindfulness e seus benefícios para o aprendizado*. <https://conexao.pucminas.br/blog/dicas/mindfulness/>

Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2022). *CensoPsi 2022: CFP divulga os resultados da maior pesquisa sobre o exercício profissional da Psicologia brasileira*. <https://site.cfp.org.br/censopsi-2022-cfp-divulga-os-resultados-da-maior-pesquisa-sobre-o-exercicio-profissional-da-psicologia-brasileira/#:~:text=O%20que%20diz%20o%20CensoPsi,jovem%2C%20como%20aponta%20a%20pesquisa>

Costa, A. B. L. (2022). *Velhas e novas barreiras, novos e velhos atores: descompasso entre tecnologias e regulação das comunicações no Brasil*. [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília] Repositório da Universidade de Brasília. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/44582>

Dawkins, R. (2001). *O gene egoísta*. Itatiaia.

Despret, V. (1999). *Ces émotions qui nous fabriquent: ethnopsychologie de émotions*. Les Empêcheurs de Penser en Rond.

Feclesc, N. B. (2010). Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. (pp. 1-8). In: *Conferência Internacional sobre os Sete Saberes*. Ministério Público do Estado da Bahia. <http://dspace.sistemas.mpba.mp.br/jspui/handle/123456789/806>

Ferraz, C. P. (2019). A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos qualitativos em mídias online. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, 12(35), 46-69. https://doi.org/10.23925/v12n35_artigo3

Fernandes, L., & Araújo, A. (2019). Rir é bom, mas rir de tudo é desespero? *Anais do XV Encontro de Iniciação Científica da UNI7*, 9(1), 1-5. <https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/998>

Furquim, C. H. B. (2019). A Pesquisa Identitária e o Sujeito que Pesquisa. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 5(1), 11-23. <https://doi.org/10.9771/cgd.v5i1.31914>

Gama, L. P. (2018). *A função social e política do humor no trabalho* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília] Repositório da Universidade de Brasília. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_d12cf6232c42271592e26f6e9fc5f952

Geertz, G. (2008). *A interpretação das culturas*. LTC. (Trabalho original publicado em 1976).

Gomes, A. M., & Moraes, K. N. de. (2012). Educação Superior no Brasil contemporâneo: Transição para um sistema de massa. *Educação & Sociedade*, 33(118), p. 171-190. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000100011>

Gomes, J. B. B. (2007). *A Recepção do instituto da ação afirmativa pelo direito constitucional brasileiro*: ações afirmativas e o combate ao racismo nas Américas. MEC.

Gondim, S. M. G. (2002). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 12(24), 149-161. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>

Graner, K. M., & Cerqueira, A. T. D. A. R. (2019). Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1327-1346. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>

Grossman, R. (1980). Women's place in the integrated circuit. *Radical America*, 14(1), 29-50.

Guarnieri, F. V., & Melo-Silva, L. L. (2017). Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1), 183-193. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702121100>

Haraway, D. (1985) Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX (pp. 33-118). In: D. Haraway, H. Kunzru, T. Tadeu (orgs.) *Antropologia do ciborgue*: as vertigens do pós-humano. Autêntica.

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>

Harayama, Y. (2017). Society 5.0: Aiming for a New Human-centered Society. *Hitachi Review*, 66(6), 8-13. https://www.hitachi.com/rev/archive/2017/r2017_06/pdf/p08-13_TRENDS.pdf

Hine, C. (2008). *Etnografia Virtual*. Editorial UOC. <http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtual-ethnographys-e3-internet/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2023). *Pessoas com deficiência têm menor acesso à educação, ao trabalho e à renda*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37317-pessoas-com-deficiencia-tem-menor-acesso-a-educacao-ao-trabalho-e-a-renda#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20com%20defici%C3%Aancia%20no,defici%C3%Aancia%2C%20da%20Pnad%20Cont%C3%ADnua%202022>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2018). *Taxa de ingresso ao nível superior é maior entre alunos da rede privada*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23300-taxa-de-acesso-ao-nivel-superior-e-maior-entre-alunos-da-rede-privada>

Instituto Federal de Santa Catarina [IFSC]. (2020). *Decifrando o ENEM*. https://www.ifsc.edu.br/postagens-blog-intercambistas/-/asset_publisher/qYC5Mt2Bw6wv/content/id/1927371/decifrando-o-enem

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP]. (2019). *Censo da Educação Superior 2018*. Brasília. https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP]. (2023a). *Censo da Educação Superior 2022*. Brasília. https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP]. (2023b). *Censo da Educação Superior 2022 – Notas Estatísticas*. MEC. https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2022.pdf

Jornal da Paraíba. (2023). *10 músicas sobre desigualdade social no Brasil*. <https://jornaldaparaiba.com.br/qualeaboa/musicas-sobre-desigualdade-social/#:~:text=Xibom%20Bombom%20%E2%80%93%20As%20Meninas,qualidade%20nutricional%20na%20alimenta%C3%A7%C3%A3o%20cotidiana>

Kabat-Zinn, J. (1990). *Full catastrophe living: Using the wisdom of your body and mind to face stress, pain, and illness*. Dell Publishing.

Kotler, P. (2017). *Marketing 4.0*. GMT Editores.

Kupermann, D. (2003). *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Editora Record.

Latour, B. (2001). *A Esperança de Pandora*. EDUSC.

Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. Editora 34.

Latour, B. (2012). *Reagregando o social – Uma introdução à Teoria do AtorRede*. EDUFBA.

Leal-Toledo, G. (2013). Em busca de uma fundamentação para a Memética. *Trans/Form/Ação*, 36(1), 187-210. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732013000100011>

Loiola, M. C., Alves, H. D. Q., Vaz, M. F., Oliveira, A. P. D., Imbiriba, L. A., & Macedo, A. R. D. (2019). Caminhada do Privilégio e as Causas Percebidas da Desigualdade Social: um

debate com estudantes de educação física. *Movimento*, 25, e25072.

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.88644>

Lopes, P. F., Souza, T. S., & Zaidan, F. H. (2020). Sociedade 5.0 correlacionada com a indústria 4.0 e a transformação digital. *Instituto de Educação Tecnológica (IETEC)*.

<https://contecsi.submissao.com.br/arquivos/6413.pdf>

Macedo, A. R., Dias, K. P., Loiola, M. C., Ramos, N. C., Nogueira, S. E., & Imbiriba, L. A. (2022). Emoção e Percepção de Estudantes de Ensino Médio na Caminhada do Privilégio.

Educação & Realidade, 47, e108437. <https://doi.org/10.1590/2175-6236108437vs01>

Maria da Penha Virtual. (2024). *Maria da Penha Virtual*.

<https://www3.tjrj.jus.br/mariapenhavirtual/>

Martins, F. D. (2021). A persistência do privilégio: uma história das estruturas e das hierarquias do Brasil. *CLIO: Revista Pesquisa Histórica*, 39(1), 508-513.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/248419/38006>

Mauss, M. (1947). *Manual de Etnografia*. Ed. Dom Quixote.

McIntosh, P. (1989). *White privilege: unpacking the invisible knapsack*. The Nation Seed Projectct. <https://doi.org/10.4324/9781351133791-4>

Mello, D. M., do Nascimento, L. K., & Bengezen, V. C. (2021). *Percursos metodológicos inventivos: desafios e potências na escrita acadêmica*. Pimenta Cultural.

<https://doi.org/10.31560>

Meneghel, S. N. (2019). Será a universidade imune às discriminações sociais? *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e190577. <https://doi.org/10.1590/Interface.190577>

Ministério da Defesa. (2023). *Assédio Sexual é crime. Você sabe como identificá-lo?*

<https://www.gov.br/defesa/pt-br/aceso-a-informacao/governanca-e-gestao/portal-da-integridade-unindo-forcas-em-prol-da-integridade/assedio-sexual-e-crime-voce-sabe-como-identifica-lo-2#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20C%C3%B3digo,emprego%2C%20cargo%20ou%20fun%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D>

Ministério da Educação [MEC]. (2020). *Alunos conectados*. <https://www.gov.br/mec/pt-br/alunosconectados>

Ministério da Educação [MEC]. (2019). *Mais de 3,9 milhões de candidatos participam do primeiro dia do Enem 2019*. <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/418-enem-946573306/82111-mais-de-3-9-mil-candidatos-participam-do-primeiro-dia-do-enem-2019>

Moraes, M. (2004). A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, 11(2), 321-333. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702004000200006>

Moraes, M. (2010) PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. (pp. 26-51). In: M. Moraes; V. Kastrup (orgs.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Nau.

Morgan, D. (1997). *Focus group as qualitative research* (16ª ed.). Sage Publications.

Nascimento, M. M. (2020). Os privilégios da branquitude e a reprodução de desigualdades sociais na educação brasileira. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, 10(2), 21-33. <https://doi.org/10.30681/ecs.v10i2.4002>

Nazar, S. (2023, 29 de junho). *Brasileiros passam em média 56% do dia em frente às telas de smartphones e computadores*. Jornal da USP. <https://jornal.usp.br/atualidades/brasileiros-passam-em-media-56-do-dia-em-frente-as-telas-de-smartphones-computadores/>

Observatório de Educação Ensino Médio e Gestão. (2023). *Enem: Entenda como funciona o Exame Nacional do Ensino Médio*.

<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/enem>

Oliveira, A. C. de. (2020). *O Ensino Superior no Brasil: Uma análise histórica* [Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto Federal Goiano]. Repositório Institucional do Instituto Federal Goiano. <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1380>

Patel, K. (2013). Incremental journey for World Wide Web: introduced with Web 1.0 to recent Web 5.0—a survey paper. *International Journal of Advanced Research in Computer Science and Software Engineering*, 3(10), 410-417.

<https://www.academia.edu/download/37396976/V3I10-0149.pdf>

Portal Geledés. (2013). *Existe racismo no Brasil? Faça o Teste do Pescoço e descubra*.

<https://www.geledes.org.br/existe-racismo-brasil-faca-o-teste-pescoco-e-descubra/>

Prestelo, E. T., de Toledo Quadros, L. C., & Moraes, M. O. (2018). Laboratório Gestáltico e Laboratório PesquisarCOM: práticas no rastro de uma psicologia no feminino. *Revista de Psicologia*, 9(2), 50-59.

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37145/1/2018_art_etprestelolctquadros.pdf

Quadros, L. C. T., Moraes, M., Galindo, D. C. G, Monteiro, A. C. L. (2020). Editorial PPP. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(3), 1-4.

http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/4022/2408

Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Sulina.

Recuero, R. (2014). Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Verso e Reverso*, 28(68), 114-124.

<https://doi.org/10.4013/ver.2014.28.68.06>

Ribeiro, D. Superior. (2023). In *Dicio*. <https://www.dicio.com.br/superior/>

Rocha, B. A. B., Lima, F. R. S., & Waldman, R. L. (2020). Mudanças no papel do indivíduo pós-revolução industrial e o mercado de trabalho na sociedade da informação. *Revista Pensamento Jurídico*, 14(1), 1-21.

<https://ojs.unialfa.com.br/index.php/pensamentojuridico/article/view/419>

Santana, J. L. (2013). *Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Paraná]

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2013/historia_artigos/santana_m.pdf

Salata, A. (2018). Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: redução nas desigualdades de acesso?. *Tempo Social*, 30, 219-253. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.125482>

Santos, G. B. (2018). *Mindfulness: seu histórico e a percepção de estudantes universitários a uma adaptação de protocolos* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Dissertações e Teses da UFRRJ.

<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/5413>

Santos, J. P. L. D., & Moreira, N. R. (2020). Mulher negra e educação superior: impasses históricos e atuais. (pp. 12-21). In: A. J. N. Silva (org.). *Museu Pedagógico e Memória Educacional*. Atena Editora. <https://core.ac.uk/download/pdf/229295171.pdf>

Santos, R. O. (2022). Algoritmos, engajamento, redes sociais e educação. *Acta Scientiarum*, 44, e52730. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v44i1.52736>

Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação [SEMESP]. (2023). *Mapa do Ensino Superior no Brasil* (13ª ed.). <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/mapa-do-ensino-superior-no-brasil-2023.pdf>

Silva, A. F. (2022). *“Fogo nos racistas!”: A pedagogia decolonial do rap*.

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/623158-fogo-nos-racistas-a-pedagogia-decolonial-do-rap>

Silva, A. G., Scarpin, N. C., Silva, M. E. M. T., Neves, L. G. D., Silva, L. F., Neves, M. C. D., & da Silva, J. A. P. (2022). A mulher na ciência: Um breve histórico e reflexões sobre políticas e ambiente laboral. *Revista Vitruvian Cogitationes*, 3(2), 81-94.

<https://doi.org/10.4025/rvc.v3i2.66085>

Silva, C. M. (2015). Antropologias do sensível: etnografia e ficção como artes de fazer pesquisa. In: *Reunião Equatorial de Antropologia/ Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste*. EDUFAL. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21246>

Silva, G. L. (2012). Arte e Cultura dos Memes. *Polem!ca*, 11(1), 130-134. <https://doi.org/10.12957/polemica.2012.2999>

Silva, K. O. V. (2004). *Cartas à Deficiência Visual: História(s) de um dispositivo clínico* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro] Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/15242>

Silva, O. O. (2019). *Ansiedade e envolvimento acadêmico: Um estudo com acadêmicos de Psicologia* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba] Repositório Institucional da UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18044>

Silva, T. A., Moraes, M. O., Couto, C. S. R., Trebisacce, D. C. R., Vaz, J. P. C., da Silva Pestana, K., ... & de Figueiredo Raposo, R. B. (2017). EscreverCOM: com quem? com o quê? para quê?/WritingWITH: with whom? with what? For what?. *Revista Polis e Psique*, 7(2), 176-190. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v7n2/n7a12.pdf>

Siqueira, I. R., Magalhães, B., Castelo-Branco, T., & Granda, S. (2019). *Metodologia e relações internacionais: debates contemporâneos*. Ed. PUC-Rio.

Stamatto, M. I. S. (2002) Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549 - 1910). In: *Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação*. Natal, Rio Grande do Norte. NAC. <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539>

Tatagiba, L. F., & Custódio, S. (2022). Cientistas brasileiras em movimento. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(7), e00083322. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT083322>

Tribunal Superior Eleitoral [TSE]. (2022). *Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil é comemorado nesta segunda (24)*. <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2020/Fevereiro/dia-da-conquista-do-voto-feminino-no-brasil-e-comemorado-nesta-segunda-24-1>

Tribunal Superior Eleitoral [TSE]. (2016). *Emenda Constitucional de 1985 garantiu o direito ao voto aos eleitores analfabetos*. <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2016/Novembro/constituicao-de-1985-garantiu-o-direito-ao-voto-aos-eleitores-analfabetos>

Tsallis, A. C., Almeida, B. P., Melo, R. C. D., & Bredariol, T. D. M. (2020). Do anonimato à política de nomes: pesquisas de campo com teoria ator-rede. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 10(1), 180-198. <https://doi.org/10.26864/pcs.v10.n1.9>

Tsallis, A. C., & Rizo, G. (2010) Teoria AtorRede: um olhar sobre o trabalho de campo em psicologia (pp. 222-232). In: A. A. L. Ferreira, L. L. Freire, M. Moraes, & R. J. J. Arendt (Orgs.). *Teoria Ator-Rede e Psicologia*. Nau.

Zenha, L. (2018). Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? *Caderno de Educação*, 49(1), 19-42.

<https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809/1541>

GLOSSÁRIO

Bjo – Beijo
Blz – Beleza
Cmg – Comigo
Dps – Depois
E aew – E aí
Facul – Faculdade
Hj – Hoje
Kkkkkk – Risada
Loka - Louca
N – Não
Ngm – Ninguém
P – Para
Peraí – Espera aí
Pq – Porque
Q – Que
Qdo – Quando
Td – Tudo
Vc – Você
Vlw – Valeu